



1858

1958

**1.º CENTENARIO DE
LENÇÓIS PAULISTA**

28 DE ABRIL



Ao 1.º Centenário de Lençóis Paulista, a saudação do

POSTO SÃO CRISTOVÃO
AGENCIA CHEVROLET

Uma organização a suas ordens

Rua 15 de Novembro, 700 - Fones, 15 e 23 - Caixa Postal, 78
Lençóis Paulista

NOTAS PARA A HISTÓRIA DE LENÇÓIS PAULISTA
quer dizer que se tratam de apontamentos que poderão servir,
no vindouro, aos que se aventurarem a um trabalho mais com-
pleto do que o nosso.

*Esta não é, todavia, uma obra completa. História alguma
jamais é definitiva, sempre está sujeita à retificações tão logo
apareçam documentos e fatos admitidos como certos.*

*Quem nos acompanhar na leitura dêste trabalho, por certo,
encontrará muita coisa para anexar-lhe ainda.*

*Com a presente explicação estamos advertindo de que a
história de Lençóis Paulista está à espera de muitos pesquisa-
dores. Nesse campo há muito ainda que se percorrer. A documen-
tação do passado lençoiense é muito esparsa, difícil de se reunir,
principalmente no que se refere ao século passado.*

*Aventuramo-nos reunir os presentes dados, mais pelo amor
que dedicamos à terra, principalmente sabendo que está come-
morando o seu primeiro centenário.*

*“De minha terra, para minha terra / Tenho vivido /
Meu amor encerra / A adoração de tudo quanto é nos-
so / Por ela, sonho, num perpétuo enlevo / E, incapaz
de servi-la quanto devo / Quero ao menos amá-la quan-
to posso”.*

*Devemos palavras de agradecimentos aos que nos auxilia-
ram, por diversos modos, em coligir dados com os quais tivemos
a possibilidade de apresentar NOTAS PARA A HISTÓRIA
DE LENÇÓIS PAULISTA: Snr. Oswaldo de Barros, Deputado
Geraldo de Barros, Snr. Evaristo Canova, Sr. Francisco Garri-
do, Snr. Antonio Carlos Nelli, Snr. Eddy Eurípedes Coneglian,
Snr. Luiz Vicente Rossi, Dr. João Sabino Neto, Capitão Murray
M. de Carvalho, Revmo. Pe. Luiz O. Andrade, prof. Elzo Terra
Garbino, Sr. Alipio Pereira e Snr. Segundo Angelo Pavanato.*

Dezembro de 1.957

ALEXANDRE CHITTO

Notas para a história de Lençóis Paulista

NOTAS PARA A HISTÓRIA DE LENÇÓIS PAULISTA.

São bem conhecidas as epopéias dos primitivos bandeirantes paulistas. Tendo os rios como principais vias de penetração, inegavelmente, de um modo geral, parte alguma ficou inexplorada na época das históricas bandeiras.

Posteriormente, exploraram-se o interior dos campos e das matas, fixando-se os primeiros núcleos de habitantes.

A região que compreende atualmente: Botucatu, Avaré, Bauru, São Miguel, Santa Cruz do Rio Pardo, Santa Bárbara do Rio Pardo, Lençóis Paulista etc. foi explorada na mesma época, ainda que os exploradores não conseguissem garantir, de início, os pontos fixados, devido os ataques contínuos dos índios, que disimavam inteiramente os pequenos postos avançados.

O selvícola era o maior problema para os embrenhadores das matas.

O exemplo é o caso de Felicíssimo Antonio Ferreira.

Felicíssimo, possuidor de uma fazenda onde seria a sede da cidade de Bauru, em 1858, fôra atacado pelos índios e só por milagre escapou com sua família. (1)

Em 1867, o selvícola ainda era grande pesadelo dos povoadores de Botucatu, Avaré, Lençóis Paulista e outras pequenas povoações.

PAULISTAS

Amador Nogueira Cobra, "EM UM RECANTO DO SERTÃO PAULISTA" diz que no vale do Paranapanema, os imensos campos achavam-se na mais vasta solidão.

Os paulistas, de então, estavam mais preocupados com o litoral, Vale do Paraíba e territórios ao redor de São Paulo, onde desenvolviam a sua vida agrícola, despreocupando-se com o povoamento dos sertões, não obstante tivessem conhecimento da fertilidade do solo, ainda despovoado, região que compreende Itapetininga, Taubaté e os terrenos do município de Lençóis.

O governo não dispunha de meios suficientes para garantir as "posses". Assim ficou até quando se promulgou a lei 601 de Setembro de 1850, que encerrava definitivamente a série de apropriações de terras.

José Theodoro de Souza

Ainda Amador Nogueira Cobra, "EM UM RECANTO DO SERTÃO PAULISTA" diz que em meados do século XIX, um destemido jovem mineiro, José Theodoro de Souza veio à procura de terras de cultura, afim de ocupá-las. Aventurou-se explorar a região do Paranapanema.

José Theodoro de Souza saiu de Pouso Alegre, Minas Gerais, atingindo a Província de São Paulo, seguindo em direção a Mogí Mirim, por onde passou, rumando para Botucatu.

Léguas além de Botucatu, o aventureiro mineiro atingiu as vertentes do rio Pardo, afluente do Paranapanema. Seguiu, depois, pelos campos que ficam ao lado de Lençóis Paulista e por São Domingos, continuando sua avançada para regiões além.

Mais tarde, José Theodoro de Souza voltou ao Turvo, regressando para Botucatu.

Em Botucatu, ultimou os atos de posse das terras exploradas, apresentando-se ao Vigário da Paróquia, para o registro e declarações que a lei exigia.

José Theodoro de Souza, pretendendo povoar as terras por êle exploradas, compreendeu que não era fácil, quanto impossível, encontrar famílias cujos chefes se

aventurassem a uma vida desprovida de qualquer recurso e sem garantia contra os índios, principalmente entre os paulistas.

Decidiu-se, então, José Theodoro voltar à sua terra natal, trazendo consigo gente de Minas.

O jovem mineiro viveu em diversas partes ao redor da Freguezia de Lençóis, deixando descendentes no município.

No bairro de Fartura, encontramos diversas ramificações de José Theodoro de Souza. Era avô do Coronel Joaquim Anselmo Martins, abastado fazendeiro e homem de elevado prestígio político naquela localidade.

Pelo seu consórcio era parente do falecido Joaquim Fermiano da Silva, cujos descendentes, muitos dos quais, residem entre nós, o sr. José Paulino da Silva, que é elemento de destaque na cidade.

Dissemos que em companhia de José Theodoro de Souza vieram inúmeras famílias mineiras, passando também a viver ao redor desta Freguezia. Um tentaram novas aventuras e outras fixaram-se por aqui.

Não são poucos, residentes no território lençoiense que se dizem originários dos troncos companheiros do jovem mineiro: Pereira, Pires, Lemes, Anselmos e outros.

Em 1872, José Theodoro de Souza já havia fundado a Capela de São João, de São Pedro e São José dos Campos Novos.

No dia 1.º de Março daquele ano, o "matador de índios" esteve na Vila de Lençóis, requerendo à Idilidade lençoiense para que se lhe atestasse o seguinte:

"Nesta data foi apresentado um requerimento articulado de José Theodoro de Souza em que pedia que lhe atestasse os referidos artigos, que consistia no seguinte: primeiro se é homem sexagenário; segundo se tem sido apossante e se é sertanejo; terceiro se tem aberto a sua custa muitas léguas de estradas, quando fundou a Capela de São João de São Pedro, provendo-a do preciso, e se está hoje uma Freguezia importante do município e se está dando começo a uma de São José dos Campos Novos, seis léguas além. Se assim praticando tem sido útil ao público; e finalmente se é religioso e bom cidadão ou não, que sendo ouvido pela Camara deliberar por unanimidade que se lhes atestasse pela afirmativa". (1)

O proprietário primitivo da Fazenda Rio Claro era o Capitão Ignácio Apiaí, que acabando nas mãos dos índios nas mediações dos seus territórios, resultou a união do Poqueirão e Pulador, abertas estas por um tal Raymond que logo as transferiu aos genros: Capitão Joaquim Gabriel de Oliveira Lima e José Inocencio da Rocha.

Francisco Alves Pereira.

Conta-se que naqueles tempos, o bandeirante Francisco Alves Pereira, entrando em desentendimento com os membros da caravana da qual tomava parte, que fazia o trajeto Itu-Goiás, com alguns companheiros, abandonou a excursão, lançando-se à aventura de explorar um dos afluentes do Tietê: o rio Lençóis.

Essa pequena região, com uma extensão de meia légua de cada margem do rio Lençóis, primitivamente, formava a sesmaria do Porto-Felicense-Antônio Antunes Cardia que D. João VI lhe havia dado, nos tempos em que era domínio dos índios ferozes.

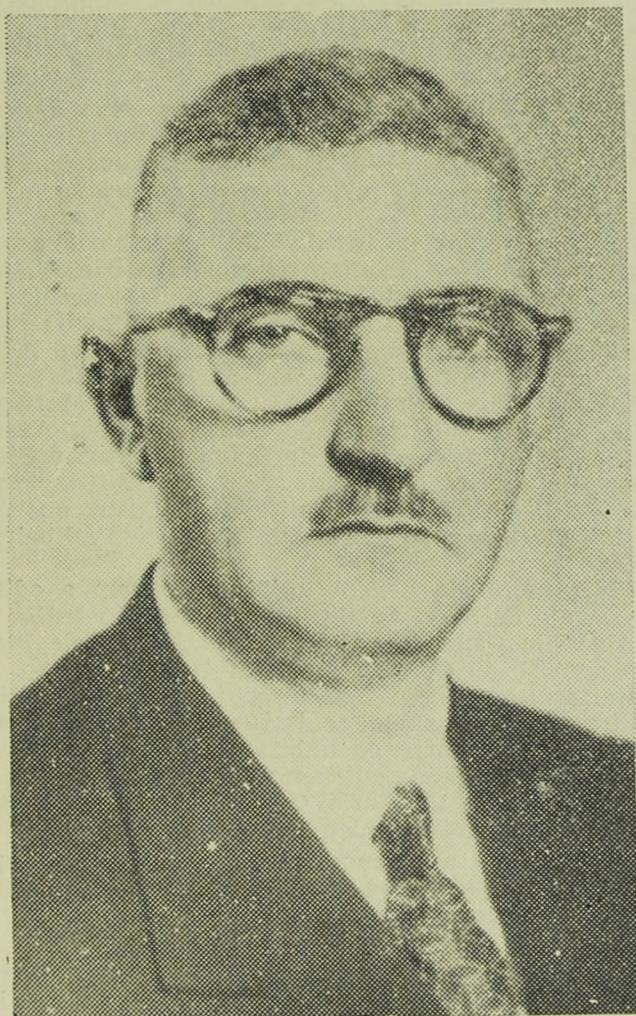
Já, nessa época, constituía um posto avançado e antigo para pouso dos viajantes que iam e voltavam do sertão. A sua oficialização e auxílio por parte dos poderes botucatuenses, muito contribuiu para estimular a fixação dos povoadores, entre êles o próprio Francisco Alves Pereira, que deu grande impulso ao lugar.

(1) Achegas para a História de Botucatu — pag. 10 — Hernani Donato.

(1) Livro de Atas N.º 1 — pag. 86 — Prefeitura.



Dr. JANIO QUADROS
Governador de São Paulo



Sr. Oswaldo de Barros
Prefeito Municipal — em licença



Sr. Arcangelo Brega
Vice-Prefeito em exercício

Origem do nome Lençóis.

Há diversões sobre a origem do nome que recebeu nossa terra.

No Dicionário da Terra e da Gente do Brasil, de Bernardino de Souza vem registrado o termo Lençóis. Explica o autor que "assim se chama na costa maranhense uma série de dunas que se prolongam desde o golfo do Maranhão até a Fóz do Paraíba.

O nome Lençóis, lembra, diz o referido autor, citando Raymundo Lopes, a indefinida extensão desolada e desnuda, que se estende a leste, do golfo do Maranhão, como primeiro trecho da árida costa nordeste, ondeando em carnahubas e morros de areia, até a extremidade continental de São Roque".

Esta hipótese deve ser posta de lado, porque o aspecto natural do município de Lençóis Paulista, apresenta um panorama muito diferente daquele que acima se menciona. Talvez, haja influenciado para originar o nome da Lençóis da Baía, cidade um tanto mais velha do que a sua homônima paulista.

Há quem afirme que o nome Lençóis originou-se pela grande quantidade de capim "Favorito", no que século XIX tomava as extensões baixas.

Outros, entretanto, dizem que os exploradores primitivos deram, na ocasião, com intensa florada de cabirobas, cobrindo largas áreas campestres, tomando aspectos de colossais lençóis. Mas a mais certa e credenciada no conceito dos nossos antigos, é que um dos tributários do Tietê, o rio Lençóis, na sua desembocadura, formava onde que, ao reflexo do sol, representavam tantos pequenos lençóis.

Os excursionistas, que faziam o trajeto Itu-Goiás, chegando à desembocadura do rio Lençóis, diziam: "chegamos ao rio dos Lençóis. Mais tarde, Francisco Alves Pereira, subindo o rio, veio, dar a esta região, batizando-a com o nome: "Bairro dos Lençóis".

Ubirama

O sr. Getúlio Vargas, em 1943, decretou a Lei que, desde então, não podia haver duas cidades, ou mais, no Brasil, com o mesmo nome. E existindo Lençóis da Baía, mais antiga que a nossa, aquela gozou o direito de não sofrer a mudança.

Pelo verdor dos seus campos e da sua lavoura, a nossa Lençóis passou a denominar-se Ubirama, pelo espaço de um lustro, ou seja de 1943 a 1948.

Mas pleiteada a volta do antigo nome, hoje, é Lençóis Paulista.

Ubirama é um vocábulo composto de origem tupi. Pode ser interpretado por diversos modos, segundo escreve J. C. D. Aimoré.

(1.º) Estimável ventura. De Ubi, estimável, preferível, e rama, ventura. No norte do país ventura é rataçua ou cataçuba).

(2.º) Estimável região. De Ubi, estimável, e rama, região, país, pátria, conforme os casos, também ocorrem: tetama, tama, tetã etc. Terra, pátria, região.

(3.º) A verde região equivalendo a região das matas, dos bosques e das florestas.

Esta tradução, aliás, correta, é do insigne mestre dr. Lellis Vieira, numa das suas crônicas, no Correio Paulistano, de Ubi, ou Obi, verde, e rama, região, pátria etc. define o verde é Cakira. (4.º) — Região das terras, se Ubi estiver por Ybi, pois era frequente na linguagem tupi, a permuta do Y ou I pelo U. Exemplos: Ibirajara, Ubirajara, Iberaba, Uberaba, Ibirá, Ubirá, Itu, Utu, Taubaté, Taibaté, etc. etc.

A palavra portuguesa Lençóis traduzida para a linguagem geral é: IAMICA' UA - ETC.

ASPECTOS NATURAIS.

O município de Lençóis tem um terreno levemente montanhoso, havendo grandes planícies. Encontram-se vastíssimos campos, com ondulações suaves, semeados de pequenos bosques, aos quais dão o nome de capões, verdadeiras ilhas em oceanos de verdura. (1) O Clima é geralmente bom. Durante o verão é muito quente, no inverno é frio, seco e sadio. São abundantes as chuvas nas estações próprias.

POSIÇÃO, CONFIGURAÇÃO E LIMITES

Lençóis Paulista, está localizada no centro-oeste do Estado. Sua posição astronômica é a seguinte:

Longitude: 48° e 50' Oeste de Greenwich e

Latitude Sul de 22° e 40'.

A sua configuração está subordinada ao vale do rio Lençóis, que corre no sentido Oeste-Leste, pelo norte, enquanto que a sua maior extensão territorial está subordinada ao vale do Rio Claro que corre em sentido contrário ao Lençóis, isto é, Leste-Oeste. Pelo exposto notamos que a parte Noroeste do município é alta e a sudoeste é baixa e a região nordeste é baixa e a Sudeste é alta.

Na região oeste tem grande influência na configuração o vale do Turvinho, afluente do rio Claro.

Em altitudes o município varia de 400 a 800 metros sendo que a sede se encontra a 539 metros.

Por via férrea dista da Capital 372 quilômetros. A distância por rodovia é de 320 quilômetros, enquanto que em linha réta é de 200 quilômetros.

SUPERFÍCIE: 1.200 quilômetros quadrados.

POPULAÇÃO: 15.464 habitantes.

Lençóis Paulista limita-se ao norte com Agudos, Pederneiras e Macatuba; à leste com São Miguel; ao Sul com Avaré e parte de Santa Barbara do Rio Pardo; à oeste com Santa Barbara do Rio Pardo e parte de Agudos.

Os acidentes que marcam esses limites são: Com Avaré: Rio Palmital; com São Miguel: do rio Palmital por uma reta até o rio Floresta, segue por este até o rio Claro, por este até a sua nascente, desta, em linha reta, até o córrego do Vicente, deste até o Ribeirão Areia Branca, deste em linha reta até o rio Lençóis, nas proximidades de Alfredo Guedes. Segue um pouco com o Lençóis até encontrar o limite com Macatuba, daí, em linha reta, até alcançar o ribeirão dos Patos na confluência do rio Bom Jardim onde começa o limite com Pederneiras, seguindo, ainda, o ribeirão dos Patos até receber o ribeirão do Bugre onde começam os limites de Agudos, seguindo o ribeirão do Bugre, até a nascente, desta, em linha reta, até o Lençóis, por este até a foz do ribeirão das Antas, segue em linha reta até atingir os limites com Santa Barbara do Rio Pardo, continua a fronteira demarcada até o rio Claro, seguindo depois o afluente chamado Laranja Azeda até a nascente e desta, em linha reta, até o Palmital, onde tiveram princípio essas divisas.

ORIGEM DO PATRIMÔNIO

Com as diversas partes da Freguesia ocupadas e Francisco Alves Pereira tendo já explorado o rio Lençóis, com a vinda dos itapetininganos, fundou-se a Vila.

A área do terreno onde está situada Lençóis Paulista e os seus três bairros vizinhos: Morimbondo, Amaral e Prata, eram de propriedade, em parte, de Elizeu Antonio Cardia, Fidelix Corrêa de Moraes, Antonio Martins de Siqueira, Antonio Rodrigues de Souza, Ignácio Anselmo de Souza, Antonio Theodoro de Souza e Antonio Siqueira, que pela escritura passada pelo escrivão de Paz da Vila de Botucatu, Francisco Antônio da Costa, aos 22 de julho de 1858, fizeram doação, de glebas à Padroeira de Lençóis.

O Patrimônio de Lençóis originou-se com a edificação da Igreja de São Benedito, sendo seu construtor Antônio Alves de Camargo, vindo especialmente de Piracicaba, a convite do Coronel Joaquim Gabriel.

Anteriormente a essa época, conta-se que nesse local construíra-se uma capela de "páu-a-pique". E surgindo desentendimentos entre os habitantes, a mesma foi queimada, edificando-se outra no espigão oposto, ou seja onde hoje existe a Distilaria Central. Assim, Lençóis ficou dividido em dois pequenos patrimônios.

Mas, pelo que apuramos, são somente versões, porque como adiante veremos, o chefe da povoação não permitia a concessão de terrenos fóra do perímetro por ele determinado.

Dado ao seu crescente desenvolvimento, Lençóis foi elevada a Freguesia pela Lei n.º 36 de 28 de Abril de 1858, sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade e a Vila pela Lei n.º 90 de 25 de Abril de 1865. Até o ano de 1860, foi termo Judiciário da Comarca de Itapetininga. Passou a município em 12 de Julho de 1866; a termo da Comarca de Botucatu a 23 de Fevereiro de 1876 até

(1) Antigamente o Município de Lençóis era tão rico em matas que Presidente da Província solicitava da Câmara amostas de madeiras, para a construção civil e naval: altura, diâmetro, qualidade, valor até dos raminhos das árvores, cobertura de algumas flores.

1877, quando foi elevada a categoria de Comarca pela Lei n.º 25 de 7 de Maio de 1877 e classificada pelo Dec. 6.699 de 19 de Setembro, sendo instalada a 20 de Outubro do mesmo ano e classificada em primeira entrância; à cidade em 31 de Dezembro de 1895.

Lei que elevou Lençóis a categoria de Freguesia

“José Joaquim Fernandes Torres, do Conselho de Sua Majestade o Imperador, Senador do Império, Presidente da Província de São Paulo et c. Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléa Legislativa Provincial, decretou e eu sancionei a lei seguinte:

Art. 1.º — Fica elevada a categoria de freguesia com as mesmas divisas, digo, com a mesma denominação o Bairro dos Lençóis do município de Botucatu.

Art. 2.º — O governo ouvindo as autoridades de vila Botucatu, marcará as divisas dessa freguesia.

Art. 3.º — Ficam revogadas as disposições em contrário.

Mando portanto a todas as Autoridades a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O Secretário desta Província a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palácio do Governo de São Paulo aos vinte e cinco dias do mez de Abril de mil oitocentos e cinquenta e oito.

(L. S.) José Joaquim Fernandes Torres
Carta de Lei pela qual Vossa Excellencia manda executar o decreto da Assembléa Legislativa Provincial, que houve por bem sancionar, elevando a cathedra de freguesia com a mesma denominação o Bairro dos Lençóis do município de Botucatu, na forma assim declarada.

Para Vossa Excellencia vêr, Francisco Martins de Almeida a fez.

Publicada na Secretaria do Governo de São Paulo aos vinte e oito dias do mez de Abril de mil oitocentos e cinquenta e oito.

João Carlos da Silva Telles.

Registrada nesta Secretaria do Governo no livro 4.º de Leis a fl. 162 em 28 de Abril de 1958.

Francisco Martins de Almeida. (Leis e Decretos do Estado de São Paulo — 1858)”

Lei elevando a freguesia de Lençóis a categoria de Vila.

“O Doutor João Crispiniano Soares, do Conselho de S. M. o Imperador, e presidente da Província de São Paulo, etc. etc.

Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembléa Legislativa Provincial Decretou, e eu sancionei a Lei seguinte:

Artigo Único. Fica elevada a cathedra de villa, a freguesia de Lençóis, do município de Botucatu, substituindo a mesma denominação e divisas atuais.

Revogadas as disposições em contrário.

Mando portanto a todas as Autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém.

O Secretário desta Província a faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palácio do Governo de São Paulo, aos vinte e cinco dias do mez de Abril de mil oitocentos e sessenta e cinco.

João Carlos da Silva Telles

Registrada a fl. do livro competente. Secretaria do Governo de São Paulo, 25 de Abril de 1865.

Julio Nunes Ramalho da Luz (Leis e Decretos do Estado de São Paulo — 1865)”

O Câmara p'iteando a Comarca.

Ilmo. e Exmo. Snr. A Câmara Municipal desta villa de Lençóis, em sessão do dia 12 do corrente deliberou que por intermédio de V. Excia. levasse ao conhecimento da Assembléa Provincial a necessidade de criar-se uma Comarca denominada de Lençóis. É conhecido o vasto terreno occupado pela Comarca de Botucatu, tem de com-

primto do lugar denominado Rio Feio ao Rio Paraná, em frente a tributário Rio Pardo 534 quilometros, e de largura, termo médio entre os Rios Tietê, e Paranapanema 160 quilometros, e dentro desta área estão três Termos, 9 são distintos; sendo o de Botucatu composto da cidade do mesmo nome, das Freguezias de Nossa Senhora dos Remédios, Rio Bonito, e das Capelas de São Manoel e de Nossa Senhora da Aparecida. O Rio Novo da Villa dêste nome, e o de Lençóis da Villa dêste nome, das Villas de Santa Eárbara do Rio Pardo, e de Santa Cruz do Rio Pardo e das Freguezias de São Pedro do Turvo, e São Domingos e das Capelas do Espirito Santo do Turvo, São José dos Campos Novos, e do Espirito Santo da Fortaleza. A vista das Vilas e Freguezias existentes V. Excia. reconhecerá que a justiça é mal administrada, e tratando a Comarca do melhoramento moral, e material deste importante torrão, espera V. Excia. como robusta alavanca do progresso fará chegar a Assembléa Provincial a aludida necessidade.

A nova Comarca de Lençóis deve formar-se dos Termos de Lençóis e Rio Novo, ficando Lençóis por sua importância a cabeça da Comarca, e deste modo é possível que ali a justiça seja melhor administrada.

Deus o guarde V. Excia.

Lençóis, 14 de Fevereiro de 1877 (Sessão Histórica do Departamento do Arquivo do Estado).

Instalada a Comarca em 1877, foram nomeadas as primeiras autoridades: Juiz de Direito, dr. João Batista de Oliveira Cesar e Promotor Público, dr. Simão Eugenio de Oliveira Lima.

Em 1877, já era Juiz de Direito o dr. Joaquim do Amaral Gurgel, que serviu seis anos de Juiz Municipal em Botucatu. Em 1889, eram Juiz de Direito o dr. Leopoldino M. Andrade e Promotor Público o dr. Augusto E. de C. Fonseca. E em 1890, a Promotoria estava a cargo do dr. Augusto Elysio Fonseca, isto é, de Castro Fonseca e no ano de 1892, occupavam a Magistratura e a Promotoria os drs. Richert e Amazonas Pinto, respectivamente.

Na época da transferência da Comarca, era Juiz de Direito o dr. Leocadio Leopoldino da Fonseca (1).

No dia 19 do mês de Abril de 1890, o Presidente da Câmara levou ao conhecimento do Conselho, que em 20 de Março, o Fiscal da Intendencia havia multado em 5\$000 e três dias de prisão, o Promotor Público dr. Augusto Elysio de Castro Fonseca e o cidadão Adriano de Tal, por terem violado o artigo 33.

O Promotor Público não obedeceu a ordem de prisão e Adriano fugiu, para não ser surpreendido pela escolta em sua residência. (2)

ALGUNS REGISTROS, ESCRITURAS E APONTAMENTOS ANTIGOS.

Em 1872, Lençóis possuía uma população de 6.000 habitantes, no seu município, reduzindo-se em 1886 a 4.500, attribuindo-se esse fato ao êxodo de muitas famílias para outras regiões.

No ano de 1885, registraram-se 128 nascimentos, houve 45 casamentos, nascendo, nessa mesma época, maior número de mulheres do que homens, 66 do sexo feminino contra 61 masculinos, sendo de ambos os sexos 3 ilegítimos.

Em 1885, houve ainda 42 casamentos entre solteiros: 2 de solteiros com ciúvas; 2 de viúvas com solteiros e 5 enlaces de estrangeiros com brasileiras.

Em 1886, o Juri da Comarca julgou dois processos, ambos por homicídios. Os réus foram absolvidos. Os criminosos eram analfabetos e nacionais. Nesse mesmo ano, foram processados 23 tutélas na importância de 12.605\$536.

Escrituras.

Compra de 3 partes de uma escrava mulata de nome Rufina, pelo preço de 1.000\$000, escritura lavrada em 4 de Abril de 1863.

20-2-1861 — Escritura de 1 casa, vendedor João Baptista Monteiro Prado e sua mulher d. Maria Luiza das Dores, comprador José Joaquim de Abreu e Silva.

1860 — Escritura de uma Sorte de terra, no Ribeirão da Fartura, que vende João Pires Cardoso e sua mulher d. Maria de Godoy, comprador D. Francisca Pereira da

(1) O dr. Leocadio Leopoldino da Fonseca, de Agudos sendo transferido para Caconde, foi assassinado naquela cidade.

(2) Livro de Atas N.º 3, pag. 12 — Prefeitura.

Silva. (Lençóis Freguezia, pertencendo à Comarca de Itapetininga, escrivão interino de Paz, Joaquim Alves de Oliveira Touguinho.

13-5-1863 — Escritura da compra de um escravo por 200\$000, sendo vendedor Laurico Thomaz da Silva e comprador José da Silva do Espírito Santo. (Escrivão Interino de Paz Tenente Manoel de Almeida Tahdo.)

Os primeiros Registros no Cartório Civil de Lençóis

NASCIMENTO 1/11/1875.

Francisco, filho de Antônio Domingues de Oliveira e Maria Rita da Conceição, nascido às 9 horas. (Livro 1, fls. 1).

CASAMENTO 15/1/1876

Mariano Lorenço e Mariana Maria Tereza. (Livro 1, Fls. 1).

FALECIMENTO 1876.

Alfredo, filho do Alferes João Damasceno da Rocha, falecido no dia 3 de Janeiro, às 8 horas, com 1 ano e 4 meses de idade, doença: Manta de Febre.

PROCURAÇÃO 17/2/1861.

Outorgante João Batista Monteiro Prado; Procuradores: Jorge Joaquim de Eyras e Vicente Ferreira Lopes. Livro 1 — fls. 21.

PROGRESSO DO MUNICÍPIO E DA CIDADE DE LENÇÓIS PAULISTA

Para conhecermos mais detalhadamente o progresso e desenvolvimento do município e da cidade de Lençóis Paulista, abriremos um capítulo para cada assunto. Julgamos conveniente detalhar a vida lençoense e, em parte, trazê-la até os nossos dias.

INSTALA-SE A CÂMARA NA VILA.

Código de Posturas e suas primeiras Leis.

No dia 12 de Julho de 1866, instalou-se a Câmara na Villa de Lençóis, sendo o seu Presidente Generoso Antônio de Oliveira e vereadores: Theodoro Reis de Lara Campos, José Pereira, Miguel Augusto Reis de Almeida e Estevão Corrêa de Mores Bueno.

O pequeno e modesto recinto, localizado nas proximidades da atual "Biquinha", estava tomado de autoridades, algumas de Botucatu e curiosos populares. Entre as autoridades figuravam os quatro Juizes de Paz, eleitos no ano anterior, 1865, quando Lençóis Freguezia, empossados naquela ocasião, os quais obtiveram a votação seguinte: Silvestre Corrêa de Moraes Bueno, 156; Joaquim de Paula Ferreira Queiroz, 150 votos; David Manoel Lopes, 128 votos e Manoel José Ferreira, 128 votos.

Não havendo um Código de Posturas, através do qual fossem emanadas as primeiras leis, a Câmara, naquele dia, resolveu adotar o de Botucatu, até a formulação e aprovação do seu. E também foi aprovado o pedido ao governador da Província na importância de 300\$000, para a aquisição de móveis, livros e outros utensílios.

No dia seguinte já eram indicados: fiscal, Antonio de Paula Garcia, suplente Alexandrino José de Almeida, procurador Joaquim Delfino Lacerda; porteiro Francisco de Souza Santos Camargo.

Entretanto, o vereador Theodoro Raiz de Lara Campos protestou contra a indicação do primeiro, que só tomou posse no dia imediato.

A 12 de Outubro era indicado Antônio Francisco Bittencourth, secretário da Idelidade, o qual foi aceito.

Uma Câmara existente e sem o conhecimento exato das necessidades mais urgentes do município e quais seriam os gastos acarretados, foram encarregados os fiscais de apresentarem relatórios, afim de ser levantado o orçamento.

Não havia numerário para se fazer face à despesa por menor que fosse: o porteiro com 30\$000 mensais e o secretário 150\$000 anuais, não poucas vezes tinham que requerer à Câmara para o recebimento do seu salário e só ainda era pago quando aprovado pela mesma.

Sem leis próprias e não havendo dinheiro para qualquer empreendimento, a Villa de tudo dependia da Província: construção de Pontes, aberturas de estradas, picadões, reforma de prédios públicos, Igreja etc.

E o Código de Postura se fazia esperar, em parte, em virtude de Lençóis estar com a esperança da anexação de São Domingos.

Em 1871, a Receita e Despesa do município, orçavam em 991\$000 e um ano após, a primeira em 1.043\$000 e a segunda em 1.197\$000, havendo, portanto um déficit de 154\$000.

Era imperioso, então, que Lençóis elaborasse suas leis municipais quanto antes. Em 1871, a Idelidade solicitava do governo da Província a aprovação do seu Código de Posturas, já formulado em 71 arts. mas aprovado somente em 61. No ano seguinte, a Câmara lençoense encaminhava ao governo um Código com 244 arts.

E desde então, Lençóis vai se emancipando das leis de Botucatu.

Em 1875, aprovava-se um Código de Postura com 110 art. As Leis, mais enquadradas na evolução e existência da população, eram executadas com maior rigor, em todos os setores de atividade: instrução pública, comércio, higiene etc.

Proibia-se fogos nos campos e nas matas, que devido às grandes geadas de então, causavam enormes prejuízos. Aos infratores era-lhes aplicada a multa de 200\$000 e 30 dias de reclusão. Criava-se o imposto anual de um mil réis à varões e senhoras nacionais e estrangeiras, maiores de 21 anos, que vivessem do seu trabalho ou rendimento. A arrecadação seria empregada em prol da instrução pública. Taxava o comércio ambulante, mascates. Tratava-se da cobrança do imposto aos carros de boi, que vivessem de rendimento, pôs-se em execução a aferição de pesos e medidas. E de acordo com o Código Criminal, 229, proibia-se o porte de armas: pistólas ou garruchas, de um ou dois canos, revólveres, facas de ponta, rifles, trabucos, punhais, espadas, estóques, mesmo submetidos em bengalas, bastões, guarda-chuvas, sovelões, segalhas e canivetes de molas, uma vez que a arma fôsse pontuda. Era permitido somente aos carreiros e tropeiros o uso da faca de ponta, quando estivessem em exercício da sua profissão. Como também era permitido o uso de armas aos oficiais de justiça, quando em deligência.

Baixou-se também uma portaria requisitando Juizes de Orfãos: Major José Inocêncio da Rocha, capitão José Theodoro Pereira, Alferes Manoel José Ferreira e Capitão Delfino Alexandrino de Oliveira Lima Machado, intimados a tomar posse no dia imediato.

Com o Código de Postura próprio, a Idelidade lençoense conseguiu dar execução com maior eficiência ao seu programa de administração, tanto na Villa, como no interior do município.

DIVISAS ANTIGAS.

"A Lei n.º 36 de 28 de Abril de 1858, elevando a Distrito de Paz o Bairro dos Lençóis, no município de Botucatu, declarou que o governo de Lençóis, ouvindo as autoridades da Villa de Botucatu, marcará as divisas do novo município".

A Lei n.º 23 de 1.º de Julho de 1867, anexou a esse município, desanexando ao de Botucatu a fazenda do Capitão Benjamim Dias Batista. A de n.º 56 de Abril de 1868 desanexou a Freguezia de São Domingos (1) do município de Potucatu para anexar ao município de Lençóis. A Lei n.º 23 de 30 de Março de 1874, assim marcou as divisas entre este município com o Rio Novo e Botucatu: Rio Pardo abaixo até frontear a Barra da Varetta, no Rio Novo. Desta Barra rumo à Barra água de Desidério Pires, nos 3 Ranchos; por esta acima até à sua cabeceira, dêste rumo, cortando a entrada do Rio Pardo, à cabeceira do Virador, por este abaixo até o Rio Paranápanema e daí pelas divisas atuais. A Lei n.º 55 de 11 de Maio de 1887 declarou ficar pertencente a este município, desligada de Potucatu, a parte da fazenda denominada Bosque, do Coronel Joaquim de Oliveira Lima. A mesma Lei desligou dêste município para anexá-la ao de Botucatu a fazenda do Banharão do Capitão Tito Corrêa de Mello. A Lei n.º 79 de Abril de 1880 declarou que as divisas entre os municípios de Santa Cruz do Rio Pardo, Santa Barbara do Rio Pardo, Lençóis e o Curato de Espírito Santo de Fortaleza (hoje Bauru), seriam: entre Santa Barbara do Rio Pardo e Lençóis: começarão

(1) Criada a Freguezia de São Domingos pela Lei N.º 27 de 20 de Abril de 1858, a Lei n.º 41 de 16 de Abril de 1874, transferiu a sede desta Freguezia para a Capela de Santa Barbara do Rio Pardo.

no Rio Claro da barra do Rio Turvinho e por este acima até à sua cabeceira, desta ao alto da serra dos Agudos, pela serra em diante até as divisas da fazenda de Antônio Romão da Silva, Manoel Gomes de Oliveira e outro. Depois descendo pela divisa do sítio de Pedro Gordo até o ribeirão dos Barreiros, por este acima até o córrego da Jaboticabeira, por este acima até ao alto da serra dos Agudos e pelo mesmo alto até o portão que existe na estrada que vem para Lençóis.

Entre Lençóis e o curato de Espírito Santo de Fortaleza: começarão no dito portão que existe na estrada que vem da casa de Manoel Gomes de Oliveira para Lençóis; seguirá pela mesma estrada a esquerda até em frente ao córrego da Olaria de José Egmydio da Silva, pelo córrego abaixo até a barra do rio dos Patos e por este abaixo até o rio Tietê, ficando os terrenos a esquerda da estrada para o Curato de Fortaleza. A Lei n.º 109 de 25 de Abril do mesmo ano assim marcou as divisas entre o distrito de São Miguel e o município de Lençóis: continua a ser pelo ribeirão de Lúcio de Tal até perto da sua casa; daí em linha reta à casa de Joaquim Fernandes, daí seguirá o rumo diretas ao espigão desde a cabeceira do ribeirão da casa de Manoel Claudio e pelo ribeirão abaixo até o rio Tietê, ficando desligadas àquele município as fazendas de Joaquim Henrique Alves e outros. A Lei n.º 12 de 6 de Março de 1882 declarou que as divisas entre Lençóis e São Manoel seriam as determinadas na Lei n.º 109 de 1880.

A Lei n.º 285 de 7 de Julho de 1894 anexou a este município a propriedade de Joaquim de Oliveira Lima, denominada Dois Córregos.

VIAS DE COMUNICAÇÃO E PENETRAÇÃO

Em 1886, sendo ainda Lençóis "Boca de Sertão, os lençoenses tinham diante de si um vasto programa a executar: estradas, construção de pontes, abertura de picadões etc.

Aos lençoenses coube o papel principal de marcar e construir o sistema de comunicação da região, aliás muito vasto, ligando os pontos longínquos.

Em 14 de Julho de 1866, apresentava-se à Câmara o primeiro projeto: abertura da rodovia ligando São Domingos, entretanto, no ano seguinte, nada ainda se havia feito de positivo, o plano continuava como projeto de discussão.

A 13 de Maio do mesmo anos, os poderes públicos municipais solicitavam do presidente da Província a necessidade de uma estrada entre Lençóis e Piracicaba, passando pela Freguezia de Remédios. E em Outubro entrava um projeto, na Câmara, para se abrir uma rodovia entre a Villa e Piracicaba e outra entre o Prata e o Porto. (1)

Não tardou que a Idelidade lençoense cogitasse também da abertura de um picadão, ligando Lençóis ao Avanhandava, um trajeto de 14 léguas, e de uma comunicação direta com Botucatu. Todavia, em 1870 nada se havia resolvido, em virtude da Província não ter manifestado a sua cooperação na empreza.

Em 1872, discutia-se na Câmara a necessidade de se organizar uma linha a vapor, no Tietê, perfazendo um trajeto da cidade Constituição à barranca do rio Lençóis.

No Ano de 1874, João Antônio Damaceno de Souza comunicava à Idelidade que havia dado início à abertura do Picadão entre Lençóis e o Avanhandava, cujas despesas iniciais desejava receber.

E nessa luta tremenda, cheia de mil e uma dificuldades, os lençoenses foram ramificando estradas, em todas as direcões de suas Paróquias. Mais tarde sucederam-se outros projetos de construção de estradas e melhoramentos das já existentes.

Em 1890, a Idelidade lavrava o contrato com Ang Winand, encarregado pela Diretoria de Obras Públicas, para a construção de uma Balsa, no Tietê, pesando 18.000 quilos e avaliada em 12.000\$000, mas que em 1891, a mesma não havia sido "fabricada".

No ano seguinte, ou seja em 1891, a Câmara lavrava o contrato com o cidadão José d'Arruda Camargo, procurador do dr. Tito Martins Ferreira, para a construção de uma linha Bond a Vapor, com a bitola 0.60, a qual deveria ligar um ponto mais conveniente do Tietê à Lençóis.

Os poderes públicos locais comunicavam-se com o governo da Província, no sentido de ser organizada uma via fluvial, no Tietê, com meio de intercâmbio, entre a Vila e as regiões vizinhas.

Em 1900, o Major Octaviano Martins Brisola apresentava uma indicação à Idelidade, demonstrando a necessidade de uma via férrea, Bonde a Vapor, ligando Borebi à Estação Sorocabana de Bom Jardim, afim de facilitar o escoamento agrícola do município de Agudos. O sr. Brisola apresentou a indicação em forma de contrato, com todos os seus artigos. Entretanto, desconhece-se que ambas as linhas a Vapor tenha sido construídas, ainda que a do Tietê já fosse contratada entre as partes.

Até então, o sistema rodoviário do município era bastante rudimentar, dificultando o intercâmbio comercial, entre a Vila e as localidades vizinhas, mas com a chegada da Estrada de Ferro Sorocabana, em 1898, reduziu-se grandemente o sacrifício do transporte. Em 1931, Lençóis Paulista era ligada à Capital do Estado e a Baurú também, pela rodovia São Paulo Mato Grosso, não tardando, a Lençóis Santa Barbara do Rio Pardo, sendo traçada, depois, a variante Lençóis Macatúba e, esta última, obra da Prefeitura local.

Hoje, Lençóis Paulista tem o seu município ligado por um excelente sistema rodoviário, 1800 quilômetros, o qual se estende à todos os pontos do seu "hinterland" agrícola.

CHEGA A SOROCABANA.

Em 1872, estava aberto o duelo entre a Ituana e Sorocabana pela conquista destas regiões.

Naquela época, a Ituana lançou seus trilhos no trecho Capivari-Tietê e a Sorocabana decidiu-se tomar medidas para que a sua rival não a avantajasse no avanço dos seus trilhos, para oeste. O futuro anunciaria claramente a falência da companhia que não lograsse tal êxito.

E diante dos fatos, o engenheiro C. Spetzler, informava a diretoria da Sorocabana a necessidade de disputar o páreo rumo ao sertão.

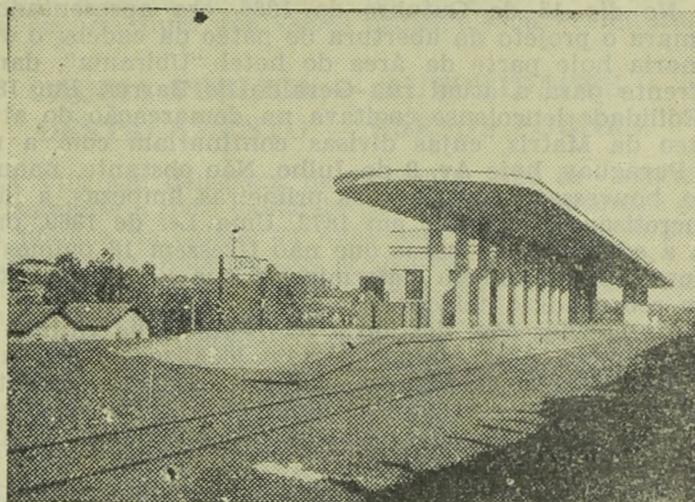
Foi nessa época que a Sorocabana avançou até Boituva, alcançando, mais tarde, Botucatu.

Fóra do páreo, pois, a Ituana, a Sorocabana alastrou-se por esta região, atingindo Lençóis Paulista em 1898.

Naquele ano, o Intendente Major Octaviano Martins Brisola solicitava da Camara para que fosse aprovada um verba de 500\$000, os quais seriam destinados aos festejos de inauguração.

Com a Gáre enfeitada e banda de música, as autoridades e povo e mgeral, em Novembro de 1898, acotovelavam-se na plataforma da Estação, esperando a composição oficial.

Estava presente também o sr. João Baccili, empreiteiro-construtor da Estação. (1)



Estação da Estrada de Ferro Sorocabana

Um ano após, a Sorocabana lançou seus trilhos até Bom Jardim, permanecendo naquela localidade, como ponta de linha, por longo espaço de tempo, o que concorreu para transformar a pequena Estação num centro comercial que, para a época, era considerável.

(1) Velhos lençoenses afirmam que a política convenceu a Sorocabana a alterar o traçado da Estrada de Ferro. A estação local já estava localizada, isto é, era para ser edificada não muito distante do "Sobradão", no alto da cidade.

(1) No seu início, a saída e entrada principal da Vila era pelo rio Prata, visto os campos favorecerem as vias de comunicação.

URBANISMO-DESENVOLVIMENTO

Em outra parte dissemos que o Patrimônio de Lençóis teve início com a edificação da Igreja de São Benedito, no espigão entre o rio Prata e o Lençóis, no período de 1850 a 1855.

Os poderes públicos estiveram empenhados por longo tempo em evitar que a Vila se desenvolvesse em sentido ao rio Lençóis, proibindo a concessão de terrenos devolútos, os quais não estivessem situados no dorso do espigão, ou, na pior das hipóteses, na área à margem do Prata.

Em 1887, ainda encontramos essa pretensão da Câmara, quando adquiriu terrenos do Barão Mello de Oliveira, que estaria compreendendo hoje a Vila "Maestra Amélia" e suas imediações, pela importância de 1.200\$000, construindo ali o mercado municipal.

A princípio as leis eram plenamente atendidas; as residências e prédios edificavam-se nos lugares pré-determinados. Construiu-se o afamado sobradão, de propriedade do Coronel Joaquim Gabriel, residência rica e luxuosa, tornando-se o ponto atrativo das reuniões da elite de então.

A propósito, conta-se do "sobradão", que um viajante francês trazia uma carga de moedas de ouro, roubadas na capital e sendo perseguido por uma escolta, veio a Lençóis, com o pensamento de continuar a fuga.

Mas, receioso de ser surpreendido no casarão onde havia se hospedado, à noite fugiu, deixando a preciosa carga enterrada.

O francês nunca mais deu ar de sua existência.

A história divulgou-se e o povo começou afluír ao local em romaria, fazendo escavações, para encontrar o tesouro. Muita gente bôa, anos mais tarde, quando já o "sobradão" em ruínas, esteve com a pá na mão, escavando, em noite de luar.

Depois, entretanto, ficou confirmada ser pilhéria de um capitão farmacêutico da Guarda Nacional, tirando algum proveito da situação.

O desenvolvimento e progresso da Vila foram atraindo novas famílias, as quais, aqui chegando, davam preferência aos territórios em sentido ao rio Lençóis, para construir suas residências, porém foram impedidas pelo chefe da povoação.

A 10 de Janeiro de 1867, a Câmara proibia a concessão de datas de terreno devolútos, no patrimônio, para edificações em lugares *"das que se achão desmembradas, afim de que fiquem incorporadas à povoação e tornoseada obstando para esta forma de que os edificios fiquem ralissimos."*

Mas, a conselho, de um rábula, o qual afirmava que a população podia fixar-se onde bem quizesse, a Villa desceu em sentido ao Lençóis, contrariando a Lei.

Pensou-se, então, na abertura de novas ruas e praças.

No dia 15 de Outubro de 1866, era apresentado à Câmara o projeto da abertura do pátio da cadeia, o qual tomaria hoje parte da área do hotel "Ubirama", dando a frente para a atual rua Geraldo de Barros. Em 1867, a Edilidade lençoiense cogitava na demarcação do atual pátio da Matriz, cujas divisas confinariam com a rua do Paraguai, hoje Av. 9 de Julho. Não obstante, naquele ano, houvessem executado as primeiras limpezas, a idéia concretizou-se somente em 1872. Uma Lei de 1869, proibia a edificação de casas que não tivessem 18 palmos de altura, com otambém determinava que as mesmas fossem rebocadas e caiadas.

As boiadas com destino a São Paulo, que vinham de Mato Grosso, nem sempre podiam localizar-se em lugares devidos e a Câmara, cooperando no transporte terrestre do gado, destinou-lhe uma área defronte à casa do sr. Antonio Marques Ribeiro, denominada "Largo Riachuelo". (1).

Em 1877, o capitão Antônio Frustuoso da Rocha pretendia vender à Câmara um terreno para abertura da rua do Comércio, porém a transação não se realizou por falta de numerário. Naquêl ano mesmo, o Cel. Mamede de Oliveira Rocha doou parte de sua propriedade, afim de facilitar o prolongamento daquela artéria, que ligaria a estrada de Botucatu.

Até ao alvorecer do século XX, as ruas da Vila tomavam, praticamente e mesmo nas repartições públicas, o

nome de acôrdo com a topografia do solo, ou pela existência de um edificio considerado importante: rua da "Ponte Velha" do "Fundão", da "Palma", da "Cadeia", rua do "Paroquiato", "Olho d'Agua", da "Estrada Nova" etc.

Anos após, as ruas foram numeradas: 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6. E em 1896 é que a Câmara decidiu, quando presidente D. José Magnani placar os prédios e dar o nome às vias públicas, praças e travessas: rua do Cubatão, paralela ao rio Lençóis; rua 13 de Maio, 2.^a paralela; 15 de Novembro, 3.^a paralela; 7 de Setembro, 4.^a paralela; rua da Consolação, 5.^a paralela; rua Nova, 6.^a paralela; 15 de Dezembro, 7.^a paralela e rua Velha 8.^a paralela.

As transversais eram assim denominadas: Santo Antônio, 1.a a Leste da Vila; do Gabinete, 2.a Leste da Vila; da Liberdade, 3.a a Leste da Vila; de São Sebastião, 4.a a Leste da Vila; da Piedade, 5.a a Leste da Vila; 17 de Novembro, 6.a a Leste da Vila; do Paraguai, 7.a a Leste da Vila e Santa Cruz, 8.a a Leste da Vila.

Os Largos, então, tomavam a seguinte denominação: Largo do Mercado, o que da rua 13 de Maio vai ao rio Lençóis; Largo São Benedito, o que rodeia o Oratório do mesmo; Largo da Matriz, o que a rodeia; Largo São Sebastião, que contém o Oratório do mesmo, da Cadeia, próximo dela e Largo Santa Cruz.

Não obstante os nomes das ruas já estivessem aprovados e constassem em Ata, prática e mesmo oficialmente, mais tarde, quando delas se fazia menção, citavam-se os números. (Livro 6, pag. 60) Atas-Prefeitura.

Em 1901, gestão do Major Octaviano Martins Brisola, a Edilidade lençoiense lavrava o primeiro contrato para o sarjetamento da cidade. No mesmo ano, o Intendente Prisola contratava, com o sr. Stefano Ghirotti, o abaulamento das alamedas as quais estivessem sargetadas e edificadas.

No ano de 1906, o Intendente Coronel Virgilio de Oliveira Rocha mandava edificar o atual Matadouro municipal, isto é, o velho Matadouro à margem do rio Lençóis, sendo o seu construtor o sr. Felicio Castiglioni.

Somente em 1932, quando vice prefeito o sr. Raul Gonçalves de Oliveira e chefe político o dr. Elias de Oliveira Rocha, é que se inicia o primeiro calçamento da cidade, a paralelepipedos, sendo calcados um trecho da rua Tibiricá e a rua 15 de Novembro. Depois, o calçamento de Lençóis continuou a ser executado, durante a administração do sr. Virgilio Capoani, do sr. Geraldo Pereira de Barros e, atualmente, sob a orientação do sr. Oswaldo de Barros, prefeito municipal.

O sr. Humberto Alves Tocci, durante a sua gestão, mandou aiardinar a Praça da Igreja, como anteriormente era denominada, hoje Praça da Bandeira e que constitue o nosso jardim público.

Finalmente, executa-se uma das principais obras da cidade, a retificação do rio Lençóis e o seu saneamento completo. Trabalhos iniciados durante a administração do sr. Bruno Braga, continuados em elevadas proporções pelo sr. Geraldo Pereira de Barros e terminados soberbamente quando prefeito o sr. Virgilio Capoani, o qual, também abriu a rua 25 de Janeiro, inaugurando-a na data que lhe deu o nome em 1955, em homenagem ao dia de instalação da Comarca.

Atualmente, o prefeito sr. Oswaldo P. de Barros contratou com a firma José Carrilho Ruiz & Filhos a construção do novo Matadouro Municipal, obra que causa inveja às suas congêneres no interior do Estado e que a sua inauguração não se fará tardar por muitos meses.

A CÂMARA ADQUIRE DA FÁBRICA O PATRIMÔNIO DA CIDADE.

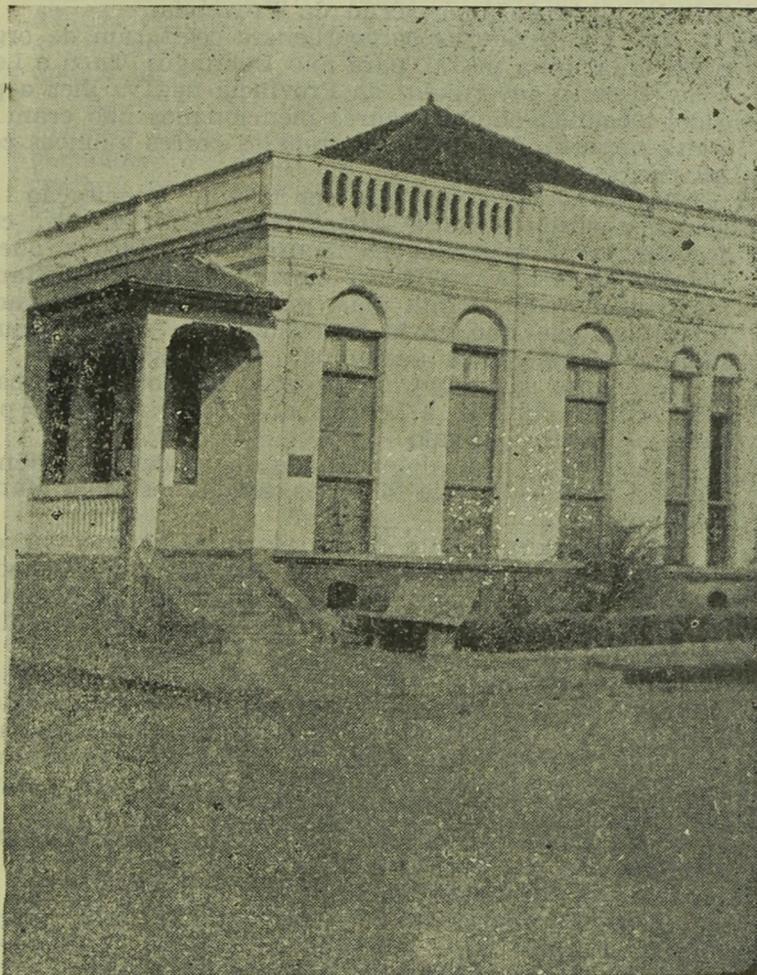
A Fábrica foi proprietária do Patrimônio da cidade até o ano de 1902, ano em que a Prefeitura adquiriu-o pela importância de 10.000\$000, pagáveis em cinco anos, conforme resa a escritura.

"Escritura de compra e venda que fazem a Câmara municipal de Lençóis do Patrimônio da cidade à Fábrica no valor de 10.000\$000.

Saibam quantos esta virem que no ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil novecentos e dois, aos treze dias do mez de fevereiro no dito ano, nesta cidade de Lençóis, Estado de São Paulo, em meu cartório, perante a mim, Escrivão de Paz interino e Tabelião pela lei, compareceram partes entre si justas e contratadas a saber: de um lado a Câmara Municipal desta cidade,

(1) Muitos lençoienses devem recordar-se que, entre Santa Bárbara do Rio Pardo e Lençóis Paulista, traçava-se uma estrada, denominada "Estrada das Boiadas", caminho deixado pelos primitivos com destino ao sertão.

representada pelo seu Intendente Major Octaviano Martins Brisolia e de outro lado a Fábrica, representada pelo seu vigário provisionado da paróquia e fabricante Francisco Frederico Masson, conhecidos de mim e das testemunhas adiante nomeadas e no fim assinadas do que dou fé; perante as quais pelo senhor Intendente me foi dito que de acôrdo com o decreto de Janeiro do corrente ano pelo qual a Câmara Municipal desta cidade lhe autorizou a comprar os terrenos urbanos de Patrimônio pela quantia de dez contos de réis em cinco prestações de letras, no valor de dois contos anuais, que ven-



Edifício da Prefeitura Municipal, a Rua Tibiriçá

cerão os juros de cinco por cento ao ano, podendo ser pago a qualquer tempo, descontando os juros computados de acôrdo com o prazo pelo senhor Vigário foi dito que tinha autorização para vender o Patrimônio do terreno urbano, e apresentou e é do seguinte teor: D. Antônio Candido de Alvarenga por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica Bispo de São Paulo, prelado doméstico de sua Santidade o Papa Leão Décimo Terceiro, Assistente ao Solocio Pontifício Autorizam o Fabricheiro de Lençóis a vender o Patrimônio urbano da Paróquia de Lençóis à respectiva Câmara Municipal pela quantia de dez contos de réis pagáveis em 5 letras de dois contos de réis, com o acréscimo de juros à taxa de 5 por cento anualmente, a contar da data da primeira letra que será de dois contos e cem mil réis, cada ano vencer-se-á com os juros adicionados e proporcionais ao tempo decorrido e se o pagamento fôr feito adiantadamente será descontado os juros já computados. Dada e passada na Câmara Episcopal de São Paulo sob o Nosso Sinal e de Nossas Armas, aos vinte e um de Janeiro de 1902.

Pa. S. Excia Revma. Cônego Manoel Vicente da Silva Vigário Geral do Bispado. Nada mais se continha. Estava com o signal e o selo respectivo em virtude da mesma, cam. digo, mesma portaria vendia à Câmara Municipal desta cidade o Patrimônio Urbano este pertencia à Fábrica desta Paróquia pela quantia já dita de dez contos de réis pagáveis em cinco prestações de dois contos de réis cada uma com os respectivos juros já ditos e por-

tanto transfere tôda a posse jus e domínio que em dito Patrimônio e seus terrenos urbanos que tem as divisas seguintes: principiando na ponte sobre o rio Lençóis, ponte esta que existe no fim da atual Alameda n.º 1 e subindo pela mesma Alameda até o rio da Prata em linha reta por este acima onde der 500 metros, digo braças e dêsse ponto da ponte referida, subirá pelo rio Lençóis igualmente 500 braças do Prata, cujos terrenos assim ditos e confrontados foram doados graciosamente à Padroeira da Freguezia que fizeram Elizeu Antunes Cardia, Fidelix Corrêa de Moraes, Antônio Martins Siqueira, Antônio Rodrigues de Souza, Ignácio Anselmo de Souza, Antônio Theodoro de Souza, Felipe José Moreira e Lourenço Antônio de Souza, por esse, digo Antônio Siqueira por escritura passada pelo escrivão de Paz da Villa de Botucatu, Francisco Antônio de Castro, aos vinte e dois dias do mês de julho de mil oitocentos e noventa, digo cento e cinquenta e oito. Em seguida a Câmara Municipal desta cidade pelo seu Intendente exibiu cinco letras no valor de dois contos e cem cada uma com, digo, uma, vencíveis de acôrdo com os prazos nelas estipulados. Pelo mesmo foi dito que a presente escritura é izenta do imposto de transmissão, conforme determina o parágrafo primeiro do artigo nono regulamento que baixou com o decreto número trezentos e cinquenta e cinco de catorze de abril de mil oitocentos e noventa e dois. Nada mais a este ato em apresentarem des digo dez estampilhas federais no valor de onze mil réis que vão coladas e inutilizadas com as assinaturas.

E por assim estarem de acôrdo me pediram que esta lavrasse que lhes li, aceitaram e assinaram com as testemunhas: José Verggílio do Nascimento e Rodolfo Marzanatti, conhecidos por mim. Eu Augusto da Fonseca Regalla, escrivão de Paz interino de Tabelaão, pela lei escrevi. E mtempos, as estampilhas são no valor de onze mil réis e quinhentos réis.

(a) Escrivão Augusto Fonseca Regalla.

(a) Fabricheiro, Padre Masson

(a) José Virgilio Nascimento

O QUADRO DA VILLA

Em 1892, Luiz Batista de Carvalho, foi encarregado de demarcar o quadro da Villa, visto ser projeto da Câmara abrir novas ruas. Intimava-se então os senhores de terrenos de apropriação indébita retirarem suas cercas. As áreas de terras cercadas à mercê de muitos, abrangiam quarteirões e quartirões.

PLANTA GERAL DA CIDADE.

A Planta geral da cidade foi elaborada pelo vereador dr. João Argenta, obra que prima no gênero e a qual se acha exposta num dos salões principais da Prefeitura.

CADEIA PÚBLICA — AUTORIDADES — DESTACAMENTO — PRESOS POBRES.

A Vila sob delegacia de Botucatu. Não se conhece precisamente a data exata da construção da primeira cadeia pública na cidade ou adaptação de um prédio para tal finalidade. Sabe-se que o primeiro edifício era de madeira, muito acanhada e rústica, situada onde atualmente existe o hotel "Ubirama". (1).

Os presos considerados perigosos eram acorrentados: um argolão preso no chão e outro ao pescoço do detento.

Após a instalação de primeira câmara em Lençóis já se cogitava de levantar o orçamento para a conclusão da cadeia pública. Em 1870, pelo vereador Silva Lopes foi indicada à Edilidade a necessidade de um sino no posto policial, visto a sua utilidade caso houvesse evasão de presos ou surgisse qualquer outra novidade.

A adoção do sino, na cadeia, foi uma modalidade posta em prática até 1915, mais ou menos, principalmente para se anunciar as horas. E até essa época a Câmara contratava a alimentação, corte de cabelo e barba para os presos pobres. Quando havia necessidade de limpeza no edifício, os condenados iam e voltavam, sob uma

(1) Antes da construção da Capela, no local hotel "Ubirama, conta-se que os presos eram recolhidos numa pequena casa de madeira, à rua do Paraguay, Av. 9 de Julho atual.

escolta armada, ao rio Lençóis, carregando água, com recipientes diversos.

Antigas autoridades policiais

1870 — Delegado de polícia: Capitão João Antônio Damaceno e Souza; Suplente: José Custódio Pereira; Sub-delegado, Capitão João Antônio Damaceno e Souza.

1887. — Delegado: Major Silvestre Corrêa de Moraes Bueno; Suplentes: 1.º — Capitão Guilherme Ribas, 2.º João Duarte Moreira, 3.º — Joaquim Batista de Carvalho; Sub-delegado, João Batista de Carvalho Sobrinho. Suplentes: Manoel David; escrivão de Paz e dos delegados e sub-delegados: José Paulino Ferreira.

Antoridades atuais.

Delegado, dr. Ivan Pantaleão; escrivão: Alfredo Cres; carcereiro: Pedro Cordeiro dos Santos.

Destacamento atual

Sargento, Luiz Borges, comandante; soldados: Geraldo Cruz, Manoel de Brito, Antônio Paulo Netto, José Sanches e Aluizio Gomes Motta.

LUZ ELÉTRICA — TELEFONE E TELEGRAFO

Em 1875, mais ou menos, era inaugurada a iluminação pública, na Vila: lampeões a querosene. E à medida que a cidade se desenvolvia, novos postes eram assentados.

No dia 7 de Setembro de 1901, festejando a Data Magna da Pátria, inaugurava-se a iluminação a "Gaz acetilene", que constituiu grande acontecimento no seio da população.

No ano de 1909, intendente Coronel Virgílio de Oliveira Rocha, a Câmara lavrou o primeiro contrato com a Empresa Luz e Fôrça de São Manoel, representada pelo dr. José Balbino Siqueira, para estabelecer o fornecimento de energia elétrica à Lençóis. A sua inauguração, na cidade, foi assinalada com inéditos festejos: coretos armados em diversos pontos, bandas de músicas percorrendo as vias públicas e queima de fogos de artifícios. Pois, havia razão de ser. Lençóis Paulista possuía uma das mais eficientes iluminações públicas do Estado: Arco Voltaico de oito amperes e lâmpadas incandescentes.

A 22-4-1909, 1910, o segundo contrato da Luz e Fôrça foi feito pela Cia. Paulista de Fôrça e Luz, com o prazo de dez anos.

Rádio

A Vila em contínuo desenvolvimento, exigia dos poderes públicos maiores e mais rápidas vias de comunicação, para atender eficientemente ao seu intercâmbio comercial.

Em 1890, o Presidente da Câmara, Major Octaviano Martins Brisola solicitou da Intendência que a mesma entrasse em entendimento com a Diretoria da Companhia Ituana, afim de ser assentada uma linha telegráfica até a Vila, mas a idealização não teve êxito, concretizou-se somente com a vinda da Estrada de Ferro Sorocabana, a qual, também, quando Interventor o Dr. Adhemar de Barros, mandou instalar uma linha telegráfica, ligando Lençóis Paulista-Macatúba.

TELEFONE.

A rede telefônica, em Lençóis, era outra necessidade que se fazia sentir, exigindo dos poderes municipais, a máxima urgência.

Em 1885, Alberto Wanbben, oficiava à Edilidade lençoense para obter o privilégio de instalar uma linha telefônica de São Manoel a esta cidade. Mas, nada de positivo conseguiu. Em 1908, é que o intendente Coronel Virgílio de Oliveira Rocha contratou a instalação da rede telefônica, com o cidadão Gabriel Bombonato, residente em Agudos, passando, depois, os contratos a serem lavrados com a Companhia Telefônica Brasileira. Não tardou que os distritos de Borebi e Alfredo Guedes também fôssem contemplados com êsse meio de comunicação.

RADIO

O primeiro aparelho de Rádio que se conheceu na cidade, em 1922 a 1923, de propriedade do Pe. Salomão Vieira, que fazia suas experiências públicas nos salões da "Societa Italiana de Mutuo Socorso Stella D'Italia", situada no local do atual Forum.

Hodiernamente, Lençóis Paulista conta com 400 aparelhos de Rádio aproximadamente, inclusive duas excelentes Torres de Televisão: uma de propriedade do sr. Alberto Garzesi e outra do Dr. Antonio Tedesco. "Casa Paccola, foi a primeira que se dedicou ao comércio e vendas de Rádios, na cidade.

CORREIO

A Vila de Lençóis, no começo da sua existência, de tudo dependia de Botucatu. A organização de uma linha postal entre esta e aquela localidade, era um problema que preocupava grandemente os dirigentes locais. Mas, nada se conseguiria se Botucatu não fizesse sentir a sua influência junto ao governo da Província.

Em 1863 é que os botucatuenses cogitaram de organizar uma linha postal, para São Domingos, Tupã e Lençóis, porém o governador da Província negava-lhes o pedido, alegando que os lugares mencionados não eram de tanta importância para onerarem os cofres públicos com tal criação.

Três anos após, ou seja em 1866, a solicitação foi aceita e criada a linha postal Botucatu-Lençóis, com frequência de três viagens mensais. Não tardou que a Câmara de Botucatu fizesse novo pedido, solicitando seis viagens cada trinta dias, mas o Governo Provincial respondeu que não havia necessidade de elevar àquele número a frequência postal para esta região.

É preciso saber que o estafeta, saindo de Botucatu, nem sempre chegava a Lençóis no mesmo dia, visto per fazer o trajeto a cavalo.

Mais tarde ficou determinado que a correspondência viesse a Lençóis por via Mineiros, sendo o estafeta Manoel Fenvindo.

Em 1887, era agente do correio local Manoel Quiróba Cabral, substituindo-o no cargo, depois, o Tte. Benedito Duarte Moreira, o qual foi nomeado a 25 de Novembro de 1898, entrando em exercício no dia 1.º de Dezembro do mesmo ano.

O Tte. Benedito Duarte Moreira, durante a campanha política Ruy Barbosa - Hermes da Fonseca, alimentava a idéia Civilista. Como os Hermistas locais eram os que tinham maior influência lá em baixo, solicitaram a sua remoção, não tardando ser transferido para a Agência de Cunha e, posteriormente para Apiaí.

Por ocasião da sua remoção, que iria substituí-lo Ozório Nogueira, foi feito o levantamento na Agência de Lençóis, sendo encontrada a importância de 40\$000.

O levantamento esteve a cargo do sr. José Toledo Cesar, que, logo após, entregou o posto ao sr. Nogueira.

O Tte. Benedito Duarte Moreira foi Agente de Correio até 29 de Agosto de 1910, passando, depois, a exercer a profissão de professor leigo, no Bairro do "Corvo Franco" e, finalmente, porteiro do Grupo escolar "Esperança de Oliveira", até ser aposentado.

O sr. Ozório Nogueira foi substituído pelo Tte. Antônio da Costa Pinto, Costa Pinto, Virgílio Duarte Moreira e, finalmente Dona Izabel Muniz Duarte.

Atualmente, ocupa o cargo de estafeta o sr. Benedito Ribeiro Leite e o de Carteiro, o sr. Carlos Pietro Sanches.

ASSISTÊNCIA SOCIAL

Por longos anos, Vila Lençóis lutou com grandes dificuldades quanto a assistência social. Os habitantes, às vezes, atacados do tifo, maleita e de outras epidemias da região, não havia quem os socorresse. A varíola, que era o maior pesadelo da gente de então, constituía sério problema para os poderes públicos. E qualquer que se dissesse conhecedor da arte de curar, gozava de tôdas as credenciais. O curandeirismo substitua a ciência médica.

Somente em 1872 é que se conhece um despacho da Câmara, deferindo o requerimento de Francisco Telles do Nascimento, para a instalação de uma farmácia na Vila, o qual também era médico prático e que pretendia exercer a profissão. (1) Em 1876, João Pedro Rodrigues enviava uma petição ao legislativo lençoense, solicitando o direito de clinicar, sem estar, entretanto, munido dos documentos devidos. No mesmo ano, José Florencio do Amaral instalava a sua farmácia na Vila, devidamente legalizada. Sete anos após, ou seja em 1883, o Bacharel Honório, laureado pela Faculdade de Medicina do Rio de

(1) Em 1870, Francisco Telles do Nascimento enviava à Câmara documentos acompanhados do Auto do Corpo do Delito e Autopsia feita no cadáver de dona Balbina.

Janeiro, apresentou-se à Edilidade lençoiense, para exercer a sua profissão, sendo-lhe concedida a licença.

Em 1884, os poderes públicos tinham conhecimento que Francisco Guinto ou Quinto exercia a medicina ilegalmente na Vila. Tomadas as medidas contra o charlatão, o falso médico foi multado em 200\$000.

Quinto ou Guinto, para escapar da multa, apresentou os documentos em idioma italiano. Como na Intendência não houvesse o tradutor, foi solicitada a presença do padre Miguel Piemonte, o qual constatou que os documentos não eram verídicos. Guinto ou Quinto teve que aceitar o castigo.

Dois lustros após, 1894, a clínica, na Vila, estava a cargo do dr. Paschoal Cupelli, cuja assistência aos bexigentos foi louvável, tanto em Lençóis como nas localidades vizinhas. A sua assiduidade foi tal que contraíu a epidemia. O Dr. Cupelli percebia um salário de 600\$00 anuais da Câmara.

No findar do século passado a Edilidade lençoiense cogitava isolar, com a edificação de um Lazareto, os portadores da doença do Hansen, que diariamente percorriam as vias públicas, pedindo a caridade, como também foi sua intenção construir um isolamento, que se destinasse aos bexigentos. Mas a realização dos projetos ficaram dependendo da concorrência monetária do governo Provincial

Depois do dr. Cupelli, Lençóis atravessou longo período sem médicos. Os doentes das famílias mais abastadas, eram atendidos pelo dr. Baldini, residente em São Manoel.

De 1910 em diante, temos conhecimento dos seguintes médicos que aqui estiveram e alguns ainda residem: Drs. Armando Aguinaga, Leão Tocci, Ernesto Petagna, Waldemar Gezler, Washington P. Sandoval, Ewbank Tamborim, Mario de Campos, Altino de Campos, José Machado, Antonio Tedesco e João Paccola Primo.

Em 1940, na Praça da Pandeira, fundou-se a Casa de Saúde "Madre Teodora", sendo o seu fundador e diretor o dr. Mario de Campos, funcionando pelo espaço de um ano, mais ou menos.

No ano de 1944, Lençóis Paulista era contemplada com a inauguração do hospital "Nossa Senhora da Piedade", ao lado do qual também acha-se instalada modelar Maternidade e o Pavilhão Infantil "Myriam", êste doação do sr. José Garrido Gil e Família, em memória de sua inesquecível filha.

Iniciadas as atividades da casa beneficente lençoiense, sob a zelosa direção das Irmãs Franciscanas Missionárias do Egito e a Diretoria composta dos Srs.: Provedor, Geraldo de Barros; vice, Gino Augusto Antonio Bosi; tesoureiro, José Garrido Gil, 1.º Secretário, Jacomo Nilocau Paccola; 2.º Secretário, da. Lina Bosi Canova; me-

sários: Antonio Segalla, Francisco Radicchi, Mário Zillo, Zenro Orsi, Hermenegildo Baccili e Luiz Paccola,

O corpo clínico era composto dos drs. Antonio Leão Tocci, diretor clínico até a sua permanência em Lençóis Paulista; Antonio Tedesco, João Paccola Primo e Washington P. Sandoval.

Atualmente, o corpo clínico do hospital "Nossa Senhora da Piedade" é composto dos drs. Antonio Tedesco, êste diretor e João Paccola Primo.

No dia 14 de Setembro era inaugurado o Posto de Saúde, na cidade, instituição que se criou durante o Governo do dr. Adhemar de Barros, cuja direção está a cargo do dr. João Paccola Primo, desde a sua instalação.

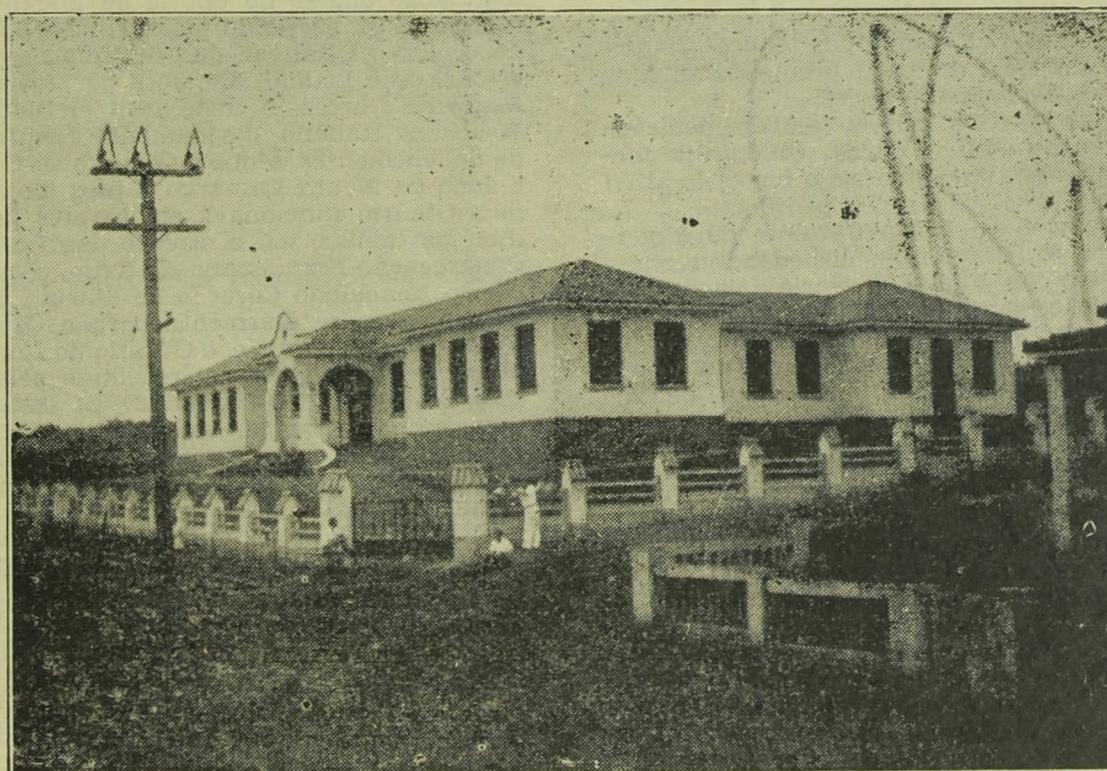
Em 1952 foi inaugurado o Posto de Puericultura desta cidade. Foi seu primeiro médico o dr. José Augusto Machado, que, ao ser transferido, entregou a direção do mesmo ao dr. Altino de Campos, que por muito tempo dirigiu os serviços de assistência à infância desta cidade. Atualmente acha-se à frente do Posto o dr. João Paccola Primo.

A Associação de Proteção à Infância e Amparo à Velhice, em Lençóis Paulista foi um problema muitas vezes abordado pelo falecido padre Salustio Rodrigues Machado, mas sempre o seu desejo caía no esquecimento. Com a criação da comarca veio para cá o dr. João Sabino Neto, M. Juiz de Direito, que preocupava-se muito com o problema dos menores. Mostrou-se desejoso de por em prática a idéia do padre Salustio. Fêz uma reunião no Forum e as duas finalidades foram reunidas; aí fundou-se a instituição de proteção à infância e amparo à velhice. Organizaram-se os estatutos e elegeram a primeira Diretoria que ficou assim constituída: — Presidente — dr. Paulo Zillo; Vice-Presidente — Angelo Augusto Paccola; Secretário — Renato Ciccone; Tesoureiro — Esio Carani. A idéia foi bem acolhida pelo Prefeito Osvaldo P. de Barros, que imediatamente doou à instituição três e meio alqueires de terras no alto da cidade para serem edificados os pavilhões. As obras estão em franco andamento e o povo de Lençóis Paulista está dando a devida cooperação. A sua fundação deu-se no dia 29 de Maio de 1.956.

CORPORAÇÕES MÚSICAIS

Não se tem conhecimento preciso da fundação da primeira corporação na Vila e nem tão pouco qual tenha sido o seu fundador. Mas em 1878, a banda musical tocava em benefício das obras de construção do cemitério, conseguindo uma coleta de 50\$000. Talvez, o primeiro maestro tenha sido Antoninho de Tal, que, no século passado, dirigia uma corporação musical na Vila, tomando parte, também, o sr. Julio Ferrari.

Em 1906, o sr. Julio Ferrari fundou, no bairro da "Rocinha" a banda de música Italo-Brasileira "Giuseppe Verdi". Porém não deixou de participar na fundação



Hospital N. Senhora da Piedade, anexo ao qual acha-se instalada a Maternidade.

Artidoro Conti, que, enquanto se esperava o instrumental, ensinava teoria na Vila.

Com a transferência da residência do sr. Julio Ferrari para a cidade, a "Giuseppe Verdi" teve o seu primeiro Estatuto em 1912, sendo os músicos de então: Bruno Braga, Benedito Ribeiro da Silva, Assad Tarabay, Pompilio Ghirotti, Eduardo Tonin, José Mazetto, Ângelo Montali, Alberto Giovanetti, Emilio Ferrari, Segundo Ângelo Pavanato, Pedro Bernardo Dias, Enrico Ferrari e Manoel Duarte.

A banda musical "Giuseppe Verdi" existiu até à morte do seu maestro fundador, transformando-se, nos últimos tempos em Banda Juvenil "Giuseppe Verdi".

Falecendo o sr. Julio Ferrari, continuou no mistério o sr. Emilio Ferrari, porém, por pouco tempo. Depois a "Giuseppe Verdi" tomou o nome de "Lyra Lençõense", sob a regência de Eugenio Ferrari. Banda Lençõense, mais tarde, sendo o seu maestro o sr. José Mazetto e, finalmente "Corporação Musical Municipal, cuja direção está a cargo do maestro Joaquim Ramos de Oliveira.

Fundou-se, também, lá pelas voltas de 1910, a corporação musical "Banda Brasileira", fundando-a Francisco Fagá, entretanto, não teve longa existência.

Naquele tempo, não poucas vezes, a "Brasileira" entrou em atrito com a "Giuseppe Verdi", o que justamente fazia crer que, na cidade, não havia lugar para duas corporações congêneres. E Júlio Ferrari, sendo maior persistente e tendo maior prestígio no seio dos poderes públicos municipais, conseguiu vencer o seu adversário.

A corporação "Banda Brasileira", no seu início, estava assim organizada: maestro, Francisco Fagá; músicos: Simião Ribeiro, Olegario Sardinha, Silvio Bosi, Natale Mazetto, Máximo Magagna, Marcelo Dias Camargo, Roque Ribeiro, José Oliva, José Florencio do Amaral, Virgílio Duarte Moreira, João Dias de Camargo, Maximiano Estrela, Idefonso Antônio Simões, José Prandi e Antônio Serralvo. Diretoria: Presidente, prof. Antônio Esperança de Oliveira; diretor, Major Antônio Fluza do Amaral; tesoureiro, José de Assis Rosa; fiscal, Octávio Bosi e secretário, José Toledo Cesar.

INSTRUÇÃO PÚBLICA.

Primeira escola, cuja existência foi possível apurar, foi fundada em Lençóis, no ano de 1868, sob a regência do sr. Jorge, à rua Riachuelo, na antiga residência da família Oliveira Rocha. Depois, passou a exercer as mesmas funções Belarmino Ferraz, seguindo-se, em 1885, Antônio Lopes Moraes Bueno, lecionando, este último, onde, hoje, existem os escritórios comerciais do sr. Ângelo Augusto Paccola — Agência do Banco do Brasil, isto é correspondente do Banco do Brasil, à rua 15 de Novembro.

Logo após, à esquina da Avenida 9 de Julho, para quem vai ao rio Lençóis, instalou-se a escola sob a direção do prof. Antônio Januário de Vasconcellos, ou melhor, Totó de Vasconcellos.

Em 1890, o prof. Juvenal Galeno de Souza Vianna exercia o magistério no local do atual prédio do sr. Manoel Lopes, defronte à Agência Chevrolet.

O Major Octaviano Martins Brisola também dedicou-se ao ensino primário, no edifício de da. Chiquinha Jorge, à rua 15 de Novembro, o qual tomava o lugar da atual Agência Chevrolet.

Da. Maria Generosa e da. Maria Carolina de Almeida, esta cognominada da. Chiquinha, dispensaram grande dedicação ao ensino, na Vila. Da. Maria Carolina de Almeida lecionou pelo espaço de 32 anos.

As primeiras escolas femininas estavam localizadas onde, atualmente, existem a Farmácia "Sagrado Coração de Jesus" e a Casa de Móveis Moretto, à rua 15 de Novembro.

Num prédio, em estado precário, à rua Geraldo de Barros, situado onde se localizam as residências Giofrê e Carrit, professava o ensino particular Joaquim Pereira Escobar, lecionando pelo espaço de doze anos, cobrando a mensalidade de 5\$000 mensais.

Dona Amélia Gasparoni Brega, no fim do século passado, fundou uma escola particular, na residência Brega, à rua 15 de Novembro, funcionando 25 anos. Era conhecida pela "Mestra Italiana", mas sua escola era de utilidade pública e ensinava o idioma nacional.

Dona Amélia Gasparoni Brega, José do Nascimento, ou Juca do Nascimento e Antônio Miranda foram os últimos professores a exercerem o magistério em Lençóis, antes da reforma do dr. Bernardino de Campos. Entretanto Da. Amélia Gasparoni Brega veio até aos primeiros dois lustros deste século.

Depois desse período, em Lençóis contava-se seis escolas, isoladas, como vulgarmente eram chamadas, à rua 15 de Novembro, num velho prédio, hoje substituído pelo edifício do sr. Manoel Lopes.

1.^a Masculina, prof. Adolfo de Arruda Castanho; 2.^a Masculina, prof. Antônio Esperança de Oliveira; 3.^a Masculina, prof. Olegário de Barros.

1.^a Feminina, da. Ambrosina Prestes de Albuquerque; 2.^a Feminina, Da. Pedrina Galvão; 3.^a Feminina, da. Alzira Nogueira Assis.

Em 1943, edificou-se, em Lençóis, o grupo escolar, à rua Anita Garibaldi, hoje, "Esperança de Oliveira". Edificação essa confiada ao sr. Adolfo Denucci, residente em Botucatu.

Em 1944, sendo presidente do Estado dr. Altino Arantes e Secretário do Interior dr. Oscar Rodrigues Alves, foi solenemente instalado. Uma grande festa para os lençõenses, estando presentes autoridades da Comarca, o DD. Inspetor prof. Guilherme Kuhlmann, autoridades da cidade e povo, representados pelo chefe do executivo de então: Coronel Virgílio de Oliveira Rocha, o qual teve parte destacada, para a construção do estabelecimento de ensino primário em Lençóis.

Em plena atividade, o grupo escolar teve como diretores:

1	Amando Madureira	1914-1918
2	Luiz Castanho de Almeida	1918-1922
3	Victor Miguél Romano	1922-1922
4	Paulo Monte Serrat	1922-1923
5	Paulo Ribeiro Neto	1923-1925
6	Henrique Ricchetti	1925-1929
7	Mauro de Mello	1929-1929
8	Ozório Ayres	1929-1932
9	João Batista Vianna Nogueira	1932-1946
10	Jandyra Alves Lima Franco	1947-1950
11	Francisco Nascimento	1951-1953
12	Elzo Terra Garbino	1954-

Como substitutos e em Comissão, passaram ainda pelo grupo escolar, os seguintes professores: Orlando Candido Machado, da. Cleuza Coelho Machado, da. Antonieta Grassi Malatrassi, Naú Alves Cruz e Henrique Bertolucci.

A instrução pública, na cidade e no interior do município achava-se bastante desenvolvida, pois, conta-se Ginásio Estadual, Escola Normal, Escola de Comércio, 3 Grupos Escolares, 17 Escolas Municipais, 8 Escolas Estaduais e Jardim de Infância.

O Ginásio "Virgílio Capoani", pela lei n.º 613, de 2 de Janeiro de 1.950, foi criado Ginásio Estadual desta cidade e pelo Decreto n. 19.130, de 24 de Janeiro de 1.950, foi lotado o estabelecimento com os cargos de professores secundários e corpo administrativo a fim de que o educandário pudesse ser instalado e funcionar regularmente. A instalação deu-se no dia 19 de março de 1.950, cujo ato inaugural foi presidido pelo dr. Adhemar de Barros, chefe do Governo Estadual, que se fez acompanhar de seus secretários de Estado, drs. José de Moura Rezende e Lucas Nogueira Garcez. A instalação efetuou-se no edifício da Sociedade Italiana, devidamente adaptado por uma plêiade de lençoienses, tendo à frente o sr. Gino Bosi, João Zillo e João de Moura Camargo. Antes da inauguração oficial já o Ginásio funcionava em caráter permanente ou melhor, particular, sob a direção das Irmãs de Caridade da Congregação Franciscana do Egito, com o nome de "Ginásio do Imaculado Coração de Maria". Todas as séries se transferiram regularmente para o Ginásio Estadual, extinguindo-se, portanto, o Ginásio do Imaculado Coração de Maria, e seu arquivo foi recolhido pela Diretoria do Ensino Secundário. A solenidade de instalação contou com numerosa assistência, autoridades federais, estaduais e eclesiásticas. No ato usou da palavra o professor Murray Martins de Carvalho que saudou o chefe do Governo e os demais presentes. Falou em nome dos alunos, a menina Nites Jacon. Pela portaria n.º 322, de 19 de Maio de 1.950, foi o Ginásio autorizado à funcionar condicionalmente por dois anos pelo Ministério da Educação e hoje já possui a sua inspeção permanente. No ano de 1.950 não houve exames de admissão, porque todos os alunos do extinto "Ginásio do Imaculado Coração de Maria" se transferiram para o Ginásio Estadual. O seu primeiro Diretor efetivo foi o professor Waldemar de Freitas Rosa. Teve como Diretor interino o professor Laudelino de Lima Rolim e Diretora efetiva a professora Judith Corsemelli. Atualmente, dirige o estabelecimento secundário o professor Mario Antonio Paccola, que vem dando uma sábia orientação do educandário.

Corpo Administrativo do Ginásio Estadual "Virgílio Capoani: Diretor Mario Antonio Paccola; Secretária Mariza Therezinha Marins Bosi; Técnico de Educação: Therezinha Mariza Bosi; Escriurária — Maria de Lourdes Campos Mello Barboza; Inspetor de alunos: Benedita Pereira Pinto de Almeida; Inspetor de alunos: José Joaquim Castiglioni; Auxiliar de Ensino: Preparador Murray Martins de Carvalho. *Corpo Docente:* Vera Franco Braga Giacomini, Celio Pinheiro, Maria Yone Lourenção Nogueira, Maria Lucia Arantes do Amaral, João Maria Nepomuceno de Lima Filho, Maria Sicheira Pagan, Diva Baddini Bandeira, José Sant'Ana, Lais da Silva Fontes Freire, Maria Bove Coneglian, Estevam Souza Barros, Julieta Furrier Guedelha, Drausio Martins Bossi e Edméa Micali. Serventes: Americo Bernardini e Maria de Oliveira.

Professores e Substitutos do Grupo Escolar Esperança de Oliveira

Professores que, atualmente, estão exercendo o magistério no Grupo Escolar desta cidade: Dirce Aparecida Paixão, Guiomar Fortunata Coneglian, Leda Fazzio, Leonina Alves Coneglian, Maria Aparecida Marcello, José Nogueira de Abreu, Maria de Lourdes Teixeira Pinto, Idalina Canova de Barros, Dilka Terezinha Giovanetti, Olivia de Almeida Feres, Lazara da Silva, Linda Ayub Feres, Anita Nelli, Maria Cordeiro Orsi, Yvone Conti Capoani, Anete Assad, Terezinha Odette de Souza, Maria Amalia



Grupo Escolar "Esperança de Oliveira"

de Campos. *Substitutas:* Ida Moretto, Mairy Chitto, Fernando A. Barros, Maria Dolores Paccola, Lucy Paccola, Elza Paccola, Renato Rossi, Neyde dos Santos, Haroldo Giovanetti, Myriam Ignês Malatraci, Aurea Damasceno, Adolfo Ranzani, Edwaldo Roque Binchini e Adelanry Giacomini. Auxiliar do Diretor: Maria da Conceição Viégas Garbino.

Parque Infantil Dona Eliza de Barros

O Corpo docente do Parque Infantil Dona Eliza de Barros, compõe-se de três professores: Maria Luiza Oliveira Serra, Olga Biral e Irma Carrit.

Escola Normal Municipal

A Escola Normal foi criada pela lei municipal número 95, de 24 de Abril de 1952, graças aos esforços empreendidos pelos lençoienses Virgílio Capoani, Prefeito da cidade e o Deputado Geraldo Pereira de Barros. O Decreto Estadual número 21.510 de 26 de Junho de 1952, autorizou o seu funcionamento regular. A instalação deu-se no dia 3 de Agosto de 1952. Constou de missa solene celebrada pelo padre Salustio Rodrigues Machado, desfilê, sessão solene no edifício da escola. O primeiro Diretor do estabelecimento foi o professor José de Toledo Filho. Com a sua saída, foi nomeado o professor Hiller João Capoani, que até hoje dirige a escola com dedicação e carinho. A Escola tem como Inspetora Estadual a professora Maria Izabel Mattos. *Corpo Docente da Escola Normal Municipal:* Professores que atualmente compõem o corpo docente da Escola Normal Municipal: Yvone Conti Capoani, Idalina Canova de Barros, Aurea D. Ber-

nardes, Daicy Paschoarelli, Vera Braga Franco Giacomini, Diva Daddini Bandeira, Maria Izabel Mattos Jacon, Lais Fontes Freire, Drausio Bossi, Adolfo Ranzani, Herival Paccola, Fernando Antonio de Barros e Celio Pinheiro. *Diretoria da Escola Normal Municipal* — Diretor Hiller João Capoani, Secretária Maria Mafalda Bosi, Inspetor de Alunos — Joaquim Duarte, Encarregada do Serviço de Inspeção, representante da Chefia do Ensino Secundário e Normal, Maria Izabel Mattos Jacon, cate-drática da cadeira de Educação.

Escola Técnica de Comercio Municipal de Lençóis Paulista

Em junho de 1957, apareceu a idéia de fundação da Escola de Comércio desta cidade. Tomaram parte ativa no movimento de fundação os srs. Francisco Garrido e Murray Martins de Carvalho. A louvável idéia mereceu ampla acolhida do Chefe do Executivo local sr. Oswaldo Pereira de Barros. Este enviou mensagem à Câmara Municipal solicitando a criação da Escola. A lei municipal n.º 281 de 23 de Julho de 1957, criou o útil estabelecimento de ensino comercial. Pela Portaria n.º 459 de 13 de Novembro de 1957, do Diretor do Ensino Municipal foi autorizado o funcionamento da escola sob regime federal. Foi designado seu primeiro inspetor federal o sr. João Silveira Filho. A Escola foi inaugurada no dia 3 de Março de 1958, e tem como diretor o professor Francisco Garrido e como Secretária dona Lourdes Rensi Garrido.

Prof. Esperança de Oliveira

O professor Antonio Esperança de Oliveira nasceu em Itapetininga em 13 de Junho de 1878. — Sua mãe, dona Regina de Oliveira, muito pobre, com elevado sacrifício, conseguiu matriculá-lo na Escola Complementar daquela cidade. Depois de um curso brilhante diplomou-se a 30 de Novembro de 1902. O professor Antonio Esperança de Oliveira, durante os seus estudos exercia a profissão de alfaiate. Era músico e consumado compositor. Após ter concluído o curso, iniciou o magistério em Abril de 1904, como professor da 2.ª Escola Masculina desta cidade, tendo sido posteriormente nomeado para o cargo de adjunto do grupo escolar local, cargo que exerceu até fins de 1921. Professor de elevada competência e devotado, obteve, por merecimento, várias promoções, sendo afinal, em fevereiro de 1929, nomeado Inspetor Escolar. Ao falecer em 1932, como Sargento, estava incorporado ao Batalhão de Voluntários de Professores, durante a revolução constitucionalista.

O govêrno do Estado rendendo homenagem ao illustre professor, batalhador da santa cruzada contra o analfabetismo que, nesta cidade, durante 17 anos, exerceu com brilho e dedicação, por decreto de 5 de Fevereiro de 1942, determinou que o grupo escolar que êle tanto honrara passasse a chamar-se "Esperança de Oliveira".

Perpetuou-se assim a memória do prof. Antônio Esperança de Oliveira.

O professor Esperança de Oliveira foi também um grande entusiasta pelo teatro amador. Sob a sua orientação, inúmeras peças foram levadas à cena no palco do "Cine Ideal". Não lhe escapou a oportunidade de militar na política. Foi grande admirador do esporte. Sentia-se feliz, também, ser instrutor militar dos seus alunos, em horas de recreio.

COLETORIAS

Não obstante, estando funcionando devidamente a Câmara na Vila, os impostos estaduais e federais eram recolhidos nas repartições públicas de Botucatú, trazendo grandes dificuldades à população.

No dia 18 de Junho de 1866, José Pereira Simões apresentava uma indicação à Edilidade lençoiense, a qual esclarecia a necessidade de solicitar do govêrno da província a instalação de uma coletoria nesta localidade.

Não tardou que o pedido fôsse atendido, com relação à coletoria estadual, sendo o seu escrivão Bittencourt. Somente em 1886, foi instalada a coletoria federal em Lençóis, funcionando anexa à estadual.

No ano seguinte era coletor José Florêncio de Oliveira e escrivão Antônio Corrêa de Moraes Bueno.

A 1889, passou a exercer o cargo de coletor estadual João Olegário de Almeida e federal Candão Nepomuceno.

Atualmente, coletor federal: sr. Lidio Bosi; coletor estadual, sr. Bruno Brega, cujas repartições arrecadaram, no ano passado, dezenove milhões de cruzeiros e vinte e seis milhões de cruzeiros respectivamente.

TEODORO ROOSEVELT E TENENTE RONDON PASSAM POR LENÇÓIS

No último quartel do século passado, Teodor Roosevelt, Presidente da America do Norte, com destino a Mato Grosso, a fim de participar de uma caçada, passou por esta cidade.

O Presidente Roosevelt vinha acompanhado do então, Tenente Rondon.

Chegando a Lençóis, em horas já adiantadas, os dois excursionistas resolveram aqui pernoitar, sendo hospedados no "sobrado", tanto na ida como na volta.

Naquela época, a vila quasi que totalmente as escuras, a Edilidade lençoense, na sua programação de recepção, resolveu iluminar as vias publicas, por ocasião da chegada dos dois ilustres visitantes.

Grossas tochas foram amarradas em pontas de bambús, colocados ao longo das ruas e que seriam acesas no momento preciso.

Foi um grande dia aquele para a população da Vila de Lençóis, hospedando duas personalidades, que passariam abrir capitulos na história do Brasil e dos Estados Unidos.

Regressando de Mato Grosso e novamente em Lençóis, Teodoro Roosevelt e o Tenente Rondon, foram alvos de perguntas curiosas por parte dos lençoenses, quanto ao seu exito na caçada nas selvas matogrossenses.

A certa altura da palestra, o Tenente Rondon, respondendo a uma das perguntas do sr. Ignacio Abrahão, um dos presentes, disse: "A minha maior admiração foi ter encontrado, no seio da mata virgem, um jornal em idioma sirio, em lugar, justamente, onde pensei que nunca houvesse passado gente até aqueles momentos. Interpelando o meu companheiro de jornada, porque e de que maneira aquele jornal estava ali, Roosevelt respondeu-me, fazendo punerias: "Sirios que aqui já estiveram mascateando".

O conto provocou risos entre os presentes. O sr. Ignacio Abrahão recontava o fato todas as vezes que mencionava a visita do Presidente Roosevelt e Tenente Rondon à Vila de Lençóis.

RELIGIÕES

Presume-se que a Paróquia de Lençóis foi criada em 1861, quando aqui chegou o primeiro padre, em visita à localidade.

A Paróquia era extensíssima, abrangendo Agudos, Bauru, Pederneiras e outras Vilas em formação, cujos habitantes aqui afluíam para celebrarem casamentos, batizados e participarem das festas religiosas. A Festa do Divino era a que mais reunia gente na Vila. As "Bandeiras" encarregavam-se de angariar donativos.

Em 1869, o Vigário ainda não tinha residência fixa em Lençóis, nos dias de exercer suas obrigações vinha especialmente de Botucatu. As justificações para os casamentos eram feitas naquela cidade, dificultando grandemente os habitantes desta Vila e das regiões distantes. (1)

A primeira Igreja fôra construída no alto da cidade: de madeira, rústica e acanhada, não comportando o menor número de católicos.

Instalada a Câmara na Vila em 1866, já entrava o projeto para a reforma da Igreja, o que fizera em parte. Aos poderes públicos cabia a obrigação de qualquer melhoramento, porque, como se sabe, a Igreja estava ligada ao Estado. O sr. Manuel Luiz Ferreira, informa-nos que as primeiras eleições na Vila, se realizavam na Igreja.

Desde a fundação da Paróquia, pela mesma passaram os seguintes Vigários:

1 Pe. Antônio de Sant'Anna Ribas Sandim — 26 de Fev. 1862 — 2-6-1862; 2 — Pe. Carlos José Rodrigues 15-6-1865 — 3-6-1869; 3 — Pe. Braz Magaldi — 14-9-1869 — 5-2-1861; 4 — Pe. Victor Januário Finamore, 16-4-1871 — 7-7-1877; 5 — Pe. Benedito Marcondes de Mello — 8-7-1887 — 24-5-1882; 6 — Pe. Miguel Piemonte, 28-5-1822 — 26-6-1884; 7 — Pe. Ambrósio Amancio Coutinho — 27-6-1884 — 28-5-1887; 8 — Pe. José Magnani, 29-5-1887 — 25-5-1900; 9 — Pe. Francisco Xavier Costabile — 1-4-1900 — 29-4-1901; 10 — Pe. Victor Delby, 4-4-1901 —

29-4-1901; 11 — Pe. José Masson, 5-5-1901 — 29-4-1902; 12 — Pe. Fernando Rosa, 12-5-1902 — 26-6-1904; 13 — Pe. Paschoal Falconio, 11-6-1904 — 8-9-1906; 14 — Pe. José Magnani (Vig. Interino), 15-9-1906 — 29-5-1907; 15 — Pe. Carlos Pereira Bicudo, 30-5-1907 — 30-6-1907; 16 — Pe. Paschoal Buglioni, 20-6-1907 — 29-6-1911; 17 — Pe. José Magnani, 29-6-1911 — 11-6-1921; 18 — Pe. Salústio Rodrigues Machado (Economista), 18-6-1921 — 17-7-1921; 19 — Pe. João Sandoval Pacheco, 30-6-21 —; 20 — Pe. Salomão Vieira,; 21 — Pe. Francisco Vander Maas,;



Igreja Matriz

22 — Pe. Basilio Raposo Oliveira, ———— 17-1-1923; 23 — Pe. Antônio Graça Christina, 31-1-1928 — 21-1-1929; 24 — Pe. Luiz Bicudo de Almeida, 25-1-1929 — 8-9-1929; 25 — Pe. Joaquim Teófilo Agra da Silva, 8-9-1929 — 21-10-1930; 26 — Pe. Francisco Toussaint, 1-1-1931 — 8-10-1935; 27 — Pe. José Melhado Campos, 8-0-1935 — 19-10-1935; 28 — Pe. Xisto Lopes, 19-10-1935 — 9-5-1937; 29 — Pe. João Afonso Moraes, 10-5-1937 — 1-1-1939; 30 — Pe. Salustio Rodrigues Machado, 1-10-1939 — 1955. 31 — Pe. Luiz O. Andrade — Vigário atual.

Pe. Braz Magaldi

Em 1869, Pe. Braz Magaldi solicitou dos poderes públicos municipais que lhe atestassem a sua permanência na Vila. Magaldi foi um Vigário muito bem quisto, tanto nesta localidade como na redondeza. A sua remoção provocou protestos da população, um abaixo assinado do povo, com centenas de assinaturas, fôra enviado ao altos poderes eclesiásticos, solicitando a sua permanência.

Pe. Victor Januário Finamore

O Padre Victor Januário Finamore era conhecido como o virtuoso, mas certa ocasião caiu no desagrado de grupos na Vila. Os mesmos fizeram-no montar a cavalo, acompanhando-o até à Raia Velha, nas proximidades do atual cemitério, a fim de fazê-lo seguir viagem. Ali, chegando, o Pe. Victor excomungou os seus adversários. Estes amedrontados, solicitaram-lhe o regresso. Entretanto, o Vigário respondeu: "Sou brasileiro e o brasileiro tem palavra". O ÉCO n.º 7 — Agostinho Pereira.

D. José Magnani

D. José Magnani era natural da Itália, nasceu em Massa Carrara, aos 24 de Novembro de 1851, foi um padre que viveu longos anos em Lençóis. E desde a sua chegada desenvolveu grandes atividades no mundo católico lençoiense e suas redondezas, terminando-a somente com a sua morte, ocorrida em 14 de Junho de 1921. Os restos mortais de D. José Magnani repousam na Igreja Matriz.

"Em vinte e cinco de fevereiro, dia da minha chegada, como párocho, nesta Vila, não havia Igreja. A Matriz Velha, de madeira, sita no alto da Vila, havia caído em grande parte. Tinha-se construído uns metros de alicerces, sem desenho nem solidez, para edificar abaixo uma Matriz nova, mas tudo parou. E eu impellido pelas necessidades e praticar os atos do meu cargo, procurei um prédio particular, que me foi doado e ali formei um decente oratório intitulado de São Benedito e agora serve de Matriz. Fiz também concertar a Matriz velha que passou a chamar-se oratório de São Sebastião. Fiz concertar as capelas de Santa Cruz, na rua do Paraguay e no bairro da Areia Branca (Alfredo Guedes) e agora estou fazendo sob minha direção, de tijolos e cal, a Matriz nova Orago N. S. da Piedade e Diocese de São Paulo, foi creada" etc. etc. (a) D. José Magnani. D. José Magnani celebrou a primeira missa em Eauru e, por diversas vezes, visito uas cabeceiras do Rio Patalha, sítios habitados por Guaranis mansos.

Pe. Salustio Rodrigues Machado

O padre Salustio Rodrigues Machado era natural de Laranjal Paulista, nasceu em 1897, ordenou-se em Botucatu, em 18 de Agosto de 1920. Foi Vigário de Macatuba em 1921, onde construiu a Igreja daquela cidade. Fôra



Padre Salustio Rodrigues Machado

Vigário da Vila dos Lavradores em 1924 em Botucatu, e logo a seguir foi Cura da Sé da Diocese, tendo em 1929 iniciado a construção da Catedral.

Depois foi Vigário de Avaré, onde fundou o Instituto Sedes Sapientiae, Instituto de Instrução muito credenciado no Estado. Foi ainda reitor do Ginásio Diocesano de Botucatu e fez parte da direção da Diocese até 1928.

A 1.º de Janeiro de 1939, Padre Salústio Rodrigues Machado assumiu a Paróquia de Lençóis Paulista, até findar a sua existência. Pelo espaço de 16 anos, o Padre Salústio exerceu grande atividade, destacando-se não somente na religião, mas em todos os setores da nossa cidade. Com a Comissão composta dos srs. Lidio Bosi e

(1) Em 1872, o reverendo Francisco José Seródio, da Freguezia de São Domingos, solicitava da Câmara para que lhe atestasse a conviniência de serem realizados os casamentos naquela localidade. O pedido vinha acompanhado de um documento com oitenta e duas assinaturas do povo.

Francisco Radicchi, construiu a nova Igreja Matriz, a qual teve a felicidade de inaugurá-la, dois anos antes da Reergueu a Religião em nossa cidade, com grande elevação de espírito, cujos feitos são dignos de registro, principalmente quanto à festa tradicional de Santo Antônio, no bairro do Corvo Branco, que está sendo um acontecimento inédito e de invejar as cidades vizinhas.

O Padre Salústio Rodrigues Machado batalhou em prol da assistência, da instrução e da grandeza de Lençóis Paulista. Contribuiu fortemente pela emancipação jurídica lençoiense, a criação da Comarca. Foi amigo assíduo e colaborador da imprensa local, que mesmo hospitalizado, em Botucatu, enviava suas apreciáveis colaborações.

Pe. José Marcondes de Mello

O Padre José Benedito Marcondes de Mello foi Vigário, como vimos, de 1877 a 1882, sendo transferido para São Paulo, ali construiu a Igreja São José do Matozinho do Brás e mai tarde, foi elevado a Monsenhor.

PRIMEIRO BATIZADO EM LENÇÓIS PAULISTA

O primeiro batizado, em Lençóis Paulista, realizou-se no dia 9 de Maio de 1961, era Vigário o Padre Antonio Sant'Anna Ribas Sandim.

"Aos vinte e seis de Fevereiro, digo aos nove de Maio de hum mil oitocentos e sessenta e hum, nesta Matriz de N. Senhora da Piedade dos Lençóes, baptizei e puz os Sanctos Oleos à MARCOLINO, — nascido no dia vinte e seis de Fevereiro do m. ano, filho legítimo de Estevão Corrêa de Moraes e de sua m.er Maria d'Arruda Penteado: Padros. João Pires Cardoso e sua m.er Maria de Goiois.

Todos freguezes desta" (1)

O Vig.º encomnd.º Antonio Sanct'Anna Ribas Sandimff.

PRIMEIRO CASAMENTO (RELIGIOSO) EM LENÇÓIS PAULISTA

O primeiro enlace matrimonial, na Villa, realizou-se sete anos após o batizado, como se desprende do documento abaixo:

"Aos oito dias do mez de Janeiro de mil oito centos e sessenta e oito, nesta Igreja Parochial de N. Senhora da Piedade da Villa de Lençóes, Bispado de São Paulo, perante mim comparecerão os nubentes: JOAQUIM CLEMENTINO RODRIGUES, filho legítimo de João Rodrigues Damasceno e de Maria Luiza de Jesus, natural da freguezia de Santa Anna de Sapochay da Provincia de Minas, e LAURINDA MARIA DE JESUS, filha legitima de Manoel Antonio do Espírito Santo, e de Maria Dionizia da Constituição, natural desta Villa de Lençóes donde ambos são freguezes, para se receberem por marido e mulher e com todos os papeis do estillo correntes, e sem empedimento algum Canonico ou Civil para o cazamento, os uni em matrimonio com as bençãos nupciais, procedendo em todo este acto conforme o Rito da Santa Madre Igreja Catolica Romana.

Foram testemunhas presentes que todos diz serem os proprios, Silvestre Correia de Moraes Beseno, cazado, e Antonio Rodrigues da Maia, cazado, ambos desta Villa de Lençóes.

E para Constar lavrei este assento que assigno Era ut Supra"

O Vig.º Carlos José Rodrigues (1)

COPIA DO PRIMEIRO ASSENTAMENTO DE ÓBITO DA PARÓQUIA DE LENÇÓIS PAULISTA

O primeiro assentamento de óbito que se registrou na Paróquia de Lençóis Paulista, foi dia três de Dezembro de mil oitocentos e sessenta e sete:

"FLORENCIO

No dia tres de Dezembro de mil oitocentos e sessenta e sete, nesta Igreja Parochial da Villa de Lençóes,

(1) Livro n.º 1 — Começado em 26/2/1861 e encerrado em 4/7/1869. Cúria Diocesana de Botucatu.

(1) Livro n.º 1 de 1868 a 1879 — Cúria Diocesana de Botucatu.

Bispado de São Paulo, foi encomendado Florencio, solteiro, filho legítimo de José de Camargo Bueno do Prado e Vicencia Maria Pereira desta, e foi sepultado no Semiterio desta Villa. Para Constar fiz este termo. Era supra.

O Vigario Carlos José Rodrigues (1)

PRIMEIRA CRISMA

No Livro de Crismas, da Cúria de Botucatu, consta como a primeira em 1909, em que fôra crismado Benedita, com seis meses de idade, filha de Antonio Fiuza F. Amaari e de Rita N. F. Amaral, sendo madrinha Edelvina Nogueira.

As crismas anteriores devem estar registradas na Cúria de São Paulo, se é que o foram, conforme temos tido informações de partes competentes (1).

Centro Espírita

O espiritismo, entre nós, até pouco tempo, era uma religião que não possuía templo próprio na cidade. O espiritismo propriamente dito, não era praticado, a não ser que o fosse em residências particulares.

Somente há poucos anos é que o Centro Espírita foi edificado, à rua Ignácio Anselmo, por iniciativa principal do sr. Olimpio de Mattos e outros.

Atualmente, o numero de espíritas que frequentam o Centro é cada vez maior, elemento, aliás, bastante representativo na cidade.

O seu lema principal é praticar a caridade, não olhando a que classe e nem nacionalidade pertença o necessitado.

Pratica-se ainda, na cidade o baixo espiritismo, entretanto este não gosa do menor conceito no seio do espírita de preceitos elevados. O baixo espiritismo é praticado por pessoas de baixo nível cultural, o que pode ser considerado charlatanismo, ou fanatismo, principalmente em relação à sua arte de curar. Não obstante isso, não deixa de possuir templo próprio.

Cristã do Brasil — Assembléia de Deus

Cristã do Brasil e Assembléia de Deus, que se fundem em seus princípios, são duas crenças que ficaram conhecidas, em Lençóis Paulista, não há muitos anos.

Ao menos se ouvesse algum adepto a essas religiões, na cidade, existia "encoberto", desconheciam-se quaisquer manifestações públicas a respeito.

Mas, com as frequentes visitas de "ministros" ou "padres", procedentes de outras cidades, principalmente de Bauru, a Cristã do Brasil e a Assembléia de Deus evoluíram, arraigando-se já no seio de considerável numero de crentes.

As suas práticas realizam-se em casas particulares ou em edifícios modestos, alugados especialmente para as funções.

Por inúmeras vezes, no rio Lençóis, realizam-se batizados dos recém admitidos. Dizem eles que a cerimônia executa-se em água corrente, porque São João assim o fez, quando batizou Cristo no rio Jordão.

Igreja Presbiteriana de Lençóis Paulista

Em 1880 é que apareceu o primeiro Pastor Evangélico na Vila, Rev. Chamberlain, que por quatro vezes, naquêlê ano, visitava-a.

Numa das suas peregrinações à Lençóis, do Rev. Chamberlain, houve 14 Profissões, sendo 7 na Vila, e nove menores foram batizados nessa ocasião.

Nêsse tempo, o Rev. Chamberlain organizou a Igreja, sendo eleitos três presbíteros e outros tantos diáconos.

Abriu-se uma subscrição para a edificação do templo, mas, entretanto, concretizou-se, somente, durante o Pastorado de Vicente Themudo Lessa, em 1920, ano em que foi inaugurado.

Antes do Rev. Themudo Lessa, a Igreja Presbiteriana estava dissiminada nos arredores da Vila e à margem do Tietê.

Não poucos os pastores evangélicos foram encontrados nos bairros: Corvo Branco, Barra Grande, Cachoeirinha etc. levando o conforto espiritual aos adeptos de sua Igreja, não medindo o sacrifício das longas jornadas.

No parecer de Vicente Themudo Lessa, antes de Chamberlain, na Vila de Lençóis, pregaram os Revs. Li-

nington e Dagama, os quais percorriam constantemente o interior do município.

A Igreja Presbiteriana de Lençóis Paulista alcançou um período de prosperidade, entrando em decadência depois, até ser dissolvida; Lotufo reorganizou-a em 14 de Abril de 1901. Os trabalhos do Rev. Chamberlain tiveram continuidade, na zona, neste município principalmente, pelos Revs. Landes, Braga, Lotufo e Vicente Themudo Lessa. Os Revs. Pereira Junior Anibal Norá e Onésio Pereira são frutos daquela Igreja.

Maçonaria

Até certa época se desconheceu que, na Vila, houvesse Loja Maçônica; poucos eram os maçons conhecidos aqui residentes.

No findar do século passado, as sessões maçônicas realizavam-se no afamado "sobradão", residência, então de João Celestino de Aguiar. Celestino de Aguiar era Maçon, Gráu 18, Carolina Rosa da Cruz.

Há informações de quem vos fala, à rua 15 de Novembro, 659, era prédio da Loja Maçônica, que depois foi cedido a D. José Magnani, que o transformou em Oratório de São Benedito e, no futuro, em Igreja Matriz, enquanto se edificasse a nova.

Somente em 1915 a 1920, mais ou menos, é que se conhece grande atividade da Loja Maçônica, na cidade, tendo sua sede à Avenida 9 de Julho, da qual fazia parte elevado numero de elementos representativos de Lençóis Paulista.

A Loja Maçônica de Lençóis Paulista desfrutava influencia política e em certos casos fazia valer o seu prestígio, principalmente quando eram fatos que era necessária a intervenção da justiça.

Certa ocasião, 1913 a 1914, passou residir nesta cidade, Montenegro de Tal. Não tardou que Montenegro entrasse no seio das boas relações sociais lençoenses. Convenido de sua alta personalidade e dos seus predicados culturais, queria fazer valer as suas opiniões, ainda que contrárias aos princípios da hospitalidade que lhe era oferecida.

A Maçonaria, tendo conhecimento de que Montenegro era um elemento inconveniente ao bem estar social de Lençóis Paulista, certo dia, reuniu-se em sessão extraordinária, deliberando exportar aquêlê indivíduo.

Em numero de cinquenta a sessenta maçons, numa tarde, desfilaram pela rua 15 de Novembro, destinando-se ao hotel. (Hotel Ubirama, hoje), afim de intimar e dar-lhe conhecimento dos propósitos maçônicos de Lençóis Paulista.

Naquela hora, Montenegro achava-se à mesa, jantando, em convívio, com alguns amigos.

A intimação foi-lhe tão severa que Montenegro não teve tempo de terminar a refeição e nem tão pouco vestir o paletó.

Os maçons acompanharam-no a Estação, dando-lhe conhecimento da sua inconveniencia na cidade e que se tentasse retornar, o castigo lhe seria maior.

Montenegro embarcou com passagem paga e nunca mais apareceu em Lençóis Paulista.

SOCIEDADES RECREATIVAS

A primeira sociedade devidamente organizada que surgiu na Vila, foi o gabinete de leitura: União Lençoense, fundado em 1887, cuja Diretoria estava assim constituída: Presidente, D. José Magnani; Vice Presidente, Coronel Joaquim de Oliveira Lima; 1.º Secretário, Arthur Martins de Carvalho; 1.º Tesoureiro, Guilherme Ribas Junior; 2.º Tesoureiro, Juvenal Salino, ou Sabino Vianna; Tesoureiro Geral, Manoel Amancio de Oliveira Machado e Bibliotecario, Bartholomeu De Conti.

Relevantes serviços prestou o "Gabinete de Leitura União Lençoense", mesmo fora do seu principal objetivo.

Fundou o núcleo colonial agrícola "Vitória" com aproximadamente cem famílias de imigrantes italianos, que tiveram grande orientação por intermédio do mesmo, quanto às suas colocações nas fazendas e sítios.

A Diretoria da organização "Vitória" era assim constituída: Diretor, D. José Magnani; Secretário, Conti Artidoro; Advogado, dr. Arthur Monteiro de Carvalho; Procuradores: Comendador Lázaro Fervi, Stefano Ghirotti e Bartholomeu Danti.

Em 1898, existia, na Vila, também o Clube 3 de janeiro", essa organização destinava-se somente a reuniões sociais e festas dançantes. As festas eram abrilhantadas

(1) Livro n.º de Crismas — Cúria Diocesana de Botucatu.

pela corporação musical da cidade. Os bailes iniciavam-se às 20 horas e só terminavam ao clarear do dia seguinte.

Em 1906, fundou-se a "Societá Di Mutuo Socorro Stella d'Italia", a única sociedade, então em Lençóis Paulist-



Srta. Maria Aparecida Brandi, Rainha do Ubirama Tenos Clube.

ta, cujo quadro social compunha-se somente de elementos da península italiana.

Com a transferência da Comarca e o avançamento das ferrovias, em sentido ao Noroeste, inúmeras famílias antigas foram deixando esta Vila. O pequeno número que aqui ficou, foi se irmanando, frequentemente também aquela sociedade, principalmente as autoridades, em dias de festas e comemorações.

O dr. Jaguaribe, de São Manoel, era sócio honorário da "Mutuo Socorro".

E por esse motivo, outra sociedade recreativa não se fundou em Lençóis até 1920, época em que surgiu o "Clube Recreativo Lençoense, anexo ao atual "Cine Guarani". Não tardou que o "Cine Teatro Royal, que ocupava o local do "Cine Guarani", fosse adaptado também sociedade recreativa, além das suas funções.

Mas, as dificuldades e as discordias entre as duas entidades puseram fim a existência de ambas.

A "Societá di Mutuo Socorro Stella D'Italia", por representar um país do "Eixo", durante a última grande guerra, foi extinta.

Lençóis, então, passou a sentir a falta de um centro recreativo, até se fundar o "Ubirama Tenis Clube", em 1949, sendo os seus idealizadores: Archangelo Brega, Giovanino Ciccone, Walter Petenazzi. Hélio Brega, Nardy Zillo e Libio Orsi, que, depois, foram eleitos membros da primeira diretoria, como segue: Presidente, Archangelo Brega; Vice, Giovanino Cicconi; 1.º secretário, Hélio Brega; 2.º secretário Nardy Zillo; 1.º tesoureiro, Libio Orsi e 2.º tesoureiro, Walter Petenazzi.

Hoje, o "Ubirama Tenis Clube" conta com um par de lustros de franca existência, estando na diretoria do Centerário, os srs.: presidente, Alexandre R. Paccola; vice, Herminio Jacon; secretário geral, Horácio Moretto, 1.º secreário, Luiz Lúcio Paccola; 2.º secretário, Ronaldo E. Cardoso Franco; 1.º tesoureiro, Américo Brandi; 2.º tesoureiro, Zeno Orsi — Conselho Fiscal; Dr. Paulo Zillo, Duílio Capoani e Archangelo Brega.

CINEMA — CIRCO — TEATRO

As diversões populares dessa natureza, iniciaram-se, na Vila, em circos de pano, armados em largos e praças. Em 1900, Freire & Companhia exibiam-se na cidade, num pequeno circo, cujas "paredes eram impossibilitadas de deterem a petizada mais arrojada em assistir a função gratuitamente.

Construído o prédio da "Societá Italiana Stella D'Italia", com o seu devido palco, muitas funções teatrais e exibições cinematográficas, ali se realizavam.

Conta-se que certa ocasião, exibia-se a película da morte de Humberto I, rei da Itália; no momento de aparecer o féretro, a corporação musical, estando presente, "bateu", a marcha fúnebre.

Naquela época foi levada à cena a peça: "I Die Sargenti", em idioma italiano, sendo os seus intérpretes: N. N. A. Castiglioni, A. Chirotti, Silica Chirotti, Athos Dalla Torre, Guido Bodini, A. Ganassini e R. Vanucchi. E o ato variado: "I Due Uova Al Tegame", foi interpretado por: Clénice, Favi, Silica Ghirotti, Raimunda Conti, Adelmó Dalla Torre e Alfredo Ganazzini. Preços: Geral, 1\$000, cadeira, 2\$000.

Essas exibições bastaram para influenciar da. Francisca de Oliveira Machado, que tendo cooperação do prof. Antônio Esperança de Oliveira, construiu o primeiro cine na Vila: "Cine Ideal". Era um barracão de madeira, coberto de zinco, inteiramente, circundava-o alta arquibancada, estilo circo "cavalinhos". No centro, um fechoado repleto de cadeiras, destinadas aos preços máximos. Sendo ainda, naquela ocasião, desconhecida a sonoridade dos filmes, a corporação musical animava as películas.

O "Cine Ideal" tomava o local da residência do sr. Silvio Capoani, à rua 15 de Novembro.

Em 1918 a 1920, edificava-se um cinema mais a altura do desenvolvimento da cidade. O sr. Alexandre Canova edificava o "Cine Teatro Royal", que, no transcorrer do tempo, tomou o nome de "Cine Guarani".

Finalmente, a Emp. Cinematográfica Lençóis Ltda. composta dos srs. João Passos e Mario Ribeiro dava à nossa cidade o atual "Cine Guarani". Uma casa de diversões luxuosa e que disputa o primeiro lugar com as congêneres, na zona.

O "Cine Guarani" está dotado para comportar uma assistência de mil e cem habituês. Na administração está à testa o sr. Herminio Luminatti.



Sr. Hugo Carani, presidente do Clube Atletico Lençoense.

Barbeiros

Alcides Rolin, Antônio Lodovico, José Farinelli, Virgílio Grandi, Ovidio Grandi, Antonio Prandini, Victorio Morelli, Primo Campeão, Wilson Barbosa e Lício Giacomini.

Pensões Hotéis

"Gruta Azul", de Tiaris Conti; "Hotel Anchieta"; "Hotel Ubirama".

Bancos e Correspondentes

Banco Industria e Comércio de Santa Catarina S/A. Esta organização bancária começou sua atividade em Lençóis Paulista em 1927, como Banca Populare Italiana, sendo, então, seu gerente o sr. José Zillo; sub-gerente Manoel Moreira da Cruz; contador Tulio Brighiuti; funcionários: Antonio Canova, Antonio Zillo; contínuo, Lino Pavanio.

Em 1929, a Banca Populare Italiana, passou a denominar-se: Banco Italo Brasileiro S/A. Em 1942, denominou-se Banco Nacional da Cidade de São Paulo S/A. Finalmente "INCO", sendo seu gerente, Antonio Canova; contador, Rubens Fleury; sub-contador, Admiral Finco e Vitorio Bottan; Tesoureiro, Olavo Rodrigues Sampaio; escriturários: Gerson Giacomini, Antonio Moretto e Jorge Pinheiro; contínuos: Olavo de Oliveira Lima e Walter Falasca.

O Banco Brasileiro para a América do Sul S/A. iniciou suas atividades, em Lençóis Paulista, como Escritório, dependente da Agência de São Manoel, em prédio alugado sito à rua 15 de Novembro, 327, sendo inaugurado em 28 de Agosto de 1945.

Para gerente foi designado o sr. Alberto Garzesi e contador do escritório o sr. Orlando Pauletti.

Dado ao seu crescente desenvolvimento ou melhor, movimento, o escritório foi elevado a categoria de Agência, poucos meses depois, ou seja em 1.º de Junho de 1946, conforme carta patente n.º 14 de 4 de Fevereiro do mesmo ano.

Em 1949, deixando a Agência o sr. Orlando Pauletti, assumiu, nessa ocasião, o cargo de contador, o sr. Wilno Canova, atualmente sub-gerente.

O Banco Brasileiro para América do Sul S/A., iniciou suas atividades com apenas dois funcionários, ao passo que atualmente 10 elementos encontram-se em plena atividade na Agência, continuando na gerência o sr. Alberto Garzesi, sub-gerência Wilno Canova e a contadora está a cargo o sr. Nilo Valentino, Mentor.

O Banco Brasileiro para América do Sul S/A, em setembro de 1956, passou a denominar-se Banco Brasul de São Paulo S/A. Fundação que iniciou suas atividades em 1943, com um capital de 20.000.000,00 de cruzeiros, enquanto hoje possui um capital realizado de Cr\$ 150.000.000,00 e reservas constituídas num montante de Cr\$ 134.279.225,20. A Agência local, hoje, está instalada em prédio próprio.

O Banco do Brasil é outra instituição bancária que efetua elevado movimento, no sentido de cobranças, sendo o seu correspondente o sr. Angelo Augusto Paccola.

Banco do Estado

O Banco do Estado iniciou suas atividades bancárias há uns cinco lustros mais ou menos. Enquanto construía o prédio próprio, a Agência local funcionou em edifício particular, cedido pela firma S/A Luiz Paccola Comércio Indústria, onde a mesma tinha instalado seus escritórios.

Por influência do sr. Oswaldo de Barros, então Presidente do Banco do Estado, a Agência de Lençóis Paulista teve o seu edifício próprio edificado alguns anos antes do que previa a organização.

Por ocasião da inauguração do Agência do Banco do Estado desta cidade, esteve presente o dr. Adhemar de Barros, que parainfou as cerimônias.

O primeiro gerente da Agência de Banco do Estado desta cidade foi o sr. Pricolli, sucedeu-o o sr. Antônio Dias Ferra e, finalmente, sr. Ricardo Marques.

Caixa Econômica Estadual

A Agência da Caixa Econômica Estadual, foi instalada em Lençóis Paulista, no dia 22 de Abril de 1937, sendo o seu Diretor o sr. Raul Gonçalves de Oliveira, o qual continua como funcionário até esta data.

Corpo de escriturários: Gonçalves de Oliveira e Wilson Grandi, que estão respondendo pelo expediente.

OUTRAS ORGANIZAÇÕES:

Casa da Lavoura

Instalou-se, oficialmente, nesta cidade, no dia 6 de Janeiro de 1951, a Casa da Lavoura, sendo nomeado Agromônomo Chefe o Dr. Claudio Antônio Pinheiro Machado e, atualmente, ocupa aquele elevado posto o Engenheiro Agromônomo, dr. Kubem Kerr Nogueira.

Legião Brasileira de Assistência

Desde os primeiros tempos que fôra criada a Legião Brasileira de Assistência no Brasil, em Lençóis Paulista, passou a exercer grande atividade, quanto a assistência dos necessitados. Por longos anos esteve na Presidência Dona Lina Bosi Canova, que, agora, foi substituída por Dona Maria Zillo de Carvalho.

Associação Rural de Ubirama

Ao fundar-se essa Associação, em 14 de Junho de 1947, tomou o nome de "Associação Rural de Ubirama", em virtude da mudança que sofrera o nome do nosso município.

A sua primeira Diretoria estava assim organizada: Jácomo Augusto Paccola, presidente; João Oliveira Lima, vice; Horácio Moretto, 1.º secretário; Adib Maluf, 2.º secretário; Francisco Radichi, 1.º tesoureiro e Haroldo Cacciolari, 2.º tesoureiro. Sócios Fundadores: Jácomo Augusto Paccola, João Oliveira Lima, Adib Maluf, João Zillo, José Zillo Sobrinho, Vicente Moreto, Tonin Benedito Bergamaschi, Ingvar Aagessen, Assada Feres, Joaquim Antonio Martins, Carlos Trecenti, Zillo & Lorenzetti, Zillo, Caponi & Cia., Angelo Augusto Paccola, José Zillo Sobrinho, Horácio Moratto, José Coneglian e Marcelino D. Queiroz.

A A. R. de Ubirama, foi organizada em 2 de Fevereiro de 1952. Passou a denominar-se Associação Rural de Lençóis Paulista, Filiando-se à Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo, "FARESP". Sócios fundadores da reorganização: Jácomo Augusto Paccola, José Paulino da Silva, Oswaldo Pereira de Barros, Joaquim Anselmo Martins, Angelo Augusto Paccola, Plácido Moretto, José Martins Sobrinho, Murray Martins de Camargo, Nadim Temer Feres, Angelo Zacharias, Adib Maluf, Antônio Elias do Prado, Dante Andreoli, Laurindo Borin, Pedro Contieri, Giro Lara Aguiar, Marcelino D. Queiroz, Pilade Momo, Juliano Lorenzetti, Guerino Cacciolari, Amadeu Pedro Longo, José Hiran Garrido, José Garrido Gil, Ingvar Aagessen, Ermano Turcarelli, Antônio Foltran, José Guilherme, José Antônio da Silva, Júlio Andreoli, André Ruiz, Antônio Dias Ferraz, Jácomo Paccola, Magino Borin, Henrique Moretto, Pedro Lorenzetti, Diogo Martins, Manoel Lopes, Miguel Costa, Anizio Gomes Lopes, Pedro Castelhana, Vicente Moretto, Lazineha Dias de Oliveira, Antônio Boso.

1.a Diretoria: José Paulino da Silva, Presidente; Jácomo Augusto Paccola, vice; Renato Leal Pamplona, 2.º vice; Antônio Foltran, 3.º vice; Cyro de Lara Aguiar, 1.º secretário; Haroldo Cacciolari, 2.º secretário; José Hiram Garrido, 1.º tesoureiro e Antônio Lorenzetti Filho, 2.º tesoureiro.

Diretoria atual: José Paulino da Silva, presidente; Renato Leal Pamplona, vice; Francisco Assis Machado, 2.º vice; João Oliveira Lima, 3.º vice; 1.º secretário Antônio Dias Ferraz; 2.º secretário, Nadim Temer Feres. Comissão Fiscal: Ingvar Aagessen, Antônio Lorenzetti Filho, Jácomo Augusto Paccola. Suplentes: Silvio Boso, Antônio Zillo e Pillade Momo.

Centro Cultural

Em 1956, fundou-se, na cidade o "Centro Cultural", que funcionou, por alguns meses, anexo ao "Ubirama Tennis Clube", durante a sua curta existência o C. C. L. teve o ensejo de trazer a Lençóis Paulista, exímios conferencistas de Bauru e Agudos. Como também, patrocinou diversas excursões de intercâmbio cultural, nas cidades vizinhas.

O consagrado escritor, aliás filho de Lençóis, Origenes Lessa, enviou ao C. C. L. inúmeros volumes, destinados à sua biblioteca.

IMPrensa ESCRITA E FALADA

No transcorrer do século XIX, circulou, na Vila, o primeiro semanário: "Fiat Lux", sob a direção de D. José Magnani. Em 1889, era o porta voz das aspirações lençoenses. Extinto este, o seu diretor substituiu-o pelo "Imparcial", a sua impressão era feita no Gabinete do Padre, numa impressora de madeira, no prédio da atual farmácia "Popular", à rua 15 de Novembro.

Depois, surgiram alguns panfletos e jornais críticos, entre eles o "Trovão", que trazia o sub título: **Quem não deve não teme.**

O "Trovão" não tendo deixado o menor documento de quem tenha sido o seu diretor, desconhece-se o nome.

Após o "Trovão" circulou um pequeno jornal crítico, orientado por um grupo de rapazes, o qual não passava de um panfleto, entretanto, não deixava o povo em paz. Como esse pequeno semanário não existe, trazemos de memória os dizeres seguintes:

"De Lenções, só levo um gosto
Que é a minha consolação,
Que escapei, mas não sei como,
Da cela do Chico Pião".

Desde então, Lenções passou um longo período sem jornal.

Em 1898, o sr. Angelo Ricchetti propunha à Idelidade lençoense a publicação, no seu semanário, "O Município", órgão que se editava em São Manoel, de todo o expediente da Camara e da Intendencia, por 1.200\$000 anuais.

Em 1923, o prof. João Almeida Castanho fundava o "Imparcial", que circulou alguns meses apenas.

No ano de 1924, apareceu o "Indicador", destinando-se quasi que exclusivamente a anuncios de propaganda. O "Indicador" era impresso na "Tipografia Comércio", de propriedade dos srs. Oliva & Cia. circulando pouco tempo.

Em 1928, editava-se o "Jornal de Lenções", estando à testa dos seus destinos João Batista Lopes, que o manteve pelo espaço de um ano somente.

Depois, apareceu o "Imparcial", em 1936, fundação de Naif Rezek, entretanto, esse também não teve vida duradoura, não foi além da sua 6.a edição.

Finalmente, por nossa iniciativa, Vicente de Paula Ferraz e Alcides Ferrari, em 1938, iniciavam-se as atividades do "O ÉCO", nesta cidade, cuja circulação, da qual muito nos orgulhamos, continua regularmente.

Após a desistencia dos srs. Vicente de Paula Ferraz e Alcides Ferrari, que se deu durante o primeiro ano de fundação do nosso semanário, tivemos os auxiliares seguintes: Orlando Pauletti, Flávio Paccola, Paulo Netto, Juarez Jacon e, finalmente o redator chefe, Hermínio Jacon.

No dia 3 de Julho de 1920, a direção do "O ÉCO" conseguiu reunir, nesta cidade, os jornalistas do "Correio da Noroeste", da Capital da Terra Branca, chefiados por José Fernandes, diretor daquele diário baurense.

Jornais Escolares

Circulavam ainda em Lenções jornais escolares. Em 1940, "O Vanguarda" sob a direção de Flávio Antonio Campanari, Myriam Medola, Lidio Luiz Bosi e Angelina Ana Capoani.

Em 1950, "A Juventude" de Edy E. Coneglian e Renato Trecenti. Em 1952, "Nós Voltaremos", sendo seus diretores: Adolfo Ranzani, Renato Rossi, Edó J. Coneglian, Mario Paschoalini, Juarez Jacon e Maria de Lourdes Biral.

E finalmente, em 1956, o "NÓS", fundação da profa. Vera Braga Franco Giacomini.

Imprensa Falada

Inaugurou-se, em 6 de Janeiro de 1951, a Difusora local ZYR-36, cuja iniciativa partiu dos seus fundadores: Geraldo Barros, Hélio Brega, Miguel Leuzzi e dr. Antônio Leuzzi, sendo atualmente o seu gerente Archangelo Brega.

VIDA ESPORTIVA

Com a formação da Vila de Lenções, surgiu também o esporte. As primeiras tardes esportivas realizavam-se ao longo das Ráias, sendo a mais afamada, no início do século XX, a "Ráia Velha", que estaria, hoje, situada nas imediações da Vila "Maestra Amélia", ponto convergente dos animais conceituados no "hiterland" lençoense.

Com a vinda do elemento italiano,, passou-se a praticar também o esporte das "Bochas", cujos campos construam-se nos quintais de bares e casas comerciais.

Em 1908 a 1910, introduziu-se o futebol em Lenções. O prof. Antonio Esperança de Oliveira, educador nas escolas isoladas, tornou-o conhecido, formando as equipes entre os alunos dos estabelecimentos, em horas de recreio. E para incentivar a petizada, denominava de Rússia e Japão os quadros em contenda, época em que muito se falava da guerra russo-japonesa.

Sob essa influência, não tardou que, em Lenções, fosse fundada a primeira entidade esportiva: "Flor da Mocidade" — os alvi-celestes, tendo a sua "cancha" à margem esquerda da estrada de rodagem Lenções-Macatuba, para quem vai desta àquela localidade, próxima à "Distilaria Central".

Por circunstâncias várias ou conveniência, a "cancha" primitiva foi abandonada, construindo-se outra ao lado oposto, na parte alta da cidade, no quarteirão defronte a atual praça esportiva municipal.

Daí por diante, o "Flôr da Mocidade" passou ter sua sede no prédio da "Societá di Mutuo Socorso Stella D'Italia".

O Intendente, Coronel Virgilio de Oliveira Rocha era um ardente esportista naquêles tempos. Doou, ao clube um riquíssimo Estandarte, com as iniciais e cores da entidade. Nos dias de hoje, antes dos prelios, lençoenses e adversários desfilavam pelas ruas principais da cidade, ricamente uniformizados, não faltando a corporação musical, abrilhantando o desfile esportivo.

Os lençoenses marchavam ostentando o seu rico estandarte.

A praça esportiva era "chão duro", mas não deixava de possuir as características que a realçasse no conceito dos visitantes, inclusive o custosíssimo jogo de redes dos arcos, doação também do Intendente da cidade.

Em 1924, o "Flôr da Mocidade", deixou de existir, transformando-se em A.A. Lençoense. Alvi-rubros, atingindo a sua fase áurea, quando assumia a diretoria: Bruno Brega, José Augusto Machado e Mauro Chitto.

Naquêles tempos, Mauro Chitto, vice prefeito em exercício, coadjuvado por Bruno Brega e sob a orientação do deputado dr. Elias de Oliveira Rocha, chefe do executivo lençoense licenciado, construiu-se a atual praça esportiva Municipal, cujos trabalhos estiveram a cargo de Stefano Guirotti.

No ano de 1937, no setor esportivo, em Lenções, já não se pensava somente no futebol. Por iniciativa de Lidio Bosi, fundou-se o "Clube de Tiro ao Vão Lençoense", tendo o seu moderníssimo "Stand", onde hoje há a Escola Normal e Ginásio do Estado "Virgilio Capoani".

Esse esporte, pelo espaço de quatro anos, foi o ponto atrativo dos esportistas locais e dos grandes centros. Extinguindo-se o C.T.V.L. em 1940, em substituição A.A. Lençoense, fundou-se o E. C. Lençoense, de futebol, não tardando, entretanto a sua dissolução, para surgir o atual C. A. Lençoense, em 1943.

Com a oficialização do Ginásio "Imaculado Coração de Maria", para Ginásio do Estado, afluíram a Lenções professores esportistas, entre eles, Laudelino de Lima Rolin, que auxiliados por elementos da cidade, fundaram uma entidade de Voleibol, cujas equipes conquistaram o título de Penta Campeão, nos jogos da Alta Sorocabana e o cetro de vice nos jogos abertos, realizados na cidade de Bauru, em 1957.

Fundaram-se, também, em Lenções, diversas entidades de futebol, juvenis e infantis.

Atualmente, na cidade existem duas praças esportivas: "Virgilio Capoani", à rua Inácio Anselmo, e a Praça Municipal, esta última grandemente remodelada pelos atuais diretores do C. A. Lençoense: Edilio Carani Filho, Rubens Pietraroia e Luiz Batistela. A equipe está a cargo de Abilio Lazzari.

Diversas entidades praticam o futebol na cidade: C. A. Lençoense, Vasco, Botafogo e São Paulo F. C.

Nêstes ultimos meses, a praça "Virgilio Capoani" também passou por grande reforma.

O dr. Ismar Marcilio de Freitas e sr. Duilio Capoani, os quais dedicam considerável tempo em prol do esporte local, movimentaram uma campanha para melhorar aquela praça esportiva, que auxiliados por particulares e Prefeitura Municipal, conseguiram dar a Lenções Paulista um recanto recreativo a altura da cidade.



Os senhores acima membros da "Comissão do 1.º Centenário" posam para recordação merecida pelo trabalho em prol dos festejos. Em pé da esquerda para a direita: José Serralvo Sobrinho, José Paulino da Silva e Duílio Caponi; sentados: Dionísio Ceschini e Alexandre Quitto.

Oficina São Luiz

Luiz Batistela & Irmãos

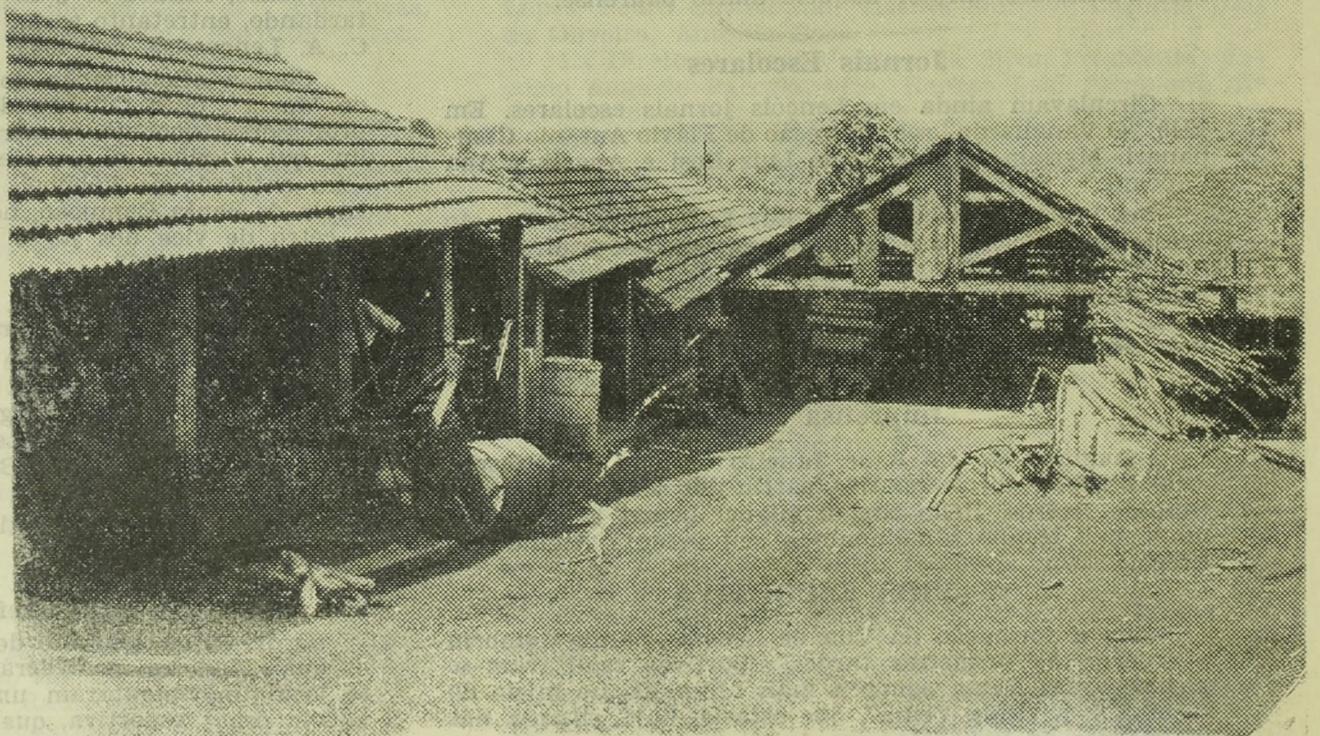
Fabricação e reformas de Carrocerias, carroças, charretes e vagonetas

Rua 15 de Novembro, 151

Telefone 138

Caixa Postal 8

Lencóis Paulista



Pavilhão das oficinas "São Luiz", de Luiz Baptistela & Irmãos

SERVIÇO DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA E REDE DE ESGOTOS

Enquanto a cidade não era dotada dos serviços de água e rede de esgotos, a população se abastecia do precioso líquido potável no Chafariz, construído em 1906.

A "Biquinha", como é vulgarmente denominada constituiu uma tradição, para os habitantes de Lençóis Paulista.

Os serviços de água e esgotos era um problema, em Lençóis, que vinha sendo estudado desde 1901, pelo engenheiro Sam Juan, quando Intendente ainda o Major Octaviano Martins Brisola.

Os estudos foram renovados depois de dez anos, mais ou menos, durante a gestão do Coronel Virgílio Rocha, estando já em vias de execução e não sendo iniciadas em virtude da morte ter truncado repentinamente a existência daquele cidadão.

Somente em 1926, na Prefeitura o Dr. Elías de Oliveira Rocha e presidente da Câmara o Sr. Alexandre Canova, é que os poderes públicos lavraram o contrato com o empreiteiro Virgílio Ernel, dotando a cidade de água e esgotos.

A linha adutora, de quatro mil metros de extensão, constituiu-se de tubos de aço de cinco polegadas de diâmetro, com junções tomadas a chumbo de fabricação Mannmann.

Mas uma política de divergências sem quartel, entre Pinheiros e Martins, os situacionistas, de então, ou seja no período de 1927 a 1929, substituíram aquela adutora por manilhas comuns, vendendo-a à própria casa fornecedora: Cia. Mecânica Importadora de São Paulo. Fato, aliás, condenável pelos entendidos.

Durante a gestão do Deputado sr. Geraldo de Barros, o abastecimento de água foi grandemente melhorado e ampliado. O sr. Geraldo de Barros mandou abrir dois poços artesianos, um a direita e outro a esquerda do rio Lençóis, próximos a atual Estação de Tratamento de água. O sr. Geraldo de Barros teve os seus trabalhos continuados por Virgílio Capoani, aliás, em grande escala. Agora, dentro de poucos meses, os sr. Oswaldo de Barros, prefeito Municipal, dará à cidade um moderníssimo e eficiente serviço de abastecimento de água, cujos trabalhos encontram-se adiantadíssimos, não tardando a sua inauguração.

Os trabalhos foram contratados e estão sendo executados pela Sociedade Ltda. Engenharia Sanitária e Civil de São Paulo.

CEMITÉRIOS

Quando ainda a Vila se reduzia a algumas casas, na parte alta, no espigão entre o rio Prata e o Lençóis, aquele pequeno povoado enterrava seus mortos no cemitério onde, hoje, existe a Casa Paroquial, à rua Coronel Joaquim Gabriel, cemitério de emergência, como poderia ser chamado.

Quasi há um século, 1868, as sepulturas eram abertas por aqueles que conduziam os mortos ao cemitério. Não avia zelador. E geralmente, quem abria as sepulturas, não obedecia a profundidade regular. **"Pelo presidente foi declarado que algumas pessoas do sítio que trazem cadáveres para sepultar no cemitério público desta Vila costumam fazerem sepulturas rasas de que resulta a exalação pútrida daqueles cadáveres"** (Livro de Atas n.º 1 pag. 24 — Prefeitura).

Conta-se que alguns escravos foram sepultados nas imediações da atual Estação da Estrada de Ferro Sorocabana.

Desenvolvendo-se a cidade em sentido ao rio Lençóis, construiu-se a Necrópole no local do Ginásio do Estado e Escola Normal, ou seja ao lado da Praça Esportiva Municipal. Um Cemitério pequeno e que a sua desapareção se deu inteiramente, visto nele não existirem jazigos e nem capelas que pudessem perpetuar a sua permanência, naquela quarteirão.

Numa Necrópole cercada de fios de arame e em parte de pau-a-pique, não havendo a menor garantia para as sepulturas, cães vadios e tatus mirins viviam constantemente revolvendo-as e expondo ossadas e cadáveres recém sepultados.

O sr. Octávio Bosi, tendo que sepultar um seu recém nascido e não pretendendo expô-lo à merce dos "invasores" noturnos requereu o consentimento da Câmara para que a criatura fosse soterrada na Capela de D. José Magnani, seu cunhado, à rua 15 de Novembro.

A Edilidade negou-lhe o consentimento por questões políticas, o sr. Octávio Bosi não atendeu a negação. A Edilidade, compreendendo que perderia a questão com D. José Magnani, abandonou o assunto.

O terreno destinado ao velho cemitério ou já existente, foi doado pelo Barão Mello de Oliveira, que como ussemos era proprietário de todos os quarteirões que atualmente compreendem a Vila "Maestra Amelia".

Mais tarde construiu-se a nova Necrópole. Assim sendo Lençóis, naquela época possuía o velho e novo cemitério.

A extinção total da velha Necrópole deu-se em 1932, mais ou menos, quando o chefe do executivo lençoense, o sr. Raul Gonçalves de Oliveira mandou transladar os remanentes dos ossos para o ossário do cemitério atual.

Naquêle dia, o povo reunido em romaria, desfilou da velha para a nova Necrópole, ficando, assim, o terreno entregue às futuras pretensões da Prefeitura.

Até, aproximadamente, 1910, os mortos que vinham dos sítios, eram trazidos em "redes". E assim como chegavam eram sepultados. Mas, depois, a Prefeitura baixou uma lei, impedindo sepultamentos sem o devido caixão, concorrendo com as despesas para os considerados indigentes.

Tanto católicos, protestantes, espíritas, como pertencentes a outras religiões sepultam seus mortos no mesmo cemitério. Na Necrópole não há distinção e nem particularidades dos túmulos e sepulturas rasas, que possam revelar a existência de diferentes religiões em Lençóis Paulista.

Somente que em dias Finados, os católicos costumam adornar de flôres os jazigos de parentes e amigos, quando ao envés, os protestantes e espíritas, deixam-os sem o menor sinal de pesar ou ressentimento.

ESCOTISMO — TIROS DE GUERRA — PRACINHAS — REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA

O escotismo, em Lençóis Paulista, surgiu no tempo do prof. Amando Madureira, em 1914, e que sob a sua sábia orientação foi até 1918. Depois foi o seu continuador, o prof. Monte Serrat, pelo espaço de um ano, 1922 a 1923, entrando, mais tarde na fase sob a direção do prof. Henrique Richetti, 1925 a 1929.

Nessa época, os escoteiros lençoenses, capitaneados pelo prof. Henrique Richetti, realizaram uma excursão até à capital do Estado, a pé, cujo percurso foi vencido, com galhardia e entusiasmo, no espaço de 16 dias.

A caravana era composta de 20 escoteiros, sendo assim organizadora: orientador Henrique Richetti; instrutor: Reinaldo Dandegraf; fotografo oficial: Bruno Brega; chefe da ambulância, cabo José Rossi; cargueiro, a cargo de Pedro Oliva; corneteiro Mór, Arnaldo Borebi; fanfarras: Noris Conti e Hermínio Luminatti; componentes: Mario Biral, Benedito dos Santos, Zequis Sasso. Hélio Brega, Hugo Canova, Orlando Ciccone, Luiz Conti Filho, Lourenço Lini, Eipidio Castiglioni e Victor Simioni..

Além do burro cargueiro, acompanhava a caravana, um cão, guia, doação do sr. Caliato Canova. A maioria dos escoteiros contava apenas a idade de 10 a 15 anos. Chegando a São Paulo, os excursionistas foram recebidos nos Campos Elyseos, pelo dr. Julio Prestes.

Pracinhas da Grande Guerra

Lençóis Paulista compartilhou, também, diretamente da grande guerra, contra o "EIXO". Nos corpos expedicionários brasileiros, enviados à Itália, figuravam os seguintes Pracinhas, filhos de Lençóis Paulista: Armando Dalben, Tito Colomeira, Anísio Lopes Carneiro.

Por ocasião do seu regresso, após o término do conflito, a população lençoense prestou aos seus Pracinhas tocante e significativa manifestação. A cidade inteira embandeirou-se, a exemplo de todo o Brasil, enquanto que o povo recebia nos braços e cobrindo-os de flôres, os heróis de Monte Castelo.

Atiradores de Guerra

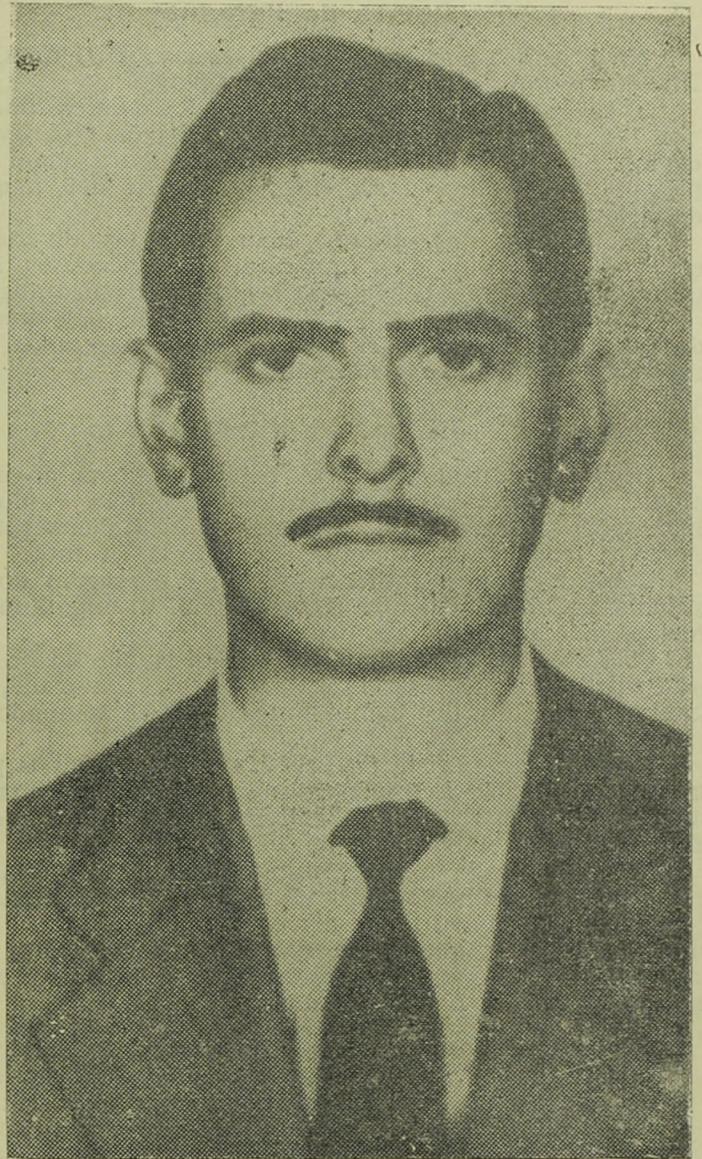
Grande número de jovens lençoenses obtiveram o seu certificado militar de 2.ª Categoria, servindo nos Tiros de Guerra: 66 e 423, aquêle com sede em São Manoel e este em Jaú.



Pracinhas de 1932, em continência a Bandeira, no dia 9 de julho de 1957.



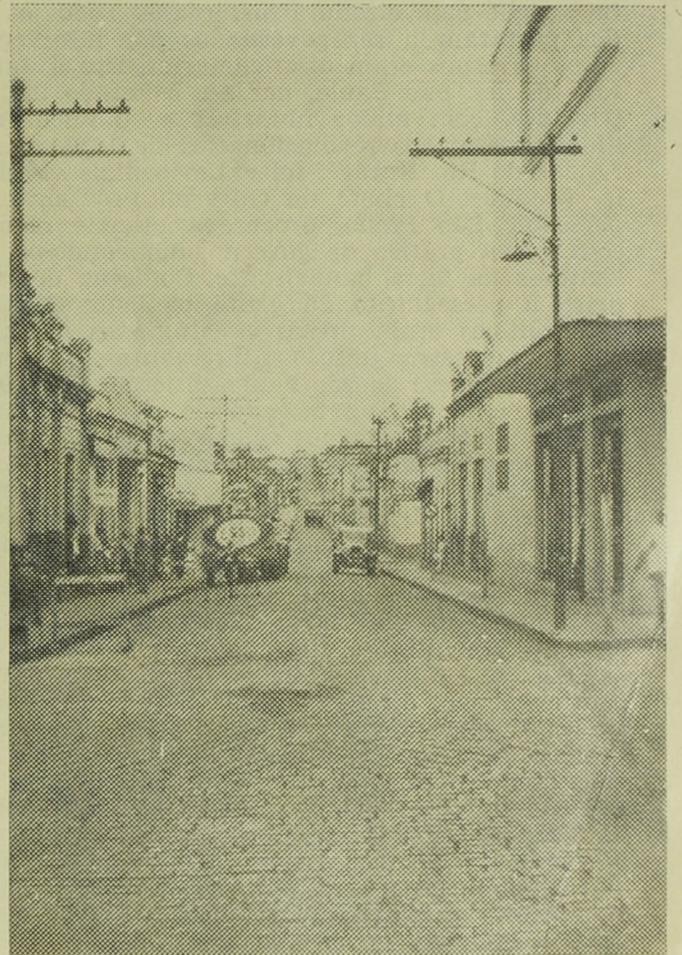
Sr. Bruno Brega, coletor estadual e provedor do Hospital Nossa Senhora da Piedade.



Presidente do Ubirama Tennis Clube e Redator-chefe do Herminio Jacon, vereador à Câmara Municipal — Vice-Jornal "O Eco".



SR. FLORINDO CONEGLIAN



Trecho da Rua XV de Novembro, uma das principais ruas da cidade.

Guerra do Paraguay

Na histórica campanha do Paraguay, participou João Francisco, conhecido por João Paraguay.

João Francisco, por ocasião daquela Guerra, não era um Tenente, Major, Coronel ou Capitão da Guarda Nacional, não, mas se alistou voluntariamente como simples soldado, voltando somente quando se deu a queda de Solano Lopes.

Já na casa dos oitenta, João Paraguay divertia-se contando passagens da campanha, aos lençoenses. Falecendo, segundo nos consta, foi sepultado como indigente.

Há quem afirme que outros lençoenses participaram da Guerra do Paraguay, entretanto, não conseguimos apurar quais tenham sido eles.

Revolução Constitucionalista

Lençóis Paulista não ficou alheio também ao movimento Constitucionalista, deflagrado por São Paulo, em 1932, para integrar o Brasil nas égides democráticas. Diversos lençoenses estiveram no campo da luta.

Comemorando o fato histórico, na passagem do 25.º aniversário do movimento, Lençóis Paulista engalanou-se, revivendo 9 de Julho de 1932.

Pela manhã daquele dia, houve missa na Igreja Matriz celebrada pelo Pe. Luiz de Oliveira Andrade, por intenção da alma dos combatentes de 1932, tombados no campo da luta.

Defronte ao edifício da Prefeitura, os veteranos prestaram continência à Bandeira sob o som da marcha batida. Toque de silêncio no cemitério local, diante dos túmulos dos ex-combatentes de 1932.

Foi inaugurada a placa numa avenida que tomou o nome de 9 de Julho, onde o 1.º Tenente Murray Martins de Carvalho proferiu longo discurso, rememorando o movimento de 1932, que o transcrevemos por ser um belo capítulo da história da revolução de São Paulo e, ao mesmo tempo de Lençóis Paulista.

“Comemoramos hoje, a passagem do jubileu de prata do Movimento Constitucionalista. Explicarei o que foi este grande acontecimento. Em outubro de 1930, o Dr. Getúlio Vargas, chefiando as tropas dos governos de Minas, Rio Grande do Sul e Paraíba, marchou para o Rio de Janeiro, depondo o Presidente da República, dr. Washington Luiz Pereira de Souza.

Dissolveu o Congresso Nacional. Desta data para frente, passou o Brasil a ser governado fora da lei. Foi instituído o Governo Provisório, que não mais foi do que uma ditadura disfarçada. Todos os Estados passaram a ser governados por interventores, cujos governos eram discricionários, isto é, também fóra da lei. São Paulo, por ser o Estado mais importante, com maior indústria e, também o que mais resistiu aos revolucionários de 1930, nas barancas do Rio Itararé, foi então o mais visado pela ditadura. O chefe do Governo Provisório, para perseguir São Paulo, procurava oficiais revoltosos com pouca prática de governo, nomeando-os interventores na terra bandeirante. Começou dessa maneira a perseguição da gente paulista. Seus antigos políticos eram presos e caluniados e deportados para o estrangeiro. Os interventores prejudicavam o progresso de São Paulo, dificultando a exportação do café, produto base de sua economia, fazendo a queima do mesmo nos célebres armazéns reguladores. Desmoralizavam o seu ensino, fechando escolas e faculdades. Praticavam os piores atos de opressão contra a gente de São Paulo. O laborioso povo da terra bandeirante, cansado de ser oprimido, clamava tra a gente de São Paulo. O laborioso povo da terra bandeirante, cansado de ser oprimido, clamava insistentemente pela volta da **Constituição**. Era pedido diariamente o regime da lei.

Em 1932, o Governo Provisório nomeou um paulista civil, para dirigir os destinos de São Paulo. Era ele o Dr. Pedro de Toledo, nascido em São Paulo de família ilustre e Embaixador aposentado. De nada valeu a sua nomeação, pois, todos os seus atos eram fiscalizados pela Legião Cívica 5 de Julho, sediada na Praça da República. Como se vê, continuava a opressão e perseguição contra os paulistas. Não podia falar em eleições e muito menos em regime legal. Diante de tantas perseguições, o povo, guiado pelos acadêmicos de direito da Faculdade do Largo São Francisco, tendo à frente o Dr. Ibrahim Nobre,

no dia 23 de Maio de 1932, fizeram uma manifestação de protesto junto à Legião Cívica, entidade da Ditadura, que exercia pressão no Governo Pedro Toledo. Após ter usado da palavra o Dr. Ibrahim, clamando pela volta da Constituição, os componentes da entidade da Ditadura, situada na Praça da República, abriu fogo de metralhadoras contra o povo onde tombaram mortos os seguintes estudantes: Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo. A gente de São Paulo constrangida pelo infausto acontecimento, com lágrimas nos olhos, o coração dilacerado sepultou os estudantes, covardemente metralhados. Ocultamente organizaram uma sociedade com as iniciais dos estudantes mortos: M.M.D.C.

Esta sociedade iria trabalhar com empenho para a democratização do Brasil, quando o General Bertholdo Klinger, comandante da Guarnição de Mato Grosso, associou-se aos protestos de São Paulo, pela volta da Constituição, precipitando os acontecimentos, sendo assim obrigado a deflagração do Movimento Constitucionalista no dia 9 de Julho.

O General Bertholdo Klinger desembainhou a sua espada em continência a Lei e assumiu o comando de todo o exército Constitucionalista.

O Dr. Pedro de Toledo foi exonerado do cargo de Interventor e em seguida empossado Governador de São Paulo, por aclamação do povo, exército e Força Pública. Organizou-se os grandes comandos. Para o setor Sul, foi nomeado o Cel. Basílio Taborda, para Eleutério, o Cel. Romão Gomes, para a Alta Sorocabana, o Cel. Pedro Dias de Campos, de cujo setor, fiz parte, comandando uma bateria de bombardas. Para o setor Norte, o Cel. Euclides Figueiredo auxiliado por Cel. Palimerio de Resende. A luta foi tremenda.

Aberto o voluntariado, cresceu o número de adesões e a tradicional Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, constituiu-se a alma dessa mobilização. Batalhões e batalhões foram organizados, exercitados e para as frentes de combate seguiram. Eram soldados da Lei, que partiam entusiasmados para as trincheiras da legalidade. No dia 23 de Julho, vítima de lamentável acidente, numa experiência de Bombardas, morre o General Marcondes Salgado, figura empolgante da luta, desde o primeiro momento, à frente do comando da Força Pública de São Paulo.

Os soldados da Ditadura dispunham de todos os meios para combater a causa que São Paulo defendia. Todo o resto do Brasil, foi mobilizado para combater os soldados da Lei. O porto de Santos foi totalmente bloqueado pela esquadra. Ficamos completamente isolados. Reuniram-se todos os professores versados em direito internacional e sugeriram ao Governo Pedro de Toledo para pedir o Estado de beligerância. Foi pedido e este negado por todas as nações. Em Minas Gerais tivemos como aliado o Dr. Artur da Silva Bernardes, ex-presidente da República, preso por este motivo na cidade de Viçosa. No Rio Grande do Sul, combateu pela causa de São Paulo, o Dr. Borges de Medeiros, preso nas proximidades de Tupanciretan. Como se vê, o Movimento não era só em São Paulo. Pois as divisas usadas aqui eram “Pro Brasilia Fiant Eximia”.

Só se procurou dar ao Brasil uma Constituição que nos faltava desde 1930; não se procurou separar São Paulo do Brasil, como se apregoava. Em resumo foi pelo Brasil que morreram tantos soldados da Lei, muitos dos quais repousam no Monumento do Soldado Constitucionalista do Ibirapuera. Com a falta de armas e munições, tendo já os paulistas demonstrado heroísmo nas trincheiras, como foi verificado nas baixas da Ditadura e Buri, Túnel Fartura, Engenheiro Bianor, Cunha e Ourinhos, viram-se obrigados a solicitarem o armistício. Após noventa dias de luta, foi assinado o documento de rendição das tropas paulistas pelo General Klinger. Fomos obrigados a depôr as armas e cumprir todos os itens do documento assinado.

Desta época para a frente, o Governo Provisório tratou os Paulistas com mais respeito, nomeando para o Governo Interventores filhos de São Paulo.

Eles eram descendentes de famílias tradicionais, homens onrados, capazes, da estirpe de Armando de Sales de Oliveira, Prof. Cardoso de Melo Neto, Ademar de Barros e Fernando Costa. Assim

sendo, desceu a paz sobre a terra bandeirante. Em 1945, o Brasil entrou definitivamente no regime legal. Os representantes do povo no Congresso Nacional elaboraram uma Constituição verdadeiramente democrática. Imploramos ao nosso bom Deus, para que a nossa querida Pátria, seja sempre governada dentro da legalidade. Que as gerações futuras, sigam os exemplos dos soldados de 32, prontos e vigilantes na defesa do regime legal. Quem não teve a ventura de nascer em São Paulo, mas teve o privilégio de defendê-lo com armas na mão e, viu os seus filhos derramar o seu sangue generoso pela Lei, pela liberdade e pela justiça, sente-se alegre por poder estar comemorando as bodas de prata de 19 de Julho."

VOLUNTÁRIO: NORIS CONTI

Eis na íntegra o discurso do 1.º Tenente Dr. Murray de Carvalho, do Exército Nacional, que sendo mineiro de nascimento demonstrou paulista de coração e, antes de tudo lençoiense.

Veterano: Noris Conti.

Veterano: Ângelo Moretto — Pracinha pertencente ao 4.º R. I. do Exército. Tomou parte ativa no Setor Norte, sob o Comando do General Euclides Figueiredo. Combateu nas frentes de Areias, Silveira, Túnel e Queluz.

Veterano: Lázaro Benedito de Camargo — Setor Sul, pertencia à Força Pública.

Veterano: Pracinha Luiz Batistella, pertencia ao 4.º R. I. do exército. Tomou parte ativa no Setor Norte, sob o Comando do General Euclides Figueiredo. Guarneceu e combateu em Silveiras, Areias, Túnel e Queluz.

Veterano: Waldemar Warick, foi pracinha do 6.º R.I. do Exército. Atuou no setor Norte sob o Comando do General Euclides Figueiredo.

Veterano: Mário Andreto, Voluntário, pertenceu ao Batalhão "Ibrahim Nobre", agiu no Setor do Cel. Pedro Dias de Campos.

Voluntário: Domingos Giovanetti.

Veterano: Antônio Giovanetti.

Veterano: Antônio de Barros, Voluntário, serviu na 3.a Cia. do Batalhão Rio Grande do Norte.

Voluntário: Benedito dos Santos M.M.D.C.

O Prefeito Oswaldo Pereira de Barros, Cabo Aviador em 1932, tomou parte ativa em muitos serviços de observações aéreas do Exército Constitucionalista. No aniversário do Movimento Constitucionalista, presidiu, nesta cidade, todos os atos das solenidades comemorativas.

Fé de Ofício do Tenente Murray Martins de Carvalho

Destacamento Coronel Pedro Dias de Campos — Setor Bom Sucesso-Tibiriçá.

1.º Tenente Murray Martins de Carvalho, comandante da 13.a Bateria de Bombardas, requereu sua Fé de Ofício e para fins de direito, atesta o signatário, Comandante do Setor Coronel Pedro Dias de Campos, que atuou em 1932 no Setor Bom Sucesso-Tibiriçá, que o 1.º Tenente Murray Martins de Carvalho, apresentou-se na Capital do Estado ao Quartel General do Exército Constitucionalista, para servir a causa que São Paulo defendia,

que após um curso rápido de aperfeiçoamento na arma de morteiros, foi designado para comandar a 13.a Bateria de Bombardas, com a qual se apresentou ao Comando do Setor Bernardino de Campos, em 15 de agosto de 1932; que seguiu para reforçar o posto de combate localizado na Serra de Taquari a 6 quilômetros na frente da cidade do mesmo nome, participando dos combates travados para a defesa da localidade: que finda a luta em Taquari, serviu nas tropas de Infantaria de Itai e Pirajú, sendo



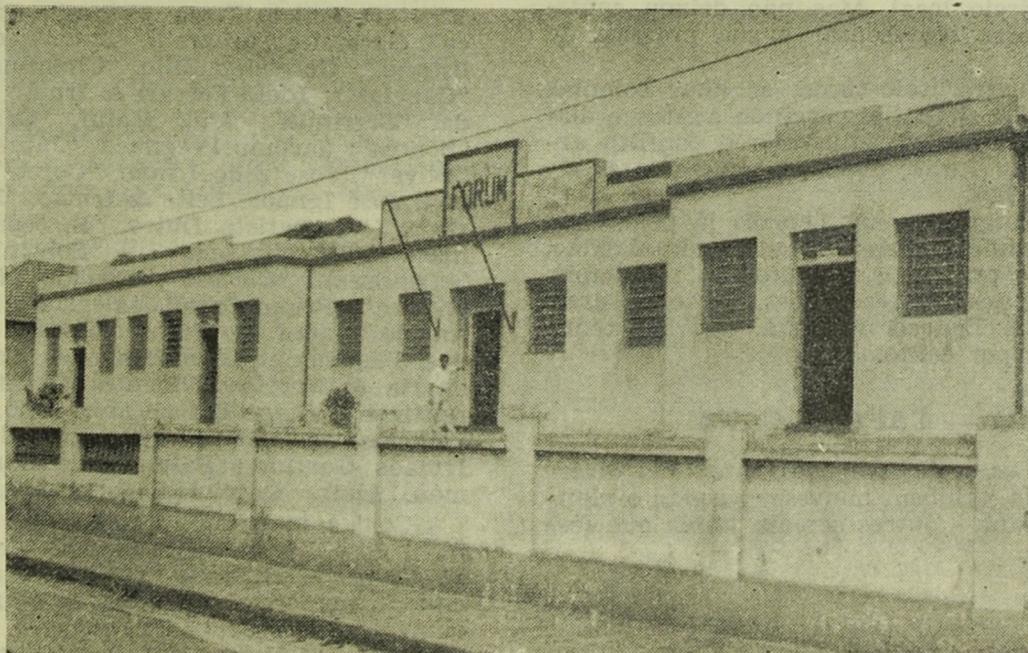
Capitão Munay Martins de Carvalho.

substituído no Comando da Bateria de Bombarda; que em 20 de Setembro marchou comandando um Pelotão para Fartura, tendo guarnecido as trincheiras de Serrinha, nas margens do Rio Itararé, onde travou vários combates, em um dos quais foi ligeiramente ferido por um estilhaço de granada; que pedido o armistício pelo Comando do Exército Constitucionalista, retirou-se o Destacamento para Avaré e em seguida para Botucatu, onde foi o Destacamento dissolvido no dia 3 de Outubro de 1932. É o que continha nos seus assentamentos.

São Paulo, 23 de Novembro de 1938.

(a) Coronel Pedro Dias de Campos (Firma reconhecida no 1.º Tabelião de Nota da Capital.) (O documento acima se encontra no processo n.º 4.661 na Comissão do Art. 30. O diploma do artigo 30 dá direito ao posto de Capitão.)

Além dos voluntários e Pracinhas que tomaram parte nas comemorações de 25.º aniversário da Revolução Constitucionalista, no Movimento de 1932, tomaram parte os Voluntários Alcebiades Canova e Benedito Machado, não se contando os lençoienses que estiveram em serviço, na retaguarda.



EDIFÍCIO DO FORUM

O QUE SE PROGNOTICAVA, NO SÉCULO ACERCA DA LAVOURA E PECUÁRIA — ATROFIAMENTO DA VILA DE LENÇÓIS

No século passado, quando ainda Lençóis estendia as suas divisas até à Serra de Agudos ou além, alguém acreditava que se daria o atrofiamento da Vila, em virtude da sua situação topográfica, isto é, a do município. Os melhores terrenos para a agricultura estariam fora, hoje, dos domínios lençoïenses.

Agricultura e Pecuária

“Os principais produtos agrícolas do município são: café, milho, arroz, cana de açúcar e uvas em algumas fazendas. Dêstes produtos é o café o principal, cujo plantio tem tomado grande incremento nos últimos tempos, notadas as alturas da Serra de Agudos, que o centro cafeeiro do município e para lá tem sido afluido grande número de fazendeiros do norte da Província, bem como pequenos proprietários que possuem cafezais de 8 a 20 mil.

Infeliz para a Vila de Lençóis está colocada a 33 quilômetros desse ubérrimo terreno e acha-se cercada de campos que só servem para a criação e de fazendas de criar, o que de algum modo tolhe o seu desenvolvimento afastando de si os produtos da Serra de Agudos, que muitas vezes são vendidos em lugares próximos da zona servida por estradas de ferro, como Pederneiras, Jaú e estação de Mineiros. A fertilidade da Serra de Agudos está dando origem a edificação na mesma Serra da povoação de Bauru, cujo progresso atrofiará o da Lençóis. (1)

Faz-se em grande escala, no município a criação de gado vacum, suino e cavalari.”

Para conhecermos, então, o que houve depois da publicação dêste pequeno documento, acerca do desenvolvimento da agricultura no município de Lençóis, mister se torna tratarmos cada produto de per si.

IMIGRANTE SESTRANGEIROS

O município de Lençóis entrou na fase do seu maior desenvolvimento agrícola, com o ingresso dos imigrantes estrangeiros, neste século. A medida que êstes reuniam economias, foram adquirindo pequenas possessões, retalhando o vasto território em inúmeras propriedades.

Não tardou que o município de Lençóis se tornasse policultor por excelência, o que lhe valeu resistir à crise do café em 1929 e, logo após, a do algodão, sem sofrer abalos nos alicerces da sua economia.

Os espanhóis e italianos foram os que mais se arraigaram no território lençoïense. Os filhos da península ibérica tomaram inteiramente o bairro da “Fazendinha”, enquanto que os italianos: lombardos e venetos fixaram-se em núcleos maiores na “Cachoeirinha”, “Lageado” e “Rocinha”. Os artífices, toscanos, napolitanos e calabreses permaneceram na cidade, exercendo as profissões de pedreiros, carpinteiros, sapateiros, funileiros, alfaiates, barbeiros, etc. passando, depois, a muitos dêles, à pequena industrialização e comércio.

A colonia síria, representou, por longos anos, elevada percentagem do comércio local. Mas não deixou continuadores que hoje possa representar a sua pujança de então.

Por ocasião da guerra italo-turca, as duas colonias não se retribuïam muita simpatia, surgindo atritos e discussões de ordem patriótica. Terminando o conflito armado com a vitória da Itália, diversos comerciantes sírios deixaram a cidade.

O japonês só ingressou em Lençóis lá pelas voltas de 1918, dando grande impulso ao cultivo do algodão, que se tornou um dos principais produtos do município.

Entretanto, os representantes nipões, tanto naturais como descendentes, em Lençóis Paulista, ficaram reduzidos a menos de um por cento.

ALGODÃO — CAFÉ — CANA

É certo que, com os primeiros habitantes nas diversas partes da Freguezia, também houvesse surgido o plantio do algodão, café, cana e outros cereais, ainda que fôsse em pequena escala.

Algodão.

O algodão alcançou o seu máximo desenvolvimento, no município, com a chegada da colônia japonêsa, lá pelas voltas de 1918 a 1928, mais ou menos.

O Ouro Branco tomava grande parte dos territórios férteis de Lençóis Paulista. Na cidade e nos Distritos instalaram-se máquinas para o seus descaroçamento. Depois dêsse período, desapareceu completamente da atividade agrícola do nosso município.

Café

O café é uma produção que vem sendo cultivada desde o século passado, no município, senão em elevada escala, mas que ainda na balança da sua economia. A sua maior produção se constata no Distrito de Alfredo Guedes e no Bairro da Fartura.

Em 1887, o café constituia a maior força agrícola de Lençóis, distribuída em poder dos seguintes fazendeiros: Comend. Antônio Borges Rodrigues, Dr. Celidonio dos Reis, Capitão Delfino A. de Oliveira Máximo, Tte. Coronel Mamede F. de Oliveira Rocha, Miguel Augusto R. de Almeida, Coronel Joaquim de Oliveira Lima & Filhos, Capitão Joaquim Moreira M. de Oliveira, Capitão José Theodoro Pereira, João Amaro & Pompeia, João Mourão, Dr. Rodrigo Lobato M. Machado e Viúva Prado & Filho.

Naquela época a maior parte do café colhido era entregue às máquinas de beneficiar de propriedade do Capitão Delfino A. Oliveira Máximo e Coronel Joaquim de Oliveira Lima.

Cana.

O plantio da cana, no município, segundo conseguimos apurar deve ter antecedido ao do café e algodão, com produção rendosa.

Em 1867, o vereador Manoel José de Almeida apresentava à Edilidade lençoïense uma indicação, sollicitando por qual motivo que os senhores de engenhos não haviam pago o imposto correspondente até então.

Naqueles tempos, os engenhos eram pequenos, de madeira e a tração animal, muitos dêles ainda, manuais. “Engenhocas” como se denominavam.

A produção de aguardente reduzia-se ao mínimo. Os engenhos destinavam-se mais ao fabrico de rapaduras, açúcar de forma e batido, o suficiente para atender o consumo nos sítios e fazendas.

Em 1887, existiam somente duas fazendas de cana, de propriedade de Faustino Ribeiro da Silva e José Isidoro da Silva.

Com o correr do tempo, a cana devia sobrepor-se aos demais produtos. Em 1947, o município contava com 52 fábricas de aguardente, produzindo cada qual, a marca do seu registro: Angêlo Paccola Primo. “Da Melhor”; Angelo Mineto & Irmão, “Jequitibá”; Angelo Quadrado, “Campinho”; Angelo Zacharias, “Cristal”; Antônio Langoni, “Fortuna”; Antônio Lopes, “Lopes”; Antônio Thomazi & Irmão; Antonio Foltran, “Foltran”; Carlos Paccola & Irmão, “Quartola”; Carlos Moretto & Irmão, “Cajay”; Carlos Antônio Princepe, “Princepe”; Diogo Castilhano, “Plus Ultra”; Tonin B. Bergamaschi, “Pratinha”; Benjamim Fayad, “Prata”; Ernesto Cacciolari & Irmãos, “Crata”; Felício Freza, “Ripas”; Francisco Martins, “Onca”; Germano Turcarelli, “Extra”; Gasparino Izidro “Paulistana”; Gerolomo Zillo, “Chaminé”; Hermínio Capelari, “Capelari”; Idolo Ferrari & Irmão, “Spuma”; Irmão Maeda, “Serrinha”; Adib Maluf, “Dragão”; Julio Andreoli, “Soares”; Jacomo Pregnaca, “Japré”; José Oliver Jordan “Oliver”; José Zillo Irmão, “Coroa”; Dante Andreoli, “Alba”; José Ignácio Leite & Irmão, “Neve”; José Boso, “Maria”; João Batista Dutra, “S. José”, João Ribeiro & Irmão, “Ribeiro”; Luiz Zillo Sobrinho, “Carvalho”; Natale Andreoli, “Colosso”; Placido Moretto & Irmão, “Cachoeira”; Primo Casali, “Alegria”; Pilade Momo, “Momo”; Angelo Placca & Irmão, “Rosa”; Francisco Lara Campos, “Estrela”; Zillo, Irmão & Caponi, “Favorita”; Zacharia & Doretto; Vicente Moretto, “São Vicente”; Lorenzetti & Cia., “Patos” Luiz Boso, “Prata”; Lorenço Cavalheiro; José Bertola; Irmão Rodrigues, “Santo André”; Irmãos Garrido, “Palmeiras”; Carlos Giacometti & Irmão; Albino Cacciolari & Irmãos.

Com a instalação das Usinas: Açucareira Lorenzetti: “São José”, essa no município de Macatuba e a Barra de, de propriedade de Luiz Zillo e Sobrinhos, neste município, o número de fábricas de aguardente diminuiu, mas aumentou a produção canavieira. Os canavieiros fornecem cana às Usinas para a produção do Açúcar.

(1) Segundo conseguimos apurar, o pequeno documento supra é da autoria de D. José Magnani.

Atualmente, Lençóis Paulista produz doze milhões de quilos de Açúcar, doze milhões de litros de álcool e oito milhões de litros de aguardente.

Os oito milhões de litros de aguardente foram produzidos durante a safra 1956-1957, por trinta e três fabricantes.

FAZENDAS DE CRIAR

No ano de 1887, o pastoreio constituía considerável fonte de riqueza, os criadores de gado formavam um dos principais sustentáculos da economia do município, sendo: Da. Gertrudes Pacheco de Toledo, Manoel Guedes Ferreira, Capitão João da Palma C. Geraldes, Capitão Antonio Grillo, Capitão A. Damasceno e Souza, João Antonio Damasceno, Coronel Joaquim de Oliveira Lima e Joaquim Cardoso.

Odiernamente, a criação de gado, no município, achase muito mais desenvolvida, havendo criadores em tôdas as partes do território lençoense: Zillo & Lima, Mamedina; Angelo Augusto Paccola, Salpci; I Aagessen, Novo Radum; José Garrido; José Garrido Gil, Palmeiras e Serrinha; Irmãos Barros, Turvinho; Manoel Luiz, Capinho; Milton de Oliveira Lima, Barra Mansa;; José Moraes, Turvino; Antonio Lobato, Lageadinho; Irmãos Ghinzotti, Casa Nova; Antonio Paccola & Irmão, Serrinha; Irmãos Dias, Rio Claro; José Antonio, Boqueirão; Irmãos Macedo, Vargem Limpa; João Tangerino, Agua Fria; Ivo Zau; Agua Fria; Joaquim Antonio, Boqueirão; João Brigida, Fatura; Ernesto Caccilari & Irmão, Fazenda Prata; J. O. Machado, Bom Jardim; Pilade Momo, Corvo Branco; João Paccola, Lageado; João Oliveira Lima, Faxinal; Irmãos Sasali, Faxinal; Octavio Damico, Virgilio Rocha e Sampaio e Filhos, Pedreira.

SERRARIAS

Nos ultimos anos do século passado, no município de Lençóis Paulista, não deixou de existir, também, o comercio de Madeira "desdobrada", As enormes "toras eram entregues às serrarias de Antonio Alaves Maciel, Coronel Joaquim de Oliveira Lima e Viuva Prado & Filhos.

COMÉRCIO

Como adiante já comentamos, quando Francisco Alves Pereira aqui chegou, esta parte de território formava a sesmaria de Antonio Antunes Cardia, pouso avançado dos viajantes que iam e voltavam do sertão.

Em Lençóis se dava o principal intercâmbio comercial: produtos manufaturados; tecidos, ferramentais, utensílios domésticos etc. O sal também era artigo de troca, um gênero de primeira necessidade e, aliás, caríssimo.

A margem do rio Prata, estabeleceram-se as primeiras casas comerciais, que permutavam os seus produtos manufaturados como xarque, farinha de milho, toucinho etc.

Não tardou que, a cidade forçando o seu desenvolvimento em sentido ao rio Lençóis, o centro comercial se localizasse ao longo da rua Paraguay, ou seja a 9 de Julho, para mais tarde transferir-se à rua 15 de Novembro, cidade, hoje tem a sua maior representação.

Em 1874, a Edilidade lençoense cogitava construir um mercado para evitar as especulações, principalmente em relação aos produtos agrícolas regionais.

O prédio seria arrendado aos agricultores, para que os mesmos vendessem as suas especialidades agrícolas diretamente aos consumidores. Aquêl que transgredisse a Lei, efetuando transações com revendedores seria multado e caçados os direitos de negociar. Como também a multa e prisão recairiam sobre os compradores clandestinos.

Lençóis Paulista, representando respeitável centro comercial no alvor da sua vida, desconhecem-se que comerciantes antigos tivessem continuadores dos seus trabalhos, tornando tradicionais os seus estabelecimentos. Isso, naturalmente ao que se refere aos comerciantes do século XIX. Eram volantes que conhecedores de novos postos comerciais avançados, levantavam tenda.

Em 1887, o comércio de Lençóis ainda era constituído de pequenos estabelecimentos comerciais cujos proprietários foram se desfazendo inteiramente daquelas atividades, não deixando a menor oportunidade aos seus descendentes.

Razões comerciais que giraram em Lençóis desde 1887 a 1895: Guilher Duarte Ribas, fazendas, secos e mo-

lhados; Octaviano Martins Brisola, fazendas; João Duarte Moreira, fazendas; Major José Inocêncio da Rocha, fazendas e secos e molhados; José Cyrino da Silva, fazendas e secos e molhados; Pedro de Almeida, fazendas e secos e molhados; Stefano Ghirotti, secos e molhados; Idelfonso José dos Santos, secos e molhados; José Mariano Leite, secos e molhados; Joaquim Duarte Moreira, secos e molhados e Ricardo Cosme de Sousa Mendes, molhados.

Como se observa, no século passado, os antigos não davam muita preferência ao comércio, preferiam o pastoreio e a lavoura, muitos dos quais deixaram continuadores no município.

Atualmente, o comércio de Lençóis Paulista é constituídos de inúmeros estabelecimentos comerciais, possuindo muitos deles estoques variados.

Fazendas, ferragens, secos e molhados etc.

"Casa Paccola" de Egydio Paccola; "Casa Donato", de Attilio Cicerone & Irmão, Comercial Zillo Orsi Ltda.; "Casa Dario" de Irmãos Orsi.

Secos e molhados

"Mercearia Amaral" de Egydio Amaral; "Mercearia Santa Luzia", de Virgilio Ciccone. "Mercearia Coneglian", de Hermenegildo Coneglian. Cooperativa dos Produtores de Aguardente da Zona de Lençóis Paulista. "Empório Santo Antônio" de Duilio Radicchi & Cia. "Empório São José", de Mário de Oliveira Lima & Irmão. Mercearia São Cristovão, de Lázaro Bernardes. Casa Trecenti (Carlos Trecenti).

Fazendas

"Casa Cesar", de Cesar Giacomini. "Casa dos Retalhos", Archangelo Brega. "Casa São Jorge", Dilce Coneglian & Imparato. "Nossa Senhora da Piedade", Narciso Pregnaca & Cia. "Casa São Luiz" de Luiz Mainini.

Bazares

"Bazar Alberto" de Alberto Paccola. "Nossa Senhora Aparecida", Joséfina Gomes. "São Bento", de Oswaldo Vacchi. São João de Arlindo Romani. "Campeão", Primo Campeão.

Depósitos de Bebidas

Alexandre R. Paccola, Guido Leda & Cia., Hélia Paccola & Cia. "São Vicente" de Vicente Moretto.

Móveis

"Casa Moretto" de Irmão Moretto. "Seis Irmãos" de Irmãos Basso e "Móveis Guido" de Guido Basso.

Fotógrafos

Fóto Nelli, Fóto Takaiama.

Hoteis e Pensões

Pensão "Gruta Azul", de Tiaris Conti; Hotel "Anchieta", de Júlia Garcia Buzatto; Hotel "Ubirama".

Relojoárias

"Casa Boso" de Hugo Boso; "Casa Ramponi".

Escritórios Técnicos de Contabilidade

"Central", de Herminio Jacon; "Contábil Capelari", de Irmãos Capelari; "Moretto" de Horário Moretto.

Ponto de Automóveis de Aluguel

O ponto de estacionamento dos automóveis de aluguel, na cidade, foi designado à rua Coronel Joaquim Gabriel, defronte à relojoaria "Boso".

Oficina de Consêrto

Existem também, na cidade, diversas oficinas que se dedicam exclusivamente a consêrtos de calçados, como também há profissões que são exercidas por pessoas, chamadas "ambulantes": cabeleireiras, costureiras, plissadeiras, manicure, soldados, encanadores etc.

Empresa Funerária

A empresa funerária é um ramo de comércio que está sendo adotado há muitos anos na cidade. em 1903, Joaquim Pereira dos Santos, requeria à Prefeitura, afim de ter o privilégio de ser o único em Lençóis.

Anos após, temos conhecimento que quem gozava do privilégio era o sr. Domingo Gioffrê, sendo o seu continuador, depois, o sr. João Gioffrê.

Atualmente a casa de moveis "Guido" se encarrega da empresa funerária.

Cooperativa de Consumo da Zona de Lençóis Paulista

Funciona, também, na cidade a "Cooperativa de Consumo da zona de Lençóis Paulista. Diretoria Executiva: Diretor Pres. Virgilio Paccola; Diretor Secretário: Angelo Zacharias; Diretor Ger. Nadim Temer Feres; Conselho Fiscal: Diogo Martins, Irineu Wide Dutra, Dante Andreoli; Suplentes: Primo Casali, Hugo Boso, Adolfo Zacharias.

Papelarias

Irmãos Luminatti e B. Danti Pinheiro Ltda.

Farmácias

Farmácia Drogaria São José, Manoel Lopes Ltda Popular, Pettenazi & Aiello. S. Coração de Jesus — Décio Celso Campanari Ltda. e São Luiz de Julio Ursaia.

Casas de Eletricidade

Palácio dos Rádios — José Sarralvo Sobrinho; Elétra Técnica Lençóis — Miguel Costal; Elétra Técnica S. José — Santos & Machuca.

Casas de Calçados

Casa De Santis — de Marino de Santis, Benedito de Andrade e Oswaldo Ciccone.

Alfaiatarias

"Cicconi", de Giovanino Ciccone, Alexandre Paschoarelli, Alfredo Chiari, Nestor Ciccone e Ricieri Coneglian.

Casas de Revistas

"Agência Warick", de Wlademar Warick.

Tinturarias

"Tinturaria Central", Luiz Duarte; Tinturaria São João.

Cortume

Francisco Radicchi & Cia.

Bares

"Bar do Chopp", Irmão Pettenazzi & Cia. "Bar Guarani", Irmão Placca; "Bar Panificadora Mario Ltda."; "Par Euclides"; "Par Central"; "Bar Peres"; "São Luiz"; Luiz José Nelli; "Par São Paulo", Hugo Cavastti; "Clube", Luiz Conti Filho; "Virgilio"; "Trecenti"; "Pavana-to"; "Germano"; "Barbosa"; "Santa Barbara"; "Pacífico"; "Roque"; "Santa Terezinha".

Açougues

Pedro Nelli, "Progresso"; Açougues "Central", sede e filial, de Natálio Germano.

Quitandas

Carlos - Japonês; Maria - Japonêsa e Thomaz Rossi.

Arquitetos Construtores

José Carrilhos Ruis & Filho, Rubens Marcolino e Tonio Placca.

Pocto Texaco

GASOLINA — Propriedade dos srs.: Magagnha e Corêa.

Cirurgiões Dentistas

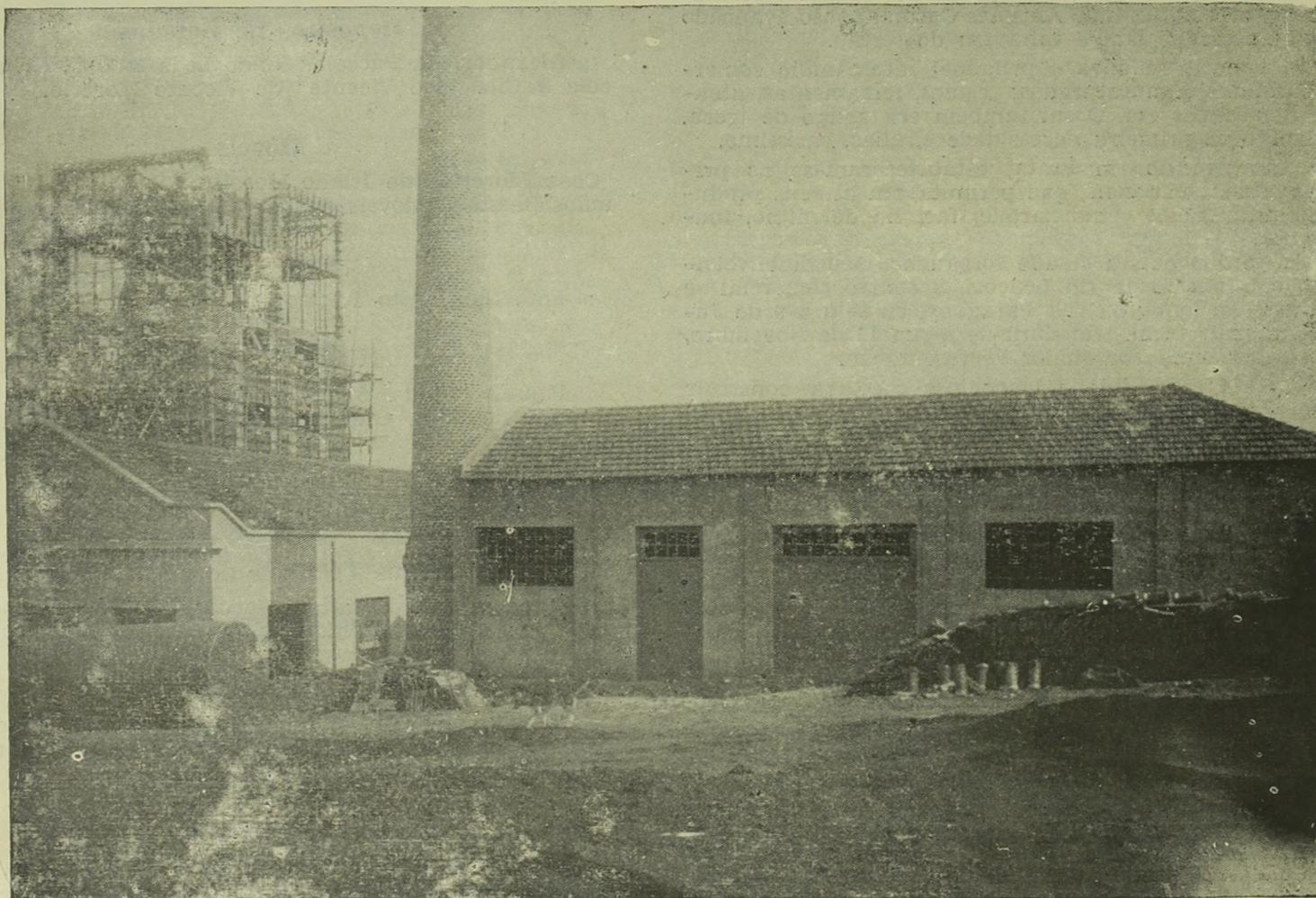
Drs.: Hilton Canova, Ângelo Sampaio Sobrinho, Arnaldo Alexandre e Nicanor de Godoy.

Tanoeiros

Ernesto Campanari & Irmão.

Caldeireiros e Funileiros

"Casa Nicola" (Nicola) de Virgilio Aiello Irmãos; Américo Erandi.



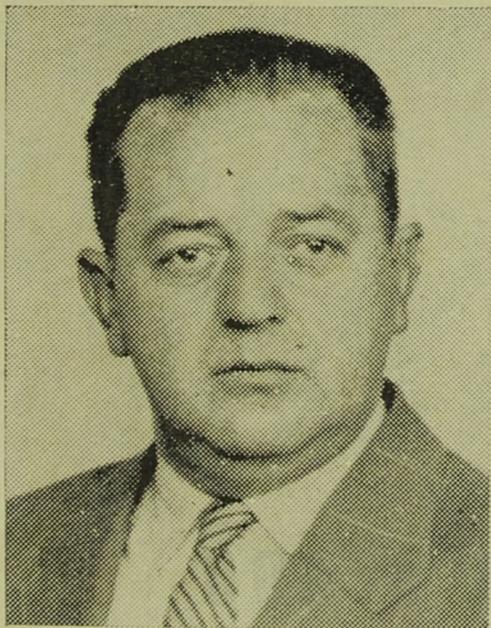
Distilaria Central de Lençóis Paulista.



Sr. Jacomo Nicolau Paccola, Presidente da Câmara.



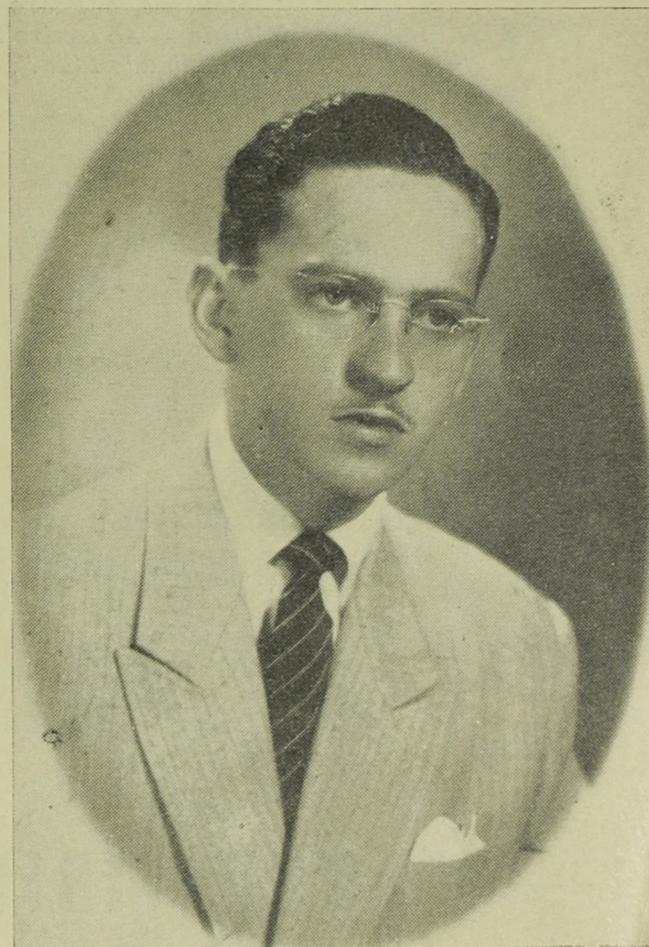
Dr. Ismar Marcilio de Freitas, promotor público.



Farm. Gino Augusto Antonio Bosi, Vereador e ex-Prefeito Municipal.



Dr. Ivan Panteleão, Delegado de Polícia



Francisco Garrido, Vereador, Secretario da Câmara



A esquerda o Padre Salustio Rodrigues Machado, ex-vigário da Paroquia, já falecido — Ao centro Sr. Américo Nelli, diretor da Fábrica de Massas Alimentícias "A Fidelidade Ltda.", e a esquerda sr. Vergilio Capoani, ex-prefeito, recentemente falecido.

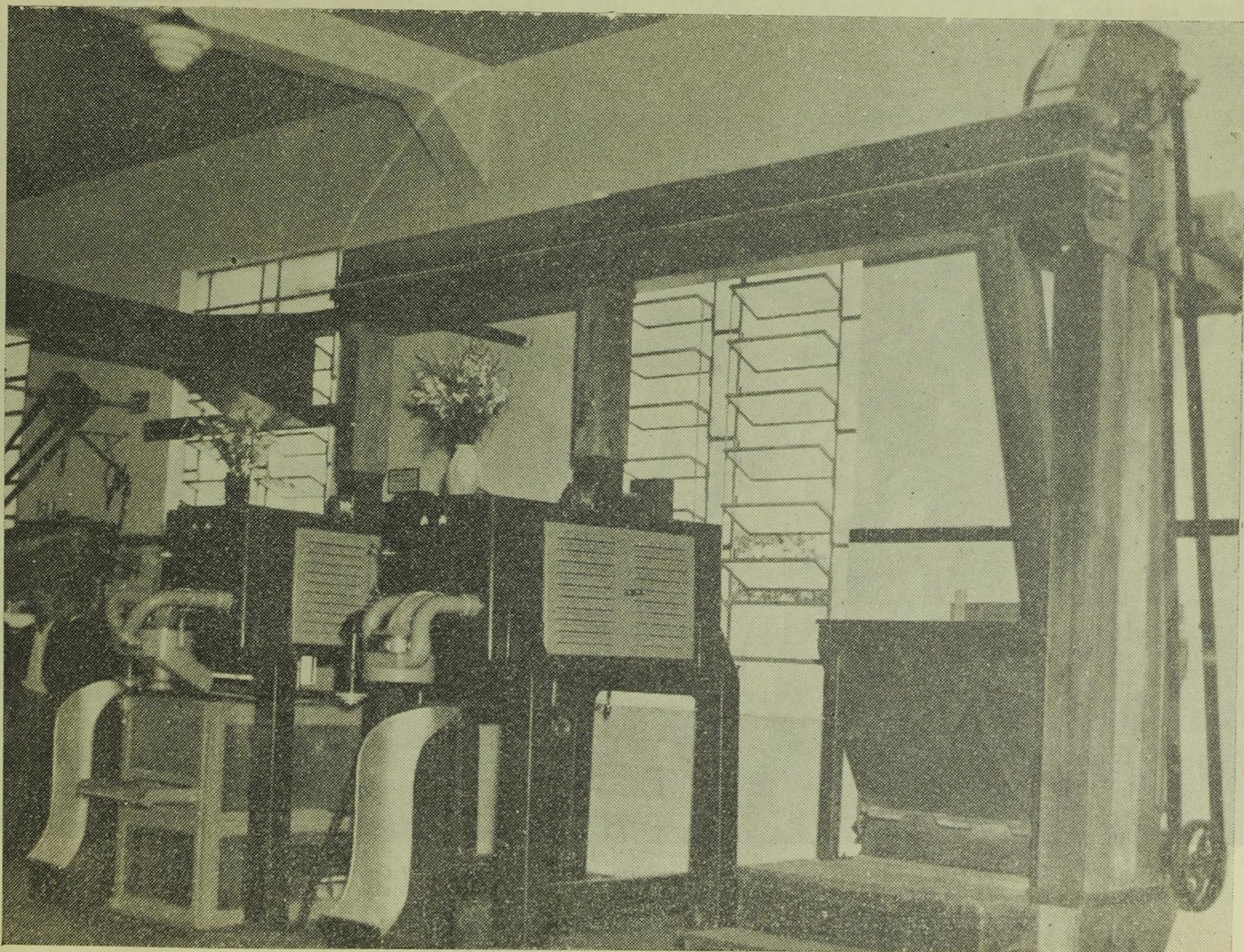


RUA TIBIRIÇA', 491, 507 e 498
Caixa Postal, 50 — Lençóis Paulista

Massas Alimentícias

A FIDELIDADE LTDA.

CONGRATULAM-SE COM LENÇÓIS
PAULISTA PELA PASSAGEM DE
SEU 3.º ANIVERSÁRIO DE
FUNDAÇÃO



Uma das seções da moderna maquinaria para a fabricação das Massas "A Fidelidade" no dia de sua inauguração, um das indústrias que orgulha Lençóis Paulista.



Prédio do Ginásio Estadual "Vergílio Capoani".



Posam para uma recordação os membros da "Comissão do 1.º Centenário" que tanto trabalharam para os festejos. Os senhores em pé da esquerda a direita: Alexandre Raimundo Paccola, Bruno Brega, Luiz Batistella, Hugo Carani, Archangelo Brega, Edmundo Nelli, Mario Zillo e Waldemar Warick; na mesma ordem sentados: Jacomo Nicolau Paccola, Ronaldo E. Cardoso Franco, Roberto Nelli, Francisco Garrido e Dr. Ismar Marcílio de Freitas. Inauguração de suas novas instalações.

INDÚSTRIA

Lençóis Paulista não teve a indústria desenvolvida relativamente ao seu potencial agrícola. Muitas tentativas se fizeram no campo da industrialização, mas, por circunstâncias várias, as desistências sucederam-se às instalações, não tornando tradicional a sua produção.

Em 1899, Gennaro Ganddi, era fabricante de cerveja na Vila, e o qual mantinha uma filial em Agudos.

No século XX, pelo espaço de alguns lustros, Atílio Frizzarin, Hermenegildo Baccili e Irmão Potenzi dedavam-se ao fabrico de cervejas e refrigerantes. Estes últimos fabricaram também quinados, licores e balas. Os Pettenazzi, quanto ao fabrico de licores, tiveram o seu continuador João Ferrari.

Mais tarde, instalou-se a fábrica de raspa e mandioca, e na indústria de sabão.

Entretanto, tôdas essas pequenas indústrias não tiveram vida para chegar até os nossos dias.

Atualmente, Lençóis Paulista conta com as seguintes indústrias: Irmãos Luminatti, Gráfica; Irmãos Moretto, Fábrica de Móveis; Irmãos Basso, Fábrica de Móveis; Luiz Battistella & Irmãos, Oficina Mecânica e Indústria de Madeira; Irmãos Andretto, Oficina Mecânica; LLoebet & Filhos, Fábrica de Balas e Bolachas; Armando Diegoli, Colchoaria; José Diegoli, Colchoaria; Alfredo Paschoarelli & Cia. Ltda., Serraria e Carpintaria; Américo Paschoarelli & Irmãos, Oficina Mecânica; Antônio Tonin, Sapataria; Benedito de Andrade, Fábrica de Calçados; Luiz Augusto Paccola, Torrefação de Café; Marino De Santis, Fábrica de calçados; Sumió Sakai, Fábrica de Ladrilhos; Angelo Paccola Primo, Fábrica de Refrigerantes; Massas Alimentícias Ltda., Pastificio; Irmão Trecenti, Mecânica; Pastificio Orsi; Zillo Capoani Ltda. (Chevrolet) Mecânica; Garrido & Filhos Ltda. (Studebaker) Mecânica; Irmão Carani Ltda. (Ford) Mecânica; Panificadora Conegliana Ltda. e Panificadora Santa Luzia de Virgilio Ciccone.

Há ainda, em Lençóis Paulista, duas Fumilarias, as quais se dedicam, especialmente, à fabricação de alambiques, destinados à produção de aguardente: "Casa Niccola" de Virgilio Aiello & Irmão e "Casa Brandi de Américo Brandi.

Distilaria Central

Há uns três decênios, mais ou menos, o Instituto do Açúcar e do Alcool instalou, nesta cidade a "Distilaria Central", a qual muito concorreu para o desenvolvimento da lavoura canavieira.

O objetivo principal da "Distilaria Central" é obedecer o plano do I. A. A. Requesitar certa porcentagem de aguardente, anualmente, dos produtores e que a mesma é transformada em alcool.

Atualmente a gerência daquela organização está a cargo do sr. Luiz Azevedo, que, pelo espaço de quasi três lustros vem ocupando aquêle elevado posto.

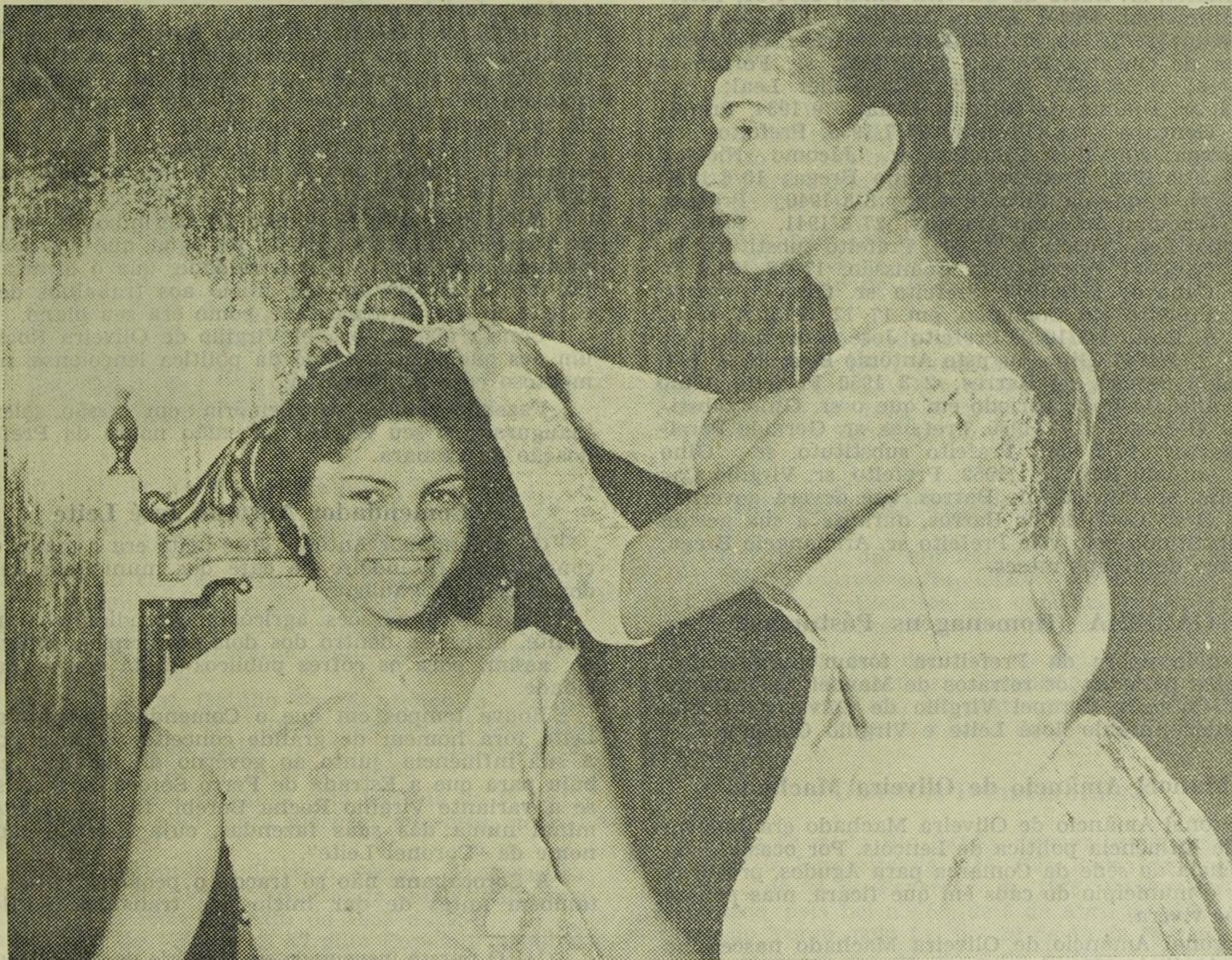
MECANIZAÇÃO

Em 1912, aproximadamente, os srs. Luiz Borim e Francisco Fole introduziram o primeiro automóvel em Lençóis Paulista. A inovação causou surpresa e admiração, principalmente no seio dos habitantes das zonas rurais, que não se arriscavam a acender um fósforo, com receio que a "máquina" se incendiasse.

Em 1919, o sr. Luiz Paccola, representando a "Ford", em Lençóis Paulista, vendia o automóvel da chapa n.º 1, no município, ao sr. João Capoani. Não tardou, entretanto, que o veículo de "bigódes", despertasse o interesse no seio dos lençoienses e o seu número se tornasse cada vez mais crescente.

Os trabalhos de atração animal já, hoje, não se contam no "hinterland" agrícola lençoiense e, mesmo animais para montaria bem poucos existem.

A mecanização de Lençóis Paulista, nêstes dias, conta com 420 veículos, distribuida entre tratores, caminhões e automóveis, de diversas marcas, vendidos pelas agências locais.



Na foto acima vemos um flagrante quando da coroação da Srta. WILMA WARICK a Rainha dos Estudantes de 1956/57/58, e srta. Maria Aparecida Brandi ex-rainha dos Estudantes e atual Miss Ubirama Tennis Clube passando a coroa a nova soberana.

Dirigentes de Lençóis Paulista no Século XX

Consultando o documentário da Câmara Municipal, conseguimos apurar a relação seguinte dos dirigentes de Lençóis Paulista, de 1902 a 1957.

De 1902 a 1905, Presidente da Câmara em exercício ser. Francisco Augusto Pereira; Presidente eleito em 7/1/1902, sr. Tenente Coronel Cândido Alvim da Palma, continuando ainda como Intendente Major Octaviano Martins Brisola, até 1904, sendo daí o seu Intendente o Tenente Coronel Cândido Alvim da Palma, tendo sido substituído aos 6/7/1905, pelo sr. Major Antônio Fiuza Florencio do Amaral, inteiramente.

7/1/1906, Major Antônio Fiuza Florêncio do Amaral; 4/6/1906, Intendente Virgílio de Oliveira Rocha, até 1907; 15/1/1908, Prefeito Municipal, Coronel de Oliveira Rocha; 20/4/1912, João Carneiro Geraldês, substituído; 18/1/1915, Vice Prefeito, sr. Octávio Pereira e Prefeito Coronel Virgílio de Oliveira Rocha; 4/4/1918, sr. Octávio Pereira e Prefeito Coronel Virgílio de Oliveira Rocha; 4/4/1918, Dr. Elias de Oliveira Rocha; 3/11/1922, Prefeito, João Carneiro Geraldês, em exercício, vice Prefeito sr. Mauro Chitto; 30/9/1926, Prefeito, Coronel Joaquim Anselmo Martins; 23/3/1927, Prefeito, Raul Gonçalves de Oliveira e 15/1/1928, Vice Prefeito, Manoel Caetano de Godoy, — 15/1/1929, Prefeito, sr. Humberto Alves Tocci; 27/10/1930, Prefeito Discricionário, nomeado pelo General Miguel Costa, Dr. Elias de Oliveira Rocha; 1/11/1930, Prefeito Discricionário, sr. Lúcio de Oliveira Lima; 23/4/31, Interventor Municipal, Major Alvaro Martins; 12/3/1932, sr. João Rosato; 13/5/1932, sr. Mamérico Mascate; 10/7/1932, Dr. Elias de Oliveira Rocha; 27/10/1932, sr. Fortunato Pegnatarro; 16/12/1932, sr. Lafayette Miller Leal; 4/10/1933, sr. Djalma de Oliveira Lima, 5/9/1934, Prefeito Raul Gonçalves de Oliveira; 25/7/1936, Prefeito sr. Bruno Brega; 20/8/1937, Prefeito sr. Jácomo Nicolau Paccola; 30/5/1938, Prefeito sr. Bruno Brega; 10/6/1939, Prefeito, sr. Paulo da Silva Coelho; 8/8/1940, Prefeito Coronel Joaquim Anselmo Martins; 27/8/1941, Prefeito Dr. Antonio Leão Tocci; 28/9/1944, Prefeito substituído, sr. Evaristo Canova; Prefeito em Comissão, 17/12/1945, sr. Evaristo Canova; 17/2/1945, Prefeito sr. Gino Augusto A. Bosi; Prefeito em Comissão, em 17/12/1945, sr. Gino Augusto A. Bosi; 1/3/1946, Prefeito José Salustiano de Oliveira; 12/4/1947, Gino Augusto Antônio Bosi; 16/2/1948, Sr. Geraldo Pereira de Barros; 2/3/1950 Prefeito, Gino Augusto Antônio Bosi; período em que o sr. Gino substituiu o sr. Geraldo; 21/7/1950, Prefeito, sr. Geraldo Pereira de Barros; 27/7/1951, Prefeito substituído, sr. Gino Augusto Antônio Bosi; 1/1/1952, Prefeito, sr. Virgílio Capoani, 1956, sr. Oswaldo de Barros, que deverá governar até 1959. O sr. Oswaldo de Barros, durante a sua gestão já foi substituído pelo vice Prefeito sr. Archangelo Brega, pelo espaço de alguns meses.

GALERIA (Homenagens Póstumas)

No salão nobre da Prefeitura, foram inaugurados, em diversos períodos, os retratos de Manoel Amâncio de Oliveira Machado, Coronel Virgílio de Oliveira Rocha Comendador Antônio José Leite e Virgílio Capoani.

Manoel Amâncio de Oliveira Machado

O Coronel Amâncio de Oliveira Machado era homem de grande influência política de Lençóis. Por ocasião da transferência da sede da Comarca para Agudos, procurou arrancar o município do cáos em que ficara, mas poucos anos após vivêra.

O Coronel Amâncio de Oliveira Machado nasceu no dia 8 de Abril de 1852, falecendo a 21 de Março de 1906. Era proprietário de fazenda de café no Distrito de Boretta, ali residindo até os últimos dias de sua existência.

Por ocasião do seu falecimento, os sinos da Igreja Matriz, soaram a finados por três dias e a Câmara,

prestando-lhe homenagem póstuma, inaugurou um dos seus retratos no salão nobre da Prefeitura, em sessão solene.

Naqueles momentos, em nome da família enlutada, falou o dr. Gabriel de Oliveira Rocha, que agradecia as homenagens póstumas prestadas ao ilustre extinto. (1)

E interpretando o sentimento de pesar da colônia italiana pelo infáusto acontecimento, usou da palavra o sr. Otávio Bosi.

CORONEL VIRGÍLIO DE OLIVEIRA ROCHA

O Coronel Virgílio de Oliveira Rocha era filho de uma família tradicional de Lençóis Paulista. (1)

Foi homem de elevado conceito político. Durante a sua gestão na cidade e no município, demonstrou possuir larga visão na administração pública, correspondendo, de modo particular, ao afeto e consideração dos seus munícipes.

No último ano da sua gestão, havia iniciado um vasto programa de verdadeira renovação da cidade.

Em 1906, o Coronel Virgílio de Oliveira Rocha contemplou Lençóis Paulista com a instalação da rede telefônica e, em 1910, com o fornecimento de energia elétrica. Participou da inauguração do grupo escolar "Esperança de Oliveira", um dos seus esforços junto ao governo do Estado, para dar a esta cidade aquela casa de ensino primário.

Virgílio Rocha foi amigo do esporte. Em seu tempo, construiu-se a praça esportiva defronte a atual, sendo desfeita depois, para o aproveitamento do terreno apaixonado e admirador do "Flór da Mocidade", que pela sua existência muito contribuiu.

Abriu a Avenida que, hoje, perpetua-lhe o nome. Construiu o Matadouro, prestes a ser demolido, à margem do Rio Lençóis.

Foi justamente no bairro do Morimbondo, em visita ao local da futura captação de água que êle sentiu os primeiros sintomas da enfermidade, que o levaria à sepultura, não podendo dar início aos trabalhos de água e rede de esgotos na cidade, como era seu plano.

Consta que o Coronel Virgílio de Oliveira Rocha, foi um dos que ficou ao lado da política lençoiense, no momentoso caso da Comarca.

Fazendo jús à sua memória, em sessão solene foi inaugurado o seu retrato no salão nobre da Prefeitura, doação da Câmara.

Comendador Antônio José Leite

O Comendador Antônio José Leite era o maior e mais conceituado fazendeiro de café dos municípios de Agudos e Lençóis Paulista.

As suas possessões agrícolas estendiam-se enormemente, divisas a dentro dos dois municípios, contribuindo, assim, para os cofres públicos desta como daquela cidade.

Houve tempos em que o Comendador Antônio José Leite fôra homem de grande conceito social e político. A sua influência, junto ao governo do Estado, contribuiu para que a Estrada de Ferro Sorocabana construísse a variante Virgílio Rocha Borebi, fazendo ponto terminal numa das suas fazendas, cuja Estação tomou o nome de "Coronel Leite".

A Sorocabana não só traçou o pequeno ramal, como também antes de dar início aos trabalhos, edificou a

(1) O retrato inaugurado em memória de Manoel Amâncio de Oliveira Machado, fôra oferecido pela gente de Tanquinho (Macatuba).

(1) O Coronel Virgílio Rocha foi Intendente e Prefeito, sendo chefe político até 1916, ano do seu falecimento.

Estação de onde o mesmo devia partir, ficando em segundo plano a Gare de Bom Jardim.

O Comendador Antônio José Leite foi amigo particular da cidade de Agudos, que muito lhe deve pelo seu progresso, quando ainda os municípios, pouco ou nada, podiam contar com o auxílio do governo do Estado. Entretanto, aquele senhor não esqueceu de considerar também Lençóis Paulista.

Durante a gestão do sr. Raul Gonçalves de Oliveira, a Prefeitura entrou em entendimento com o Comendador Antônio José Leite, afim de adquirir o seu prédio, à rua Tibiriçá, mas para isso a Idilidade não possuía numerário para pagamento imediato.

O sr. Raul Gonçalves de Oliveira faz-lhe a proposta de que a Prefeitura adquiriria o prédio pela importância de 18.000\$000, pagáveis em 18 meses, sem juros. O Comendador Leite aceitou-a. Assim sendo, a Prefeitura instalou-se em prédio próprio.

O Prefeito de então, considerando o Comendador Leite um Benfeitor da cidade, em sessão solene, inaugurou-lhe um dos seus retratos.

Virgilio Capoani

Virgilio Capoani nasceu em Lençóis Paulista a 5 de Julho de 1905, filho da tradicional família Capoani. Era casado com Dona Maria Cacciolarí Capoani e progenitor de Dona Ebe Capoani Canova, casada com o sr. Wilno Canova; Heine Luiz Capoani casado com Deyse Pac-



Sr. VIRGILIO CAPOANI

cola Capoani; prof. Hiller João Capoani e das srtas.: Maria Angelina e Maria Virginia.

O sr. Virgilio Capoani fazia parte da firma Comercial Zillo Capoani Ltda. Na política fez parte ao Integralismo, manifestando ardente inimigo do Comunismo. Como simples soldado conseguiu reunir um grupo de 400 Integrais no município.

No governo do sr. Getúlio Vargas, tendo-se extinguido o Integralismo, o sr. Virgilio Capoani ingressou no Partido Social Progressista, no qual, ultimamente, ocupava elevado posto no Diretório local.

Candidatando-se à vereança pela legenda do P. S. D. foi eleito vereador, com larga margem de votos, no período de 1948 a 1951.

Na eleição seguinte, o Partido Social Progressista elegeu-se prefeito municipal, orientando magistralmente os destinos de Lençóis Paulista de 1952 a 1954.

Em outubro de 1955, o sr. Virgilio Capoani disputou novamente a vereança, conseguindo eleger-se por elevada votação. Empossada a Câmara, no exercício daquele ano, foi eleito Presidente por unanimidade, ocupando a cadeira até os últimos dias de sua existência.

No dia 23 de Abril de 1956, na Capital do Estado, falecia o sr. Virgilio Capoani, abrindo-se, com a sua morte,

grande lacuna nas fileiras do Partido Social Progressista de Lençóis Paulista.

Virgilio Capoani, possuindo apenas o curso preliminar, era homem dotado de grande inteligência e visão prática, como demonstrou durante a sua administração.

Prefeito pelo espaço de quatro anos, apresentou uma fôlha de trabalho, que passará para a nossa história; abriu a rodovia, Lençóis Santa Barbara; construiu a moderna ponte sobre o rio Lençóis, à rua Tibiriçá; edificou o prédio do Forum; remodelou a "Praça da Bandeira, ajardinou a praça "José Magnani"; abriu a rua 25 de Janeiro, saneou inteiramente as margens do rio Lençóis. Liderou a criação da Escola Normal Municipal, foi um dos incansáveis batalhadores pela criação da Comarca; deixou quasi terminado o serviço de abastecimento de água em Alfredo Guedes; construiu a praça esportiva que hoje toma o seu nome, pôs em cheque o seu prestígio de prefeito para a edificação do novo "Cine Guarani", nesta cidade; abriu novas ruas e muito adiantou o calçamento, a paralelepípedos, das vias públicas, deixando pelos seus antecessores.

QUARTEIRÕES MUNICIPAIS

O vasto território lençoïnse, para fins eleitorais, dividia-se em quarteirões e à medida que as localidades progrediam, ao lado do seu desenvolvimento machava também o pensamento da emancipação judiciária.

Em 1881 a 1888, o município de Lençóis dividia-se nos seguintes quarteirões: 1.º — Vila, 2.º — Barreira, 3.º — Barra Grande, 4.º — Fartura; 5.º — Grama (Paranhos); 6.º — Sem eleitores; 7.º — Pouso Alegre, 8.º Patos,, 9.º — Cachoeirinha; 10.º — Anhumas, 11.º — Agudos, 12.º — Batalha; 13.º — Fortaleza; 14.º — Virador, (de Bauru) e 15.º — Bauru.

DISTRITOS INCORPORADOS AO MUNICÍPIO DE LENÇÓIS

Pela Lei n.º 56, de 16 de Abril de 1868, incorporado o Distrito de Santa Barbara do Rio Pardo; Santa Cruz do Rio Pardo, pela Lei n.º 71 de 20 de Abril de 1872; São Pedro do Turvo, pela lei n.º 8, de 25 de Março de 1878;

Bauru, pela Lei n.º 61, de 12 de Abril de 1880; pela Lei n.º 22, de 28 de Fevereiro, de 1889, Pederneiras; Tupá, pelo Decreto de 29 de Maio de 1891 (Governo Provisório).

Agudos (São Paulo dos Agudos) pela Lei n.º 514, de 2 de Agsôto de 1897; Bocaiuva (Santo Antônio do Tanquinho) pela Lei n.º 1.307, de 7 de Dezembro de 1912; Borebi, pela Lei n.º 1897, de 22 de Dezembro de 1922. Alfredo Guedes em Setembro de 1934.

DESMEMBRAMENTO DO MUNICÍPIO

Como se vê, um município constituído de um território tão vasto, não seria possível acreditar que no seio das Paróquias e Distritos, em contínuo crescimento, não surgissem também as aspirações de independência.

Nos últimos três decênios do século passado, Lençóis começa a se desmembrar. Dividindo-se e sub-dividindo-se marchou até entrar na página mais negra da sua história política: a transferência da sede da Comarca para Agudos.

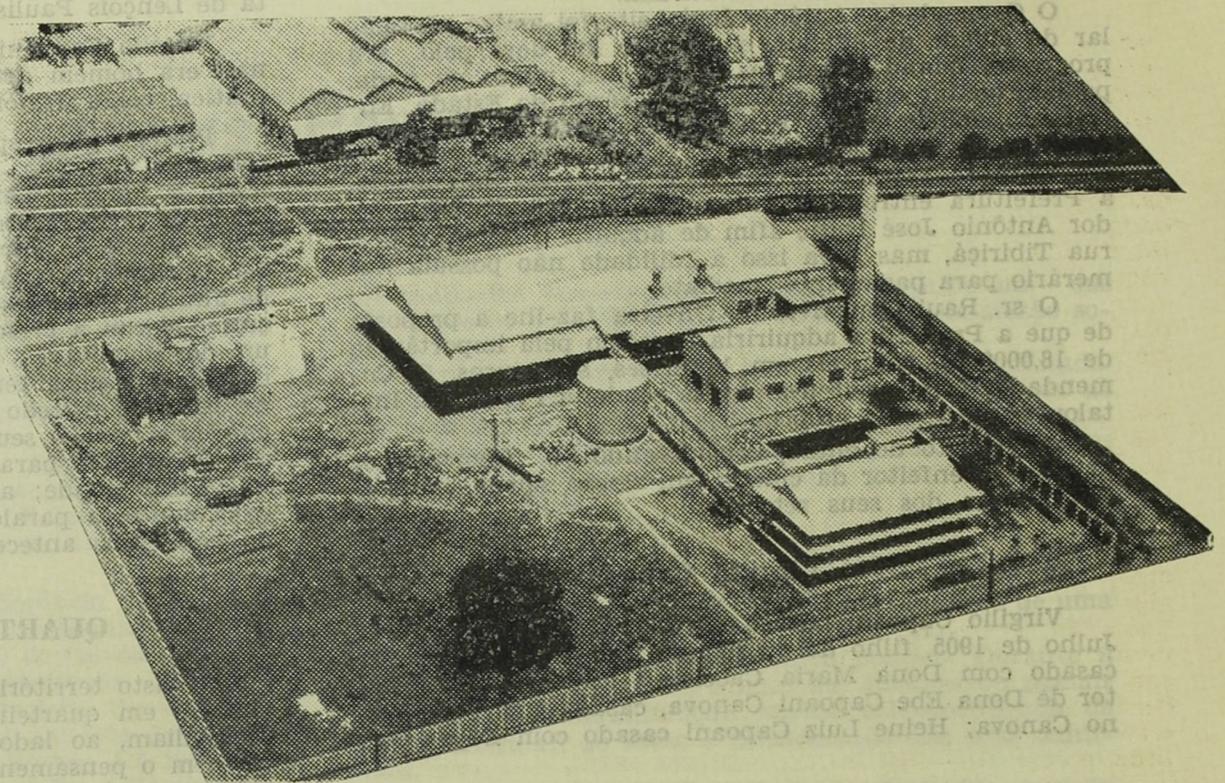
Distritos Desmembrados

Santa Cruz do Rio Pardo, desmembrada pela Lei n.º 6, de 24 de Fevereiro de 1786; São Pedro do Turvo, pela Lei n.º , de 24 de Fevereiro de 1876; Santa Barbara do Rio Pardo, pela Lei n.º 82, de 3 de Abril de 1876; Espírito Santo do Turvo, pela Lei n.º 20 de 10 de Março de 1885; Faurú, pela Lei n.º 69, de 2 de Abril de 1887, passou a pertencer ao município de Espírito Santo da Fortaleza Pederneiras, pelo Decreto n.º 174, de 22 de Maio de 1891; Tupá, pela Lei n.º 975, de 20 de Dezembro de 1905, passando a pertencer a Agudos.

Agudos, pela Lei n.º 543 e Bocaiuva pela Lei 1975.

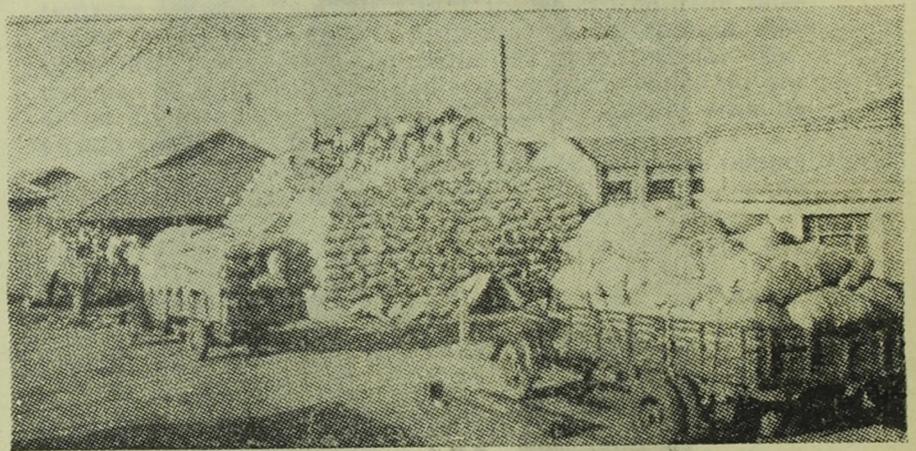
Industrias ZILLO Limitada

**Beneficiamento, compra
e venda de algodão
óleo e torta de
amendoim**

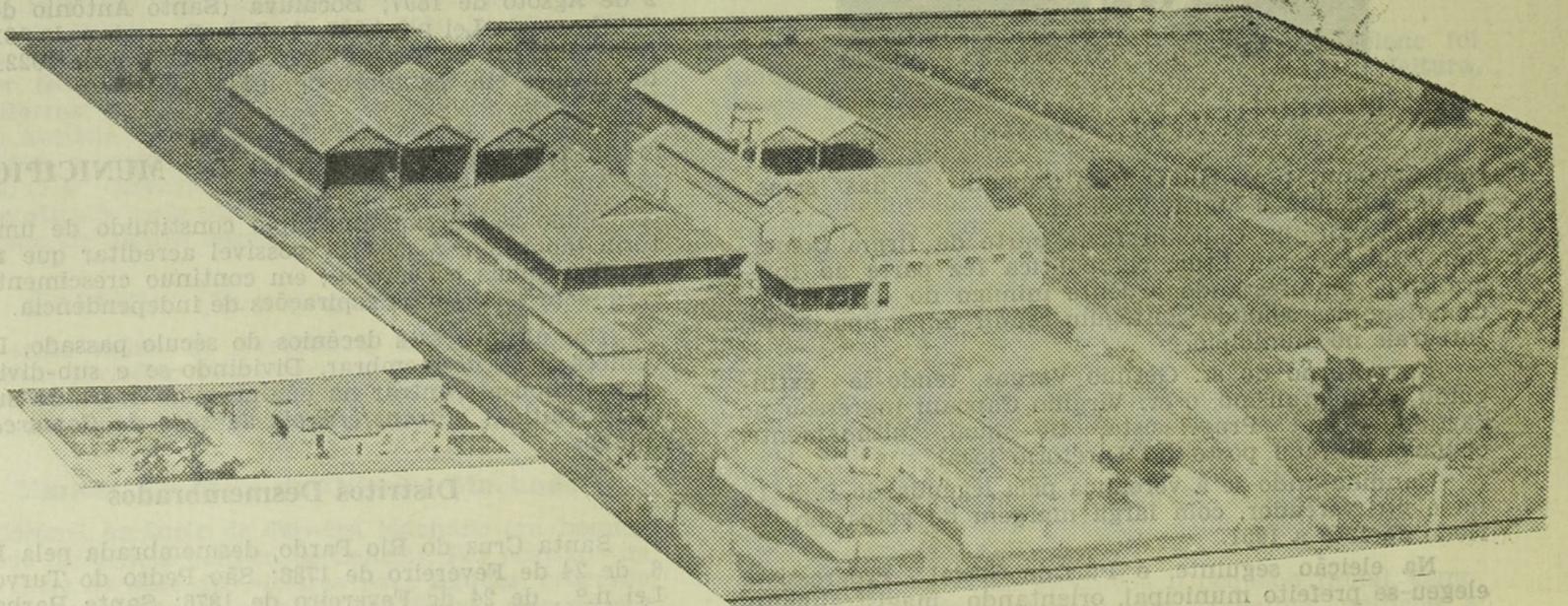


Vista da Máquina de Beneficiamento de Algodão e Fábrica de Óleo, em Marília.

*Industrias Zillo Limitada con-
gratulam-se com o povo e auto-
ridades de Lençóis Paulista, pela
passagem do seu 1.º Centenário.*



Armazenamento de Algodão.



Vista da máquina de Beneficiamento de Algodão, em Tupã.

**Filial:
TUPÃ**
Rua Mandaguari, 1649
Fone, 1421
Caixa, 520

Rua 15 de Novembro, 777 - Tel. 27 - Caixa 27 - 97

Telegramas, "Zicco" — Lençóis Paulista

**Filial:
MARILIA**
Av. Monsenher Snielmann, 2030
Fones: 5136 e 3258
Caixa, 202

FAMILIAS TRADICIONAIS DE LENÇÓIS PAULISTA

Dentre as famílias tradicionais de Lençóis Paulista, podemos destacar com realce, a numerosa família Zillo, cujo chefe, o Comendador José Zillo aqui chegou em 1896, em companhia de seu progenitor Giovanni Zillo, já falecido, que completa também, seu centenário de nascimento, junto com esta cidade. O Snr. Zillo, aqui chegado da velha Itália, percebendo o futuro grandioso de sua nova pátria, dedicou-se, logo, aos misteres da agricultura, trabalhando inicialmente, como colono de café.

Posteriormente montou um pequeno engenho de aguardente, na Rocinha. Graças a seus esforços e capacidade, continuou a sua ascensão econômica dotando Lençóis Paulista de inúmeras indústrias que hoje são o baluarte da economia do município.

Assim é que podemos contar, dentre os resultados profícuos de seu trabalho, a fundação das seguintes firmas: José Zillo & Irmãos, que em 1918 explorou a primeira máquina de beneficiamento de algodão do município; Industrias Zillo Limitada, com máquinas de algodão em Marliá e Tupã e Fábrica de Óle comestível, em Marília; Usina Barra Grande Limitada, com usina de açúcar e álcool, neste município; Açucareira Zillo Lorenzetti Limitada, com usina de açúcar e álcool, abrangendo os municípios de Lençóis, Macatuba e Pederneras. O comendador José Zillo foi também um dos fundadores e sócio das firmas Zillo Irmãos e Capoani, hoje Zillo, Capoani & Cia. Ltda. e José Zillo Orsi & Cia., hoje Comercial Zillo Orsi Limitada.

Conta o Comendador Zillo mais de 60 anos de Brasil, vindo para cá, como simples colono imigrante. Graças a sua clarividência e esforços, transformou-se em grande industrial, comerciante e agricultor cujos reflexos nas finanças do município sempre foram os mais auspiciosos, propiciando, assim, grande movimentação econômica e dando trabalho a milhares de pessoas. Hoje em dia, as Industrias do grupo Zillo são dirigidas pelos filhos e sobrinhos do Comendador, que têm em seu chefe um símbolo de trabalho e honestidade.

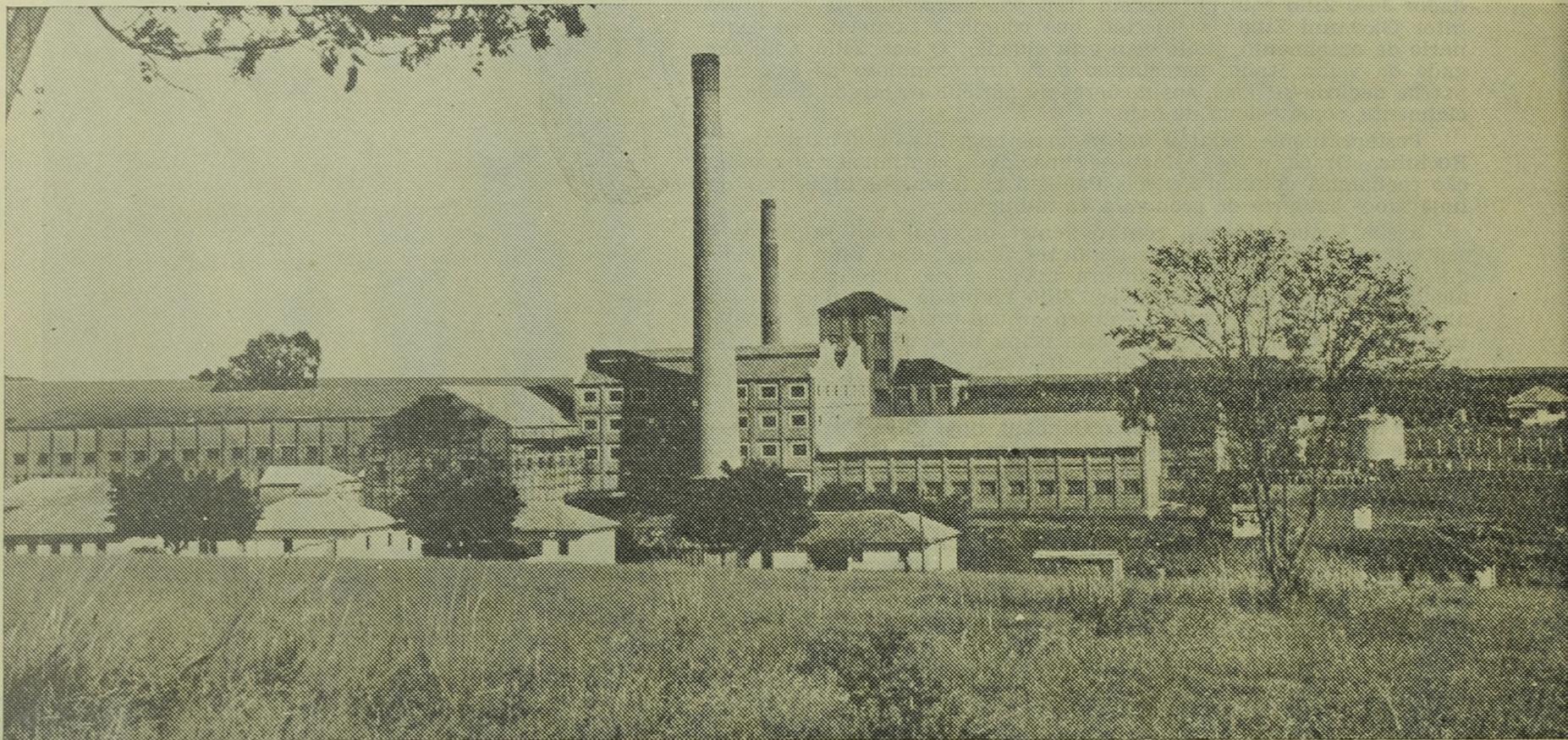


COMENDADOR JOSÉ ZILLO



Snr. José Zillo e sua esposa Dna. Angelina Lorenzetti Zillo quando, recentemente foram agraciados pelo Santo Papa Pio XII, com a Comenda da Ordem de S. Silvestre e com a Cruz Pro Ecclesiae et Pontifice, rodeado por seus filhos, genros, noras e netos.

Saudamos Lençóis Paulista pela passagem de seu 1.º Centenario



Vista da Usina de Açúcar e Alcool São José.

A Usina São José, de propriedade da AÇUCAREIRA ZILLO-LORENZETTI LIMITADA, iniciou suas atividades em 1.946, fabricando menos de 20.000 sacos de açúcar cristal. Hoje, depois de várias ampliações, está capacitada a produzir 350 mil sacos de açúcar de vários tipos e 3 milhões e quinhentos mil litros de álcool industrial e carburante.

Transformou, por sua influência inúmeras e extensas culturas de café em verdes canaviais, valorizando as propriedades adjacentes. Introduziu, com a experiência e dinamismo de seu administrador e sócio Juliano Lorenzetti, novas e modernas práticas agrícolas, não só nas lavouras próprias como nas de fornecedores, em número de 100, que entregam à Usina 120 mil toneladas de cana, anualmente.

Graças às suas modernas instalações pode a Usina São José produzir os mais finos tipos de açúcar cristal e filtrado, sendo conhecido, em vários Estados do Brasil, o seu famoso produto "AZIL".

A Usina presta gratuitamente assistência médica, hospitalar, dentária, farmacêutica, escolar, esportiva e recreativa aos seus empregados e respectivas famílias. Conta também com um bem montado Posto de Abastecimento para venda a seus empregados de gêneros a preços reduzidos. Possui uma linda Capela, que deverá ser ampliada, para os ofícios religiosos, escolas Estaduais e Municipais, campos de esporte, clube recreativo e cinema.

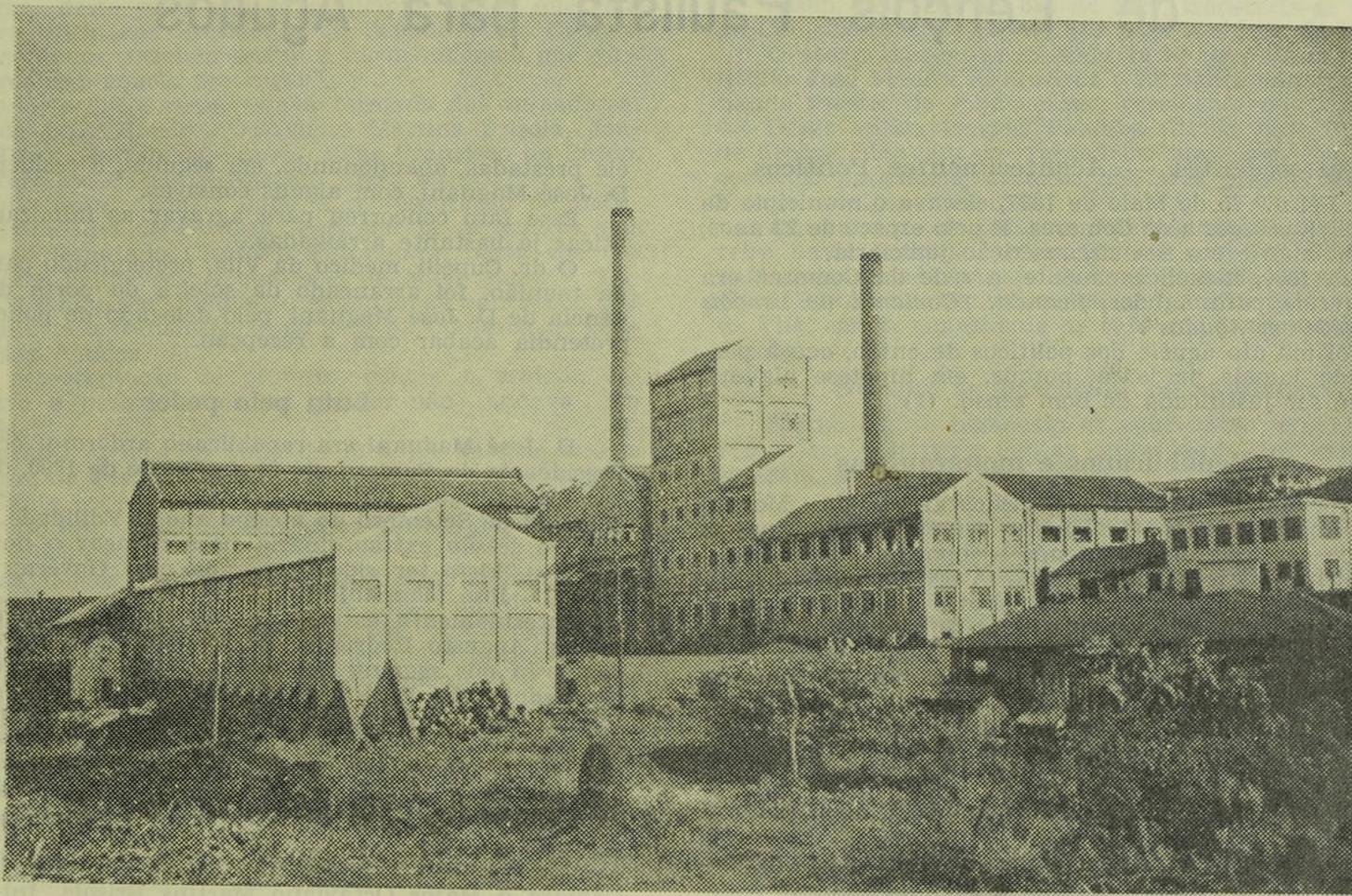
A administração da atividade agrícola e industrial está a cargo do sócio Juliano Lorenzetti e a comercial, do sócio Antonio Lorenzetti Filho, sendo os demais sócios Luiz Zillo, João Zillo, Antonio Zillo, Mário Zillo, Paulo Zillo, Poério Zillo, Nardy Zillo e José Antonio Lorenzetti.

Açucareira Zillo-Lorenzetti Limitada

AÇÚCAR e ÁLCOOL

Rua 15 de Novembro, 777 - Fone 27 — Fabrica: MACATUBA : Fone: 25 — Lençóis Paulista

Homenagem ao 1.º Centenário de Lençóis Paulista



Vista da usina Barra Grande.

A Usina Barra Grande Limitada, fundada em 1947, representa, hoje, um dos esteios da economia do município. Por sua influência transformou em imenso canavial as velhas e decadentes culturas de café da Fazenda Barra Grande e adjacências, propiciando intenso desenvolvimento econômico e valorização das terras circunvizinhas.

Depois das várias ampliações por que passou, está a Usina Barra Grande capacitada a produzir na safra corrente 330.000 sacos de açúcar de diversos tipos e 4 milhões de litros de álcool carburante e Industrial.

Ao lado da atividade industrial, que carrou para as finanças estaduais, no ano de 1957, a apreciável cifra de seis milhões e trezentos mil cruzeiros de imposto sobre vendas e consignações, que representa 30% da arrecadação total desse imposto, no município, a Usina oferece a seus empregados e respectivas famílias, gratuitamente, assistência médica, hospital, farmacêutica, escolar, esportiva e recreativa. Conta a Usina com ampla e bela Capela para os ofícios religiosos, campos de esporte, moderno cinema e clube.

Para economia de seus empregados, a Usina instalou um bem montado Posto de Abastecimento para venda de gêneros. Mantém, ainda, um onibus para transporte dos empregados da Usina a cidade e vice-versa.

A Usina Barra Grande tem como seu fundador e grande incentivador o Comendador José Zillo e sócios componentes Luiz Zillo, João Zillo.

Como administrador Pedro Natálio Lorenzetti e Antonio Avelino Lorenzetti.

Usina Barra Grande Limitada

Fábrica:

USINA BARRA GRANDE

Fones.: 74 e 185

AÇUCAR

Cristal e Filtrado

ÁLCOOL

Escritório:

Rua 15 de Novembro, 777 — C. Postal 27

Fones.: 27 e 97

Página da transferência da sede da Comarca de Lençóis Paulista para Agudos

Antecedentes — Acontecimentos Políticos

A Lei n.º 25 de Maio de 1877, elevava o município de Lençóis a categoria de Comarca. E pelo espaço de 22 anos, Lençóis manteve a sua circunscrição judiciária.

Em 1889, inexplicavelmente, a sede da Comarca era transferida para Agudos, ficando: "Comarca de Lençóis com sede em Agudos".

Foi um ato aquêle dos políticos de então, que a posteridade jamais perdoará, porque, em hipótese alguma, poderá ser justificada de bom senso. (1)

Repúblicanos e monarquistas

Proclamada a República, certos grupos da Monarquia, Consolidado, entretanto, o regime republicano, os ânimos continuaram mantendo-se opostos, versando todavia em relação à política local. A desharmonização entrou também no campo das paixões e caprichos pessoais. Os políticos aproveitavam de todos os momentos para se desprestigiarem mutuamente. E os monarquistas não faltavam as ocasiões de introduzirem doses de envenenamento, apregoando estar prestes a volta da Monarquia.

Naquêles dias, o Diretório do Partido Republicano local solicitava da Intendência o modo pelo qual devia dotar a Constituição.

D. José Magnani, presidente da Edilidade lençoiense, comunicava ao Diretório que a Constituição seria a republicana, depois de publicada pelo Diário Oficial.

Em 1891, a Câmara organizou um programa de festejos em comemoração à proclamação da República, mas, no dia 10 de novembro, a programação era suspensa, em virtude dos acontecimentos que puzeram o país em convulsão. E no dia 14 do mesmo mês, circulavam boatos, na Vila, da restauração da Monarquia.

A Intendência reuniu-se, extraordinariamente, hipotecando solidariedade ao governo republicano, dando vivas à República.

No ano de 1894, esteve em Lençóis, o vice-Consul da Itália, residente em Botucatu. Comendador Burlamachio, o qual veio em visita à colônia italiana.

Foi homenageado, na residência de D. José Magnani, com um lauto jantar, tomando parte das pessoas gradadas da cidade; no transcórre do ágape, um orador saudou-o e, abrindo parênteses, em seu discurso, referiu-se à ex-imperatriz do Brasil: "Apesar de ser italiana de nascimento, amou tanto esta terra, que recebeu o título de mãe dos brasileiros".

Isso bastou para que fossem levantados vivas à República. Uma monarquista, não se conformando com os vivas, repeliu a saudação, com essa expressão: "Deixem os búlgaros que falem".

O ambiente perturbou-se e o vice Consul, não se sentindo muito à vontade, agradeceu as homenagens a

(1) Em 1899 foi transferida a Comarca de Lençóis para Agudos, sem que possamos atinar com os motivos que levaram o Congresso a decretar a mudança.

O lugar em que está assente a cidade de Lençóis é muito mais pitoresca do que a de Agudos; as águas são excelentes e o clima incomparável; o município é agrícola, tendo terras para café e campos lindos — lindos campos, para a criação de gados. Durante dezenas de anos foi como que o empório sertanejo. Todos os habitantes do Paranapanema afluíam a essa Vila, para negócios comerciais e forenses, indo dali a correspondência. Nada houve, pois, que aconselhasse a transferência da sede da Comarca. (Em um recanto do Sertão Paulista, pag. 49, Amador Nogueira Cobra).

êle prestadas, abandonando, em seguida, a residência de D. José Magnani, com alguns convivas.

Esse fato concorreu para agravar as inimizades políticas já bastante arraigadas.

O dr. Cupelli, médico da Vila, pretendendo participar da reunião, foi arrancado da soleira da porta da residência de D. José Magnani, pelo delegado de polícia, que pretendia acabar com a recepção.

Luta pelo poder

D. José Magnani era republicano ardoroso; ocupou a Presidência da Câmara até 21 de Agosto de 1890, data em que êle assinou a última Ata.

A 13 de Setembro do mesmo ano, a Edilidade se reuniu em sessão extraordinária para nomear o novo Presidente. "Visto ter sido exonerado pelo Governo do Estado. D. José Magnani".

Interinamente assumiu a Presidência da Câmara Miguel Augusto Rodrigues de Almeida, com a Edilidade composta dos seguintes: Coronel Amâncio de Oliveira Machado, João Patista Freuri e João Amaro da Silva. Realizado o escrutínio, foi eleito o Coronel Manoel Amâncio de Oliveira Machado. (Livro de Atas, n.º 3 — pag. 27)

Não se conformaram os adeptos de D. José Magnani e, desde então, as duas facções cruzaram armas, iniciando-se a contenda da qual, muitos crêem, resultou a transferência da Comarca.

No dia 25 de Dezembro de 1891, sendo Presidente da Câmara o Major Octaviano Martins Brisola, Intendente Calixto Antônio de Pontes Villela e vereadores: Manoel Amâncio de Oliveira Machado, Antônio Fluzza, Florêncio do Amaral, Octaviano de Castro Pomnéia e Tenácio Alves da Silva, manifestou-se um movimento político para depôr a Intendência, mas os "revolucionários fracassaram no seu intento".

Como dissemos em outra parte d'êste nosso trabalho, o Patrimônio da cidade pertencia à Paróquia, até 1902. E o Fabricieiro intitulava-se único proprietário, podendo dispor de terrenos sem o menor consentimento da Câmara.

Em Outubro de 1853, a Paróquia concedia um terreno, no largo da Matriz, ao dr. Ângelo Touguinho Rittencourt, não observando a Lei municipal. E também, naquele mês, o Fabricieiro determinava ruas, Praças e outros logradouros públicos.

A Câmara, em reunião, decidiu não reconhecer, de forma alguma, a atitude do Vigário, não obstante o Patrimônio tivesse sido doado à Igreja Matriz.

"A Câmara lancara mão de todos os meios, para que as suas determinações sejam cumpridas lealmente, mesmo que nêsse tocante tenha de recorrer ao auxílio da Força Pública". (Livro de Atas, n.º 5, pag. 10 — Prefeitura).

Os caprichos e imposições tomaram tal vulto que se degeneravam em perseguições.

Transfere-se a sede da comarca

Naquele ambiente de desassossego e as discórdias já no campo das paixões pessoais, o resultado abriria um capítulo todo especial para a nossa história.

Os grupos em contenda desprestigiavam-se por todos os modos, atingindo, particularmente o progresso do município.

Aproveitou-se da situação crítica e do convulsionismo lençoiense, Delfino Alexandrino de Oliveira Machado, político agudense. Astuto, compreendeu qual era o ponto vulnerável dos dirigentes lençoienses.

Alexandrino fêz, então redigir uma representação, obtendo assinaturas das autoridades desta Vila, documento que justificasse a sua atitude em face da transferência da Comarca. Alexandrino viu que era mais difícil solicitar do Congresso a criação de uma Comarca para Agudos do que arrancar a de Lençóis.

No dia 26 de Abril de 1899, o Major Octaviano Martins Brisola, Presidente da Câmara, apresentou a seguinte indicação: — Pretendem os habitantes de Agudos pedir ao Congresso do Estado a passagem da sede da Comarca, dêste para aquele município, indica que esta Câmara officie aos Presidente do Senado e da Câmara dos Deputados, fazendo sentir a inconveniência que virá se se realizar aquela pretensão”.

Naquêlê dia a mesa estava formada dos vereadores: Eduardo Carr Ribeiro, Octaviano Martins Brisola, Joaquim Deniz Galvão da França, Elias Francisco do Prado, José Ferreira Garcia e Antônio Alves Maciel.

Entretanto, naquela data, a representação de Delfino Alexandrino de Oliveira Machado já se achava nas mãos do Deputado Cleofano Pitanguary, porta voz das aspirações agudenses, o qual a 8 de Maio, subiu à Tribuna, fazendo seu discurso e expondo as vantagens que haviam com a transferência da sede da Comarca de Lençóis para Agudos.

A representação de protesto, contra o projeto, caminhava a passos lentos, ou melhor não andava em Lençóis.

Durante o mês de Maio de 13 a 25, daquele ano, a Comissão de Justiça discutia o caso da Comarca de Lençóis. Canto e Cândido Motta eram de opinião que o Juiz de Direito e a Edilidade lençoienses deviam dar o seu parecer, cedendo-lhes 15 dias.

Mas, depois, Canto e Cândido Motta, acompanhados de Villalva, assim opinavam: “A Comissão de Justiça, constituição e poder da Câmara dos Deputados, tendo estudado as alegações em que se baseia o projeto n.º 30 dêste ano, e tendo também em consideração o parecer do Juiz de Direito e da Câmara, favoráveis à mudança da sede desta, é de parecer que seja aprovado o mesmo projeto”.

Entretanto, os 15 dias foram concedidos. No dia 2 de Julho do mesmo ano, a Edilidade lençoiense é que se reunia, em sessão extraordinária, composta do dr. Eduardo Carr Ribeiro, Octaviano Martins Brisola, dr. Arthur de Mello Camello Bastos, Elias Francisco do Prado, e Joaquim Deniz Galvão da França, discutindo o officio da Secretaria do Interior do Estado, pedindo informações da passagem da Comarca para Agudos. Foi deliberado, então, nomear uma comissão composta dos vereadores: dr. Arthur de Mello Camello Bastos, José Cândido da Silveira, dr. Eduardo Carr Ribeiro e Joaquim Galvão da França, para formular a informação.

Dentro do prazo concedido, todavia, a informação de Lençóis não havia chegado à Câmara dos Deputados.

Mas, assim mesmo, haviam oposições, na Câmara, quanto à transferência rápida da Sede da Comarca. Os Deputado Carlos Fortes e Fontes Junior justificavam a volta do assunto à Comissão de Justiça. O primeiro requerendo que a mesma se manifestasse, tendo em vista a representação de Lençóis. E o segundo alegando as dificuldades, às vêzes, de se reunirem os vereadores, para formular a informação.

Entretanto, Pitanguary discordou daquelas justificações e, em seu discurso, opinava, testualmente: “15 dias de prazo isso é mais do que suficiente, porque o serviço do correio para Lençóis é feito de três em três dias. Por conseguinte, por cinco correios podia ter vindo essa representação”.

Eduardo Couto esclarecia que o parecer se baseava nos documentos oferecidos pelos representantes e pelo Juiz de Direito. E tanto a êste como à Câmara fôra dado o prazo. O Juiz de Direito informava favoravelmente e a Edilidade deixava de atender à solicitação.

Assim sendo, a Comissão de Justiça entendeu que devia prescindir das informações de Lençóis, tendo em vista também que o Presidente e o Intendente da Edilidade lençoiense haviam informado favoravelmente à transferência da sede da Comarca, “*neste caso, a representação de Lençóis, não podia alterar o parecer*”.

Por conseguinte, rejeitada a opinião de Carlos Fortes e Fontes Junior, o fato já estava consumado.

Naquêles dias, o jornal, “Estado de São Paulo”, publicava um telegrama de Lençóis, contestando que o Presidente e o Intendente da Câmara desta cidade, houves-

sem assinado o documento sôbre a mudança da sede da Comarca.

A notícia, entretanto, não ficou sem resposta. Defendendo a Comissão de Justiça, Cândido Motta proferiu vibrante discurso, na Câmara de São Paulo, afirmando que se tratava de um documento assinado pelo Presidente Eduardo Carr Ribeiro e pelo Intendente Major Octaviano Martins Brisola, acompanhado do parecer favorável do Juiz de Direito Dr. Leocádio Leopoldino da Fonseca.

Assim, pela Lei n.º 635 de 1899, transferia-se a sede da Comarca de Lençóis Paulista para a cidade de Agudos.

O ato processou-se na Secretaria de Justiça, sendo titular José Pereira de Queiroz e foi sancionada por Fernando Prestes de Albuquerque, presidente do Estado.

Desde então, Lençóis Paulista entrou num período de decadência, caiu em verdadeiro marasmo, com o seu comércio paralizado, diversos dos seus prédios fechados e ruas quasi que desertas.

Afirmava-se, mesmo, em Agudos, que Francisco Pereira havia comprado meio Lençóis com 100 arrobas de café, quando não passou de uma pilhéria. O sr. Francisco Pereira havia adquirido dois principais edificios na Vila, com a quantidade de café que fazia menção em Agudos.

No que se basearam os agudenses

Eis no que se basearam os agudenses, para alcançarem o seu objetivo e que as autoridades lençoienses assinarão, dando-lhe fraco apoio.

“Atestamos que São Paulo dos Agudos dista de quatro léguas e meia, mais ou menos da Povoação de São João de São Domingos e esta dista oito e meia léguas de Lençóis. São Paulo dos Agudos dista pela estrada atual quatro léguas e meia de Bauru, e pela estrada em construção, segundo o traçado da Estrada de Ferro Sorocabana dezessete quilômetros.

De Bauru à cidade de Lençóis tem aproximadamente sete léguas e meia. De Fortaleza e Lençóis distra três léguas e meia e de Fortaleza a Agudos dista uma légua e meia. São Paulo dos Agudos tem quarenta casas comerciais, sendo seis de primeira ordem, notando-se progressivo movimento comercial. As condições higiênicas de São Paulo dos Agudos presentemente são boas, não tendo aparecido até hoje epidemias.”

Desfecho trágico da luta

Com a mudança da sede da Comarca muitos dos mais ardentes inimigos de D. José Magnani, trasferiram sua residência, em maior número para a cidade de Agudos.

D. José Magnani desencadeou tremenda campanha através do seu semanário “O IMPARCIAL”.

Os agudenses irritados e estando “*com as autoridades nas mãos*”, de Agudos expediram uma ordem de prisão contra o Padre, ao qual era imposto o castigo de marchar a pé, da Estação de Bom Jardim àquela cidade. Mas, D. José Magnani, chegando à Estação de Bom Jardim, ponta de linha naquela ocasião, teve a ordem de prisão revogada. João Baccili telegrafava a Lençóis Paulista, dando notícia do ocorrido. E D. José Magnani, regressando de misto, foi esperado à Gare, com a banda de música.

Em 31 de Março de 1899, em plena Sexta Feira Santa, regressando da Igreja, à noite, foi esperado no portão do quintal de sua propriedade, à rua Ignácio Anselmo, sendo alvejado a tiros, por Lázaro Camargo Mello, vulgo Lazineiro.

Depois da tragédia, seus amigos perguntaram a D. José Magnani qual seria o castigo que êle desejaria que fôsse aplicado ao criminoso. D. José Magnani respondeu que Lazineiro merecia o seu perdão, mas nunca isentaria da culpa os seus mandatários.

No ano de 1921, D. José Magnani falecia em consequência dos ferimentos recebidos naquela ocasião.

São Manoel entra em ação

No período dessas ocorrências e já Lençóis Paulista pertencendo à Comarca de Agudos, São Manoel entrou em ação, pretendendo anexar êste município à sua circunscrição judiciária.

A Intendência de Lençóis Paulista movimentou-se protestando, mas o vereador Elias do Prado já havia assinado, favoravelmente, a documentação são manoelense.

Agudos pretendia desviar o rio Lençóis

Diante do documento, de São Manoel, que circulava na cidade e no município de Lençóis Paulista, para se realizar a transferência de Lençóis de uma Comarca para outra, Agudos projetava de desviar o curso do rio Lençóis. Em 1902, D. José Magnani oficiava à Câmara, denunciando as pretensões agudenses.

Entretanto, em Agudos, afirmava-se que a denuncia de D. José Magnani era um tanto absurda, pois o curso do rio Lençóis de maneira alguma poderia ser desviado.

Os agudenses rompem o pacto

A política de Lençóis Paulista, até 1900, mais ou menos, girava ao redor de diversas famílias que, de um modo ou de outro, ligavam-se pelos laços de parentescos: Cardias, Rochas, Brisolas, Machados e outras.

Todo esse elemento, aliás numeroso e de elevado prestígio, tanto social como político, trabalhou de comum acordo até então.

As pequenas divergências que, por ventura, surgissem no seio do grupo, eram reajustadas imediatamente, não dando margem para que se dividissem em fações.

Essa união coesa e indestrutível veio até poucos momentos após a transferência da Comarca de Lençóis Paulista, para Agudos.

Revelam-nos o dr. Octávio Pinheiro Brisola que entre lençoienses e agudenses lavrou-se um pacto. A transferência da sede da Comarca seria feita de comum acordo, para se arrancar, da Vila de Lençóis, o Juiz de Direito, dr. Leocádio Leopoldino da Fonseca, ficando "Comarca de Lençóis com sede em Agudos, até que aquele magistrado, de Agudos, fosse transferido para qualquer outra localidade.

Decorrido o tempo necessário, a parte que aqui ficou tentou fazer valer as cláusulas do pacto, mas os agudenses rompiam o acordo, não consentindo "que a Tóga fosse recolocada na cabeça de Lençóis.

Os lençoienses vendo-se ludibriados, principalmente o Intendente Major Octaviano Martins Brisola, romperam politicamente com os agudenses, esfacelando-se, assim, o numeroso grupo.

O Coronel Amancio de Oliveira Machado encabeçou a política local, mas por pouco tempo, falecendo em 1906.

Esta é a alegação que muitos fazem transparecer, quanto a transferência da Comarca de Lençóis para Agudos e o motivo pelo qual as autoridades desta cidade assinaram a representação de Delphino Alexandrino de Oliveira Machado, chefe político agudense.

Ismael Marinho Falcão

Na época em que se deu o aprisionamento do vapor brasileiro, Marquez de Olinda, em 1864, pelos paraguaios, Ismael Machado Falcão, moço ainda, era empregado numa casa comercial, especializada em sedas, em Fortaleza, sua terra natal.

Sabedor do ocorrido, Falcão indignou-se apresentando-se voluntariamente ao comando da Região, pretendendo ser um dos primeiros a vingar a agressão sofrida pelo Brasil.

Não tardou que inúmeros moços, em idade militar, lhe imitassem o exemplo.

Durante a campanha paraguaia, Falcão portou-se com elevado heroísmo, sendo ferido a baioneta, quando defendia o seu posto numa trincheira.

Recuperado dos ferimentos na perna, por atos de bravura, Ismael foi elevado a posto de oficial. Terminada a Guerra, regressou ao Rio de Janeiro, dizendo-se tuberculoso.

Completamente restabelecido, Falcão concluiu o curso de engenheiro, voltando em seguida a Fortaleza.

Na sua terra natal contraiu nupcias, de cujo consórcio teve duas filhas: Francisca e Julia. Francisquinha era afilhada do Conde d'Eu e da Princesa Isabel.

Depois, Falcão voltou à Corte, onde tomou parte ativa em prol da abolição, sendo-lhe conferido o retrato, como mérito, do dr. Antonio Bento, chefe abolicionista.

Mais tarde, o dr. Falcão deixou o Rio, passando a residir em Lençóis Paulista. Aqui, exercia a profissão de agrimensor, sendo auxiliado em seus trabalhos pelos drs. Grey, Pedro Raymond e numeroso grupo de índios, os quais viviam muito familiarizados com o dr. Falcão, por conhecer-lhes o idioma.

No ano de 1894, sua filha Francisquinha casou-se, em Lençóis Paulista, com o sr. Adolpho Pinheiro Machado, filho de dona Chiquinha Jorge. E Julia contraiu casamento com Maracajá, em São Paulo.

Em Lençóis Paulista, Falcão meteu-se também na política, fazendo parte à fação contra D. José Magnani.

Conta-se que certa ocasião, Falcão incentivou, também, o Tenente Antonio da Costa Pinto, delegado em exercício, para deter o padre, conduzi-lo até o rio Prata e cortar-lhe os cabelos (1).

Mas, para a execução do ato, faltou coragem aos perseguidores, sendo dada liberdade condicional a D. José Magnani.

Depois, D. José Magnani, vendo-se perseguido pelo Tenente Antonio da Costa Pinto, dirigiu-se a São Paulo. E, na Capital, por intermédio de alguns amigos e influenciados políticos, conseguiu trinta praças da Força Pública do Estado, trazendo-as a Lençóis Paulista, como garantia.

Daí em diante, o feitiço virou contra o feiticeiro.

Falcão, sendo um dos implicados das perseguições a D. José Magnani e temendo ser preso pela nova escolta, certa noite fugiu, sob a indumentária de mulher, alcançando Bauru, para nunca mais regressar a Lençóis.

Na Capital da Terra Branca, Ismael Marinho Falcão, ingressou na política, tornando-se proprietário na cidade e no município.

O dr. Falcão permitiu, gratuitamente, o tracado da Estrada de Ferro Sorocabana pela sua chácara e a passagem, em seus territórios, da água fornecida à Noroeste.

Pelas suas qualidades pessoais e políticas, Ismael teve o seu nome perpetuado, em Bauru, com a vila que lhe dá o nome: "Vila Falcão".

REIVINDICAÇÃO DA COMARCA

Depois de mais meio século, os lençoienses escrevem um dos mais belos capítulos para a história de sua terra.

Transferida a Comarca em 1899, pela Lei n.º 635, de 22/6, Lençóis atravessou uma fase triste, dando a impressão de que estava decidida a sua sorte, a exemplo de São Domingos e Fortaleza. Mas, o município revigorado pelas suas forças naturais, pelas suas forças vivas: indústria, comércio e lavoura, dia viria que a política havia de reagir, no sentido de reivindicar a Comarca ou a sua nova criação.

O dr. Adhemar de Barros, em 1934, decidiu candidatar-se a Deputado, iniciando sua campanha em Lençóis, sendo apoiado por fortes correntes locais.

Vitorioso Adhemar de Barros, esse fato político ligou-se a outros acontecimentos sucessivos. Abriu-se então, uma nova fase para nossa terra.

Lençóis já estava no conceito do chefe do P. S. P. e particularmente da família Barros.

Não tardou que todas as forças do município fossem regimentadas dentro de um só ideal e enviassem a primeira documentação, com 1.567 assinaturas, ao Interventor do Estado, dr. Adhemar de Barros, solicitando-lhe a elevação de Lençóis à categoria de Comarca.

Em 1944, nova documentação era enviada ao chefe da Nação, dr. Getúlio Vargas.

Lençóis não foi feliz nas suas primeiras tentativas. Coligaram-se Agudos e Pederneiras na luta contra os lençoienses, trabalhando ocultamente e frustrando o elevado desejo deste velho torrão. Depois, sucedeu-se a luta pela imprensa, O ECO em questão aberta com os seus colegas, "O Comércio", pederneirense e a "A Gazeta", agudense.

Agudos lutava com o objetivo de manter Lençóis Paulista submetido à sua circunscrição Judiciária e Pederneiras acreditava de, um dia, ver o município de Macatuba desmembrado da sua Comarca.

Mas os lençoienses não se deram por vencidos. Dez anos de lutas sem tréguas. E toda vez que surgisse a oportunidade, Lençóis Paulista comparecia à Câmara Legislativa de São Paulo, através dos seus representantes, os quais lideravam a questão.

Na última etapa, o Deputado sr. Geraldo Pereira de Barros conseguiu regimentar a força máxima da Casa e entregar a Lençóis Paulista o fruto de um grande esforço, a aspiração de meio século.

(1) D. José Magnani usava cabeleira comprida, à moda Tiradentes.

O sr. Virgílio Capoani, então chefe do legislativo lençoense, depositou inteiramente a sua fé no caso e, na derradeira ocasião, só regressou à sua terra, quando podia afirmar, categoricamente, aos seus conterrâneos: "Aí está a Comarca".

Muitos nomes, aqui, teríamos que fazer menção, pois participaram diretamente em prol da Comarca lençoense, um povo inteiro, bem dizer, mas, como culto de saudade, queremos mencionar o Padre Salustio Rodrigues Machado.

Assim, em 1954, Lençóis Paulista era novamente elevada a categoria de Comarca pela Lei Quinquenal n.º 2456, de 1953 e instalada no dia 25 de Janeiro de 1955, sendo as primeiras autoridades do Magistério e Ministério ; para cargo de Juiz de Direito, Dr. João Sabino Netto e para Promotor Público, Dr. Ismar Marcílio de Freitas.

(1)

As festividades de instalação duraram pelo espaço de oito dias, sendo assistidas pelo povo em geral, autoridades de cidades vizinhas: São Manoel, Agudos, Bauru, Pederneiras, Farra Ponita, Macatuba, Avaré, Santa Eribara do Rio Pardo, Botucatu, Ourinhos e outras.

Nesse dia foi inaugurada a rua margeando o rio Lençóis, que tomou o nome de Avenida 25 de Janeiro, como também, pela primeira vez, foi ostentado e entregue à Prefeitura o Brasão de Armas do município, elaborado pelo prof. Laudelino de Lima Rolim.

Documento com o qual Lençóis Paulista obteve a Reivindicação a Comarca

Pro Deo pro Patria

Eis o documento que Lençóis Paulista apresentou, pela última vez e obteve ganho de causa:

EXCELENTÍSSIMOS SENHORES PRESIDENTE E DEMAIS DESEMBARGADORES DO EGRÉGIO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO.

O POVO DE LENÇÓIS PAULISTA, legitimamente representados pelos seus poderes públicos municipais, sanitários deste memorial vem mui respeitosamente, perante Vossas Excelências pleitear a reivindicação de um direito que lhe foi injustificavelmente arrebatado tempos atrás e até hoje não lhe foi devolvido como fora de justiça.

A restauração da comarca

Dispõe o art. 124, parágrafo primeiro da Constituição Federal que "serão inalteráveis a divisão e a organização judiciária, dentro de cinco anos da data da lei que as estabelecer, SALVO PROPOSTA MOTIVADA DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA".

Tendo em vista que o Egrégio Tribunal estaria propondo criação de Comarcas baseado nesse artigo constitucional, vimos solicitar a atenção dos ilustres Senhores Desembargadores para o que passamos a expôr:

Quando no ano de 1948, se cogitou da alteração da Divisão Judiciária do Estado, pela Assembléia Legislativa, o Egrégio Tribunal de Justiça, em reunião de 10 de Novembro desse mesmo ano manifestou-se favorável à RESTAURAÇÃO da antiga COMARCA DE LENÇÓIS.

Corroborando essa manifestação da mais alta Corte de Justiça do Estado, o ilustre Desembargador Teodomiro Dias, então Presidente do Tribunal de Justiça, endereçou um ofício à Comissão de Estatística da Assembléia Legislativa, do qual destacamos o seguinte trecho:

NO TOCANTE À RESTAURAÇÃO DE ANTIGAS COMARCAS, SUPRIMIDAS QUANDO AINDA TINHAM CONDIÇÕES DE SUBSISTÊNCIA, A ÚNICA QUE, SEGUNDO PARECEU AO TRIBUNAL, EM FACE DOS ELEMENTOS CONSTANTES DO RELATÓRIO, MERECE SER CRIADA É A DE UPIRAMA.

SENHORES DESEMBARGADORES

LENÇÓIS PAULISTAS, em tempos que não vão muito longe, foi cabeça de uma vasta e rica região paulista. Boca

de sertão na expressão feliz do nosso povo simples, essa cidade centralizava todo o movimento econômico e comercial de ponderável pedaço do solo paulista, precisamente aquele que é hoje constituído pelas progressistas zonas Noroeste e Alta Paulista.

Dotado de terras fertilíssimas, não tardou o florescimento nesse município de variada produção agrícola e pastoril. Importantes e valiosas fazendas de café, de cana e criação se desenvolveram promissoriamente, e a tal ponto que bem depressa Lençóis Paulista se tornou um dos mais progressistas e produtivos no sertão Paulista.

Além da sede do Município, a florescente e dinâmica cidade de Lençóis Paulista, se tornara também, graças a sua prosperidade, sede de Comarca, aliás, uma das mais importantes e movimentadas do nosso Estado. Lamentável erro dos seus dirigentes de então resultante de uma intensa agitação política que sacudiu com virulência as correntes que se deglaciavam, foi a causa de um estranho movimento no sentido de ser a sede da Comarca transferida para a sede do novo e incidente Município de São Paulo dos Agudos.

Esse movimento inesperadamente ganhou vulto e não tardou a promulgação da Lei n.º 635, de 22 de junho de 1899, que determinou que essa transferência se tornasse fato consagrado pelo poder público.

E assim, devido a uma desarrazoada agitação política, a cidade de Lençóis Paulista deixou de ser sede de Comarca. Essa situação incompreensível perdura até hoje injustificavelmente.

Não foi tudo porém. Posteriormente o Município de Lençóis Paulista perdeu o distrito de PAZ denominado TANQUINHO, com a elevação do mesmo à categoria de Município com a denominação de Macatuba, que mais tarde passou a integrar a comarca de Pederneiras, sendo desmembrado da Comarca de Agudos.

Apesar de privada da prerrogativa de sede de Comarca e do retalhamento de seu território, a cidade de Lençóis Paulista, graças ao espírito laborioso de seu povo, não diminuiu o seu ritmo ascendente de progresso, de tal sorte que o seu Município pode ser considerado como um dos maiores produtores de aguardente do território de São Paulo, e talvez de todo o Brasil, sendo ainda considerável a sua produção de café, açúcar, algodão e cereais.

Várias foram as tentativas levadas a efeito para que a nossa Comarca fosse restituída, porém todas elas, por motivos desconhecidos não alcançaram o objetivo almejado.

Como Vossas Excelências poderão ver pela cópia do memorial enviado naquela ocasião ao Poder Legislativo do Estado, que juntamos a este, Lençóis Paulista possuía de fato elementos concretos e amplamente documentados do seu valor e do seu grande progresso, que o tornavam merecedor da restauração de sua Comarca.

Entretanto, com o perpassar dos últimos anos, o Município e a cidade de Lençóis Paulista, tiveram uma propulsora marcha para o progresso, sendo que em todos os setores — fontes de arrecadação principalmente — estão em franco crescimento, como se poderá fazer um paralelo entre os dados no antigo memorial anexo e os dados estatísticos atuais.

A seguir consta no memorial as arrecadações efetuadas pelas Coletorias Estadual, Federal, Prefeitura Municipal e Caixa Econômica Estadual, nestes últimos quatro anos. Encontramos ainda a população do Município; Quadro Eleitoral, Número de Prédios; Lavoura e Pecuária; Indústria e Comércio; Assistência Social e Hospitalar; Ensino; Melhoramentos em Geral; Vias de Comunicação e Serviço de Trânsito.

Excelentíssimos Senhores Desembargadores:

Desde a manifestação expedida pelo Egrégio Tribunal, no sentido favorável da restauração da Comarca de Lençóis Paulista, em 1948 a população inteira está aguardando a sua efetivação, por se tratar de um ato de verdadeira JUSTIÇA.

Apresentamos perante Vossas Excelências, Egrégios Desembargadores, dados estatísticos que afirmam, com indiscutível eloquência a prosperidade do Município de Lençóis Paulista, anexando ao presente o memorial que foi feito durante o ano de 1948, para efeito de dados comparativos.

A criação da Comarca de Lençóis Paulista será um ato reparador, restaurando dessa forma um estado de coisas que representa, de fato a aspiração de um povo

(1) A Comarca de Lençóis Paulista foi criada pela Lei Quinquenal N.º 2456, de 1953 e instalada somente em 1255, quando governador o sr. Lucas Nogueira Garcez.

laborioso, que tanto tem cooperado e colaborado para a prosperidade do Estado de São Paulo e o engrandecimento do Brasil.

O território Judiciário da Comarca de Lençóis Paulista abrangerá os distritos que ora pertencem ao Município — distrito de Alfredo Guedes e Lorebí — e o vizinho de Macatuba vindo deste Município, como é de justiça, ligar-se novamente à vida de Lençóis Paulista, com o qual em todos os tempos esteve identificado, como parte integrante que foi, durante longos anos, deste Município.

Aliás, lembramos que a própria Sub-Comissão de Estatística Forense, em 1948, no relatório dos estudos realizados em torno dos pedidos de criação de novas Comarcas no Estado de São Paulo enumerando pela ordem decrescente os Municípios Estudados, classificou — UBI-RAMA, INCLUINDO MACATUBA (vide súmula do relatório em separado).

Não é justo que Lençóis Paulista não seja sede de Comarca. No passado já o foi, então desempenhou papel preponderante na vida deste riquíssimo pedaço de chão paulista. E, naquela época podia ser considerado um marco fincado pela civilização no limiar da região sertaneja, que apenas aguardava o braço realizador do homem, porem, para recompená-lo com a dádiva generosa de sua fertilidade.

Sentinela avançada que o progresso postou à beira da mata virgem que se desenrolava misteriosamente para o desconhecido, escondendo aos anseios do homem culto todas as belezas do seu panorama e toda a potencialidade de sua riqueza imensa.

É de indispensável justiça, Excelentíssimos Senhores Desembargadores, a criação da Comarca de Lençóis Paulista, o que será a reparação de um erro e a restauração de um direito conspurcado.

O povo lençoense confia nos espíritos retos e justos de Vossas Excelências, que saberão agasalhar com benevolência e com simpáti as este apelo que representa uma grande aspiração e indiscutível direito, esperando que, em seus altos critérios, Vossas Excelências hajam por bem de atender a pretensão constante deste memorial, restaurando a Comarca de Lençóis Paulista e assim se terão tornado credores de toda a sua gratidão.

O POVO DE LENÇÓIS PAULISTA aguarda confiante a COMARCA DE LENÇÓIS PAULISTA, reivindicação máxima e ato da mais elevada justiça.

Lençóis Paulista, 24 de maio de 1952.

VIRGILIO CAPOANI
Prefeito Municipal

Gino Augusto Antônio Bosi — Presidente da Câmara
Arcangelo Brega — Vice-Prefeito.

Vereadores:

Francisco Garrido.
Haroldo Cacciolari.
José Paulino da Silva.
Nicanor Pereira de Godoy.
Joaquim Alves de Oliveira.
Pedro Natalio Lorenzetti.
Arlindo Augusto Paccola.
Joaquim Anselmo Martins.
Benigno Carrilho.
Plácido Moretto.
Arlindo Torres da Silva.

O MUNICÍPIO DE MACATUBA ACOMPANHA LENÇÓIS PAULISTA NA REIVINDICAÇÃO DA COMARCA

O Município de Macatuba, outrora Distrito de Lençóis Paulista, na reivindicação da Comarca, empenhou-se também a fundo, como se observa pelo documento que abaixo segue.

É perfeitamente explicável o gesto de Macatuba ao lado de Lençóis Paulista: velhas amizades e a curta distância que o separa da Sede lençoense, meteu-se na luta.

“Excelentíssimos Senhores Presidente e demais Desembargadores do Egrégio Tribunal da Justiça do Estado de São Paulo.

O POVO DO MUNICÍPIO DE MACATUBA, representado pelos seus poderes municipais, infra-assinados, atualizando o presente memorial manteve firme como em 1948, a vontade inabalável de ver anexado o seu município à futura COMARCA DE LENÇÓIS PAULISTA.

Para consecução desse desideratum, vem apresentar a Vossas Excelências, novos dados estatísticos, mostrando em evidência a pujança e o progresso sempre crescente do seu Município.

As vantagens que mesmo irá auferir com a concretização da restauração da antiga COMARCA DE LENÇÓIS PAULISTA, já estão expostas no memorial anexo, apresentado em 1948 à Assembléia Legislativa do Estado, onde a Sub-Comissão de Estatística Forense, em seu Relatório dos estudos realizados em torno dos pedidos de criação de novas Comarcas, incluía Macatuba na Comarca de Lençóis Paulista (ex-Ubirama).

São os seguintes os dados estatísticos a serem atualizados, em fase do progresso crescente de Macatuba:

Arrecadação Estadual:

No ano de 1950 Cr\$ 1.017.203,30 — 1951 2.143.094,30.

Arrecadação Federal:

No ano de 1950, Cr\$ 1.501.903,80 — 1951, 1.861.630,50.

Arrecadação Municipal:

No ano de 1950, Cr\$ 754.160,90 — 1951, 893.670,40.

Caixa Econômica Estadual:

Número de cadernetas: 836 — Depósitos: Cr\$
2.100.783,00.

Lavoura:

É bastante intensiva no Município:

Existem no Município de Macatuba 354 (trezentos e cinquenta e quatro) propriedades agrícolas, cujas lavouras principais são: 5.000.000 (cinco milhões) de cafeeiros em franca produção e 1.000 (hum mil) alqueires de cana de açúcar.

Ensino:

Grupo Escolar da Sede, com 10 (dez) classes, 6 escolas estaduais e 4 escolas municipais, espalhadas pelo Município.

Agências Bancárias:

Panco Nacional Paulista S. A., instalado em prédio próprio e Banco Brasileiro para América do Sul S. A.

Melhoramentos Públicos:

Rêde de Água e Esgôto, Luz Elétrica, Telégrafo e Telefone, várias ruas calçadas a paralelepípedos.

Prédios:

A cidade de Macatuba possui 223 (duzentos e vinte e três) prédios.

Comércio

Macatuba possui 22 (vinte e duas) indústrias, localizadas na sede e no município, destacando-se 2 (duas) usinas de açúcar e 8 (oito) máquinas de beneficiar café.

Quadro Eleitoral

O município possui 1.950 (hum mil novecentos e cinquenta) eleitores inscritos.

EXCELENTÍSSIMOS SENHORES DESEMBARGADORES:

O POVO DE MACATUBA, confiante nos espíritos iusticeiros de Vossas Excelências, aguarda com ansiedade a realização dessa velha e justa aspiração que é a anexação de seu laborioso e próspero Município à futura COMARCA DE LENÇÓIS PAULISTA, que por certo será restaurada, como reparação de uma iniúscita cometida há vários anos, que somente será sanada pela decisão favorável dos nobres e ilustres membros desse Egrégio Tribunal de Justiça.

Respeitosas saudações.

Macatuba, 24 de Maio de 1952.

Desiderio Mineto — Prefeito Municipal.
Olavo Brega — Presidente da Câmara.
Fernando Valezi — Vice-Prefeito.
Lydio Chiari — Delegado de Polícia.
José V. Panzetti — Vereador.
Augusto Daré — Exator Estadual.
João Fatista Cavalari — Secretário Prefeitura
Sebastião Daré — Vice-Presidente da Câmara
Virgilio Medola — Juiz de Paz.
Armando Pafetti — Vereador.
B. Marcos Moretto — Médico Chefe do PAMS

Instalação da Segunda Comarca de Lençóis Paulista

Ata da instalação da comarca de Lençóis Paulista

Aos vinte e cinco dias do mês de Janeiro de mil novecentos e cinquenta e cinco, nesta cidade de Lençóis Paulista, às 15 horas, no edifício do Forum, presentes os senhores drs. Luiz Gonzaga de Arruda Campos, representante do Presidente do E. Tribunal de Justiça, Desembargador Paulo Pinheiro Machado, João Sabino Neto, Darcí de Arruda Miranda, José Gonçalves Sant'Ana, Ismar Marcilio de Freitas, Juizes e Promotor Público, respectivamente, João Lelio Peake de Mattos, Delegado de Polícia, Virgilio Capoani, Prefeito Municipal, advogados e demais pessoas, sob a presidência do Exmo. Sr. Luiz Gonzaga de Arruda Campos, DD. Representante do E. Presidência do Tribunal de Justiça, o qual depois de enaltecer a finalidade da instalação da comarca, congratulou-se com o povo de Lençóis Paulista, passando então a presidência ao Exmo. Sr. João Sabino Neto, M. Juiz de



DR. GERALDO GOMES — Juiz de Direito

Direito da comarca, comigo escrivão abaixo nomeado, por sua Excia. após ler o telegrama passado pelo Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, Lucas, Nogueira Garcez, justificando o seu não comparecimento à esta reunião, expôs a finalidade dessa reunião de instalação da comarca de Lençóis Paulista, criada pela lei n.º 2.476, de 30 de dezembro de 1.953, da qual era ele o Juiz de Direito, nomeado por Decreto do Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, de 13 de Novembro de 1.954. A seguir, passou à leitura da aludida lei e do Decreto de sua nomeação para o cargo, além de ler, ainda, o Decreto que nomeou, para comarca, como representante do M. P. o Exmo. Sr. Dr. Ismar Marcilio de Freitas. Deferiu, em seguida, o M. Juiz a mim, Escrivão adiante nomeado, ao Sr. Paulo da Silva Coelho e ao sr. Antonio Candido Ferreira, o compromisso de bem e fielmente exercermos os respectivos cargos, para os quais fomos nomeados, como consta do respectivo termo, lavrado em livro próprio do Cartório do Juri e tendo os mesmos senhores assinado o compromisso no livro próprio, depois de ter o M. Juiz feito a devida leitura da nomeação dos escrivães e do título de remoção do Oficial de Justiça. Foi, então, pelo M. Juiz

declarada, solenemente instalada a comarca de Lençóis Paulista, momento em que todos os presentes mantiveram-se de pé, em longa salva de palmas, concedendo a palavra a quem dela quisesse fazer uso. Fizeram-se ouvir então os senhores Virgilio Capoani, Prefeito Municipal de Lençóis Paulista; Após a palavra do orador, foi entoado o hino nacional pela banda do 4.º B. C. de Bauru, tendo usado da palavra em seguida o dr. Ismar Marcilio de Freitas, Promotor Público da comarca; o dr. Paulo Pinheiro Machado, Desembargador do Tribunal de Alçada do Estado; Dr. Darcí Arruda Miranda, M. Juiz de Direito da comarca de Penápolis e filho de Lençóis Paulista; dr. Luiz Antonio dos Santos Amorim, advogado do Forum de São Manuel; Dr. Aldo Castaldi, advogado também do Forum de São Manuel; Dr. Osmar Delmanto, advogado do Forum de Botucatu, todos os oradores proferiram palavras alusivas ao ato. A final, declarou encerrado os trabalhos da instalação determinando que se lavrasse esta ata, fazendo-se as comunicações de estilo ao Exmo. Sr. Presidente do E. Tribunal de Justiça do Estado; ao Exmo. Sr. Dr. Corregedor Geral da Justiça; ao Exmo. Sr. Dr. Presidente do E. Tribunal de Alçada; ao Exmo. Sr. Dr. Presidente do E. Tribunal Eleitoral e ao Exmo. Sr. Dr. Secretário da Justiça e Negócios do interior. Nada mais etc. etc...

1.º Promotor: Ismar Marcilio de Freitas
1.º Juiz: João Sabino Neto
1.º Escrivão do 1.º e 2.º Ofícios Paulo da Silva Coelho
1.º Distribuidor e Anéxos: Paulo da Silva Coelho.
Escrivão do Juri e Oficial do Reg. de Imóveis e Anéxos: Luiz Vicente Rossi.
Escrivão Atual do 1.º Ofício: Edy E. Coneglian
Idem idem do 2.º Ofício: Ernesto Cordeiro
1.º Oficial de Justiça: Antonio Candido Ferreira - 2.º Oficial de Just. Enio Ferrari.
1.º Escrevente da comarca (1.º Ofício): Antonio Carlos Nelli.
José Silvino Perantoni: Auxiliar do Cart. do Juri e Anexos.
Herval Paccola — Escrevente do 1.º Of.
Juiz atual: Dr. Geraldo Gomes.
Promotor: Sylvio Marques Junior, de S. Manuel, respondendo cumulativamente o M. P. desta comarca.

REUNIÕES DO TRIBUNAL DE JURI EM LENÇÓIS PAULISTA

Instalada a Comarca em Lençóis Paulista, a Primeira Sessão do Tribunal de Juri, realizou-se no dia 12 de Setembro de 1955, sendo julgado o Réu Anibal Soares. Presidente do Tribunal: Dr. João Sabino Netto - Promotor Público: Dr. Ismar Marcilio de Freitas - Defensor: Dr. Octávio Pinheiro Brisola - Escrivão: Luiz Vicente Rossi.

Primeira Reunião Periódica do Juri em 1956

A Segunda Sessão do Tribunal do Juri, realizou-se no dia 12 de Março de 1956, sendo julgado o Réu Anibal Soares. Presidente do Tribunal do Juri: Dr. João Sabino Netto — Promotor Público: Dr. Ismar Marcilio de Freitas — Defensor: Dr. Octavio Pinheiro Brisola — Escrivão: Luiz Vicente Rossi.

Segunda Reunião Periódica do Juri em 1956

A Terceira Sessão do Tribunal do Juri, realizou-se no dia 4 de Junho de 1956, sendo julgado o Réu José Mamud: Presidente do Tribunal: Dr. João Sabino Netto; Promotor Público: Dr. Irmar Marcilio de Freitas; Defensor: Shaid Maluf; Escrivão: Luiz Vicente Rossi.

Quarta Reunião Periódica do Juri em 1956

A Quarta Sessão do Tribunal do Juri, realizada em 10 de Dezembro de 1956, sendo julgado o Réu João de Oliveira, Vulgo João Tatu. Presidente do Tribunal do Juri: Dr. João Sabino Netto; Promotor Público: Dr. Ismar Marcilio de Freitas; Defensor: Dr. Luiz Antonio dos Santos Amorim; Escrivão: Luiz Vicente Rossi.

Quarta Reunião Periódica do Juri em 1956

A Quinta Sessão do Tribunal do Juri, realizou-se no dia 11 de Dezembro de 1956, sendo julgado o Réu Anibal Soares. Presidente do Tribunal: Dr. João Sabino Netto; Promotor Público: Dr. Ismar Marcilio de Freitas; Defensor: Dr. Octavio Pinheiro Brisola; Escrivão: Luiz Vicente Rossi.

Segunda Reunião Periódica do Juri em 1957

Sexta Sessão do Tribunal do Juri, realizada no dia 10 de Junho de 1957, sendo julgado o Réu José Mamud. Presidente do Tribunal: Dr. João Sabino Netto; Promotor Público: Dr. Ismar Marcilio de Freitas; Defensor: Dr. Sahid Maluf; Escrivão: Luiz Vicente Rossi.

Segunda Sessão Periódica do Juri em 1957

Sétima Sessão do Tribunal do Juri, realizada em 11 de Junho de 1957, sendo julgado o Réu Raymundo dos Santos Ferreira. Presidente do Tribunal: Dr. João Sabino Netto; Promotor Público: Dr. Ismar Marcilio de Freitas; Assistente da Acusação: Delfim Augusto de Faria; Defensores: Drs. Luiz Antonio dos Santos Amorim e Octavio Pinheiro Erisola; Escrivão: Luiz Vicente Rossi.

Terceira Reunião Periódica do Juri de 1957

A Oitava Sessão do Tribunal do Juri, realizou-se em 9 de Setembro de 1957, sendo julgado Anibal Soares — Presidente do Tribunal: Dr. Arthur de Oliveira Costa; Promotor Público: Dr. Ismar Marcilio de Freitas; Defensores: Dr. Octavio Pinheiro Brisola; Escrivão Luiz Vicente Rossi.

DR. ELIAS DE OLIVEIRA ROCHA

Dr. Elias de Oliveira Rocha era descendente de uma família tradicionalíssima de Lençóis Paulista. Tendo terminado o curso em Direito, na Universidade de São Paulo, com a morte de seu irmão Coronel Virgilio de Oliveira Rocha, ingressou na política local, tomando as rédeas dos destinos de Lençóis Paulista, em 1918.

Não tardou que Lençóis Paulista, Macatuba e Agudos o elegessem na Câmara Legislativa de São Paulo. Foi durante o seu tempo que se reconstruiu o Cemitério, deixando-o nas condições atuais.

O Dr. Elias de Oliveira Rocha deu a Lençóis Paulista a presente praça esportiva, em condições de se poderem realizar competições olímpicas.

Durante o período da sua gestão, instalou-se a rede de água e esgotos da cidade, calçou-se, a paralelepípedos, a rua 15 de Novembro e um trecho da Tibiriçá.

Vencido pela oposição, em 1925, política apoiada por Ataliba Leonel, o dr. Elias Rocha deixou Lençóis Paulista. (1)

Em 1930, vitoriosa a revolução getulista, os partidos políticos locais, unidos, solicitaram-lhe assumir o poder do executivo lençoiense e entrar em contacto com o governo discricionário.

Poucos dias após, o dr. Elias Rocha foi nomeado Prefeito pelo general Miguel Costa. Acertada a política no Brasil com as novas leis ditatoriais, o Dr. Elias de Oliveira Rocha, deixou esta cidade novamente, mantendo-se afastado até hoje.

(1) Dr. Elias Rocha, sendo vencedor na primeira eleição, Ataliba, político de grande evidência no Estado de São Paulo, anulou-a, marcando novo pleito para daí 60 dias.

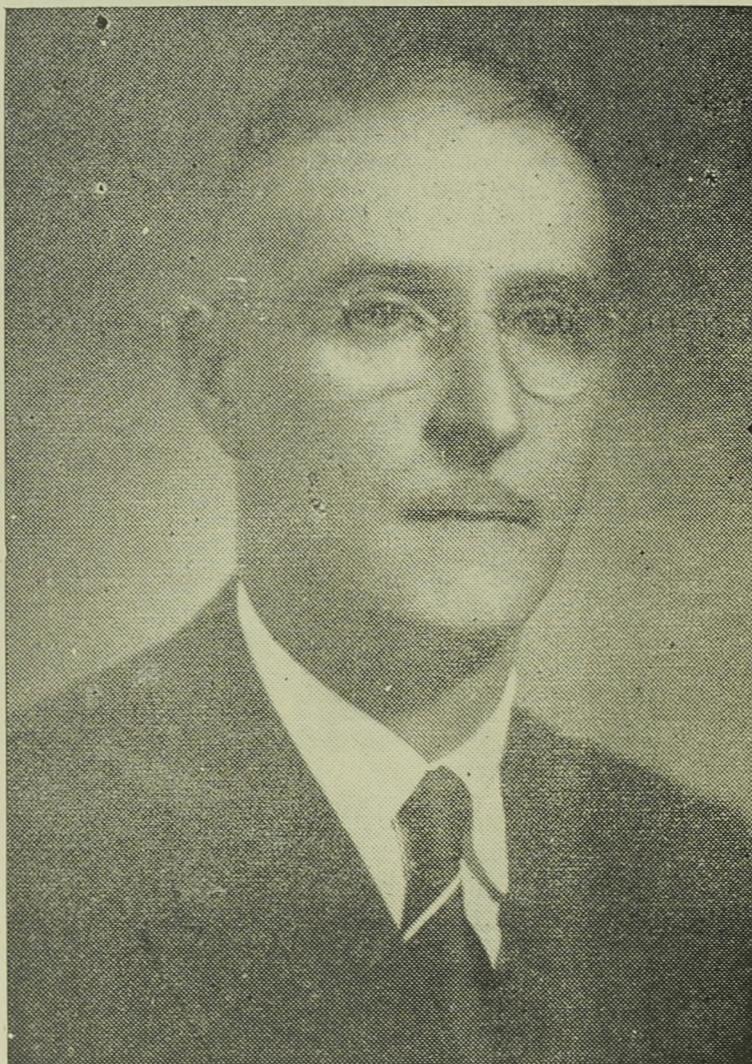
A facção situacionista votou nas dependências da Prefeitura, enquanto que a oposição, no grupo escolar "Esperança de Oliveira".

Ganho de causa fóra dado à oposição.

Deputado Geraldo Pereira de Barros

O Deputado Geraldo Pereira de Barros nasceu aos 21 dias do mes de Março de 1910, na cidade de São Manuel, neste Estado. É filho legítimo do Sr. Antônio de Barros e de D. Elisa Pereira de Barros, sendo seus avós paternos o Sr. José Emigdio de Barros e D. Sebastiana Leopoldina Emigdio de Barros. O Sr. José Pereira Pinto e D. Eva Modesto da Fonseca foram seus avós maternos, naturais de Eotucatu.

Fêz os seus estudos primários no Colégio S. Luís, na Capital do Estado de São Paulo e o curso secundário no Ginásio S. Luís, de Jaboticabal. Na viagem que realizou à Europa, após ter visitado a Itália, Inglaterra e a Alemanha, fêz um curso de Química Industrial. Regressando à Pátria, matriculou-se no C.P.O.R. da 2.ª Região Militar, com sede em São Paulo, tendo recebido o certificado de aspirante da 1.ª turma de Oficiais de Reserva do Exército Nacional.



Deputado Sr. Geraldo de Barros.

Por ocasião da gloriosa jornada Consttucionalista, não pôde acompanhar o seu irmão, Dr. Adhemar de Barros aos campos da luta, por encontrar-se em viagem de recreio nos Estados Unidos, quando se realizavam as Olimpíadas de 1932.

Fazendeiro, é um dedicado amigo da terra fértil do município que o viu nascer, continuando, dessa maneira, a obra gigantesca da cultura do café, que já era com todo o carinho feita pelos seus antepassados.

Casou-se no ano de 1937 com D. Dinah Paula de Barros, filha do Sr. Jacinto Cintra de Paula e de D. Maria de Lourdes Paula. Tem três filhos cujos nomes são: Eduardo, Geraldo e Jacinto.

Dentro da modéstia que o caracteriza, Geraldo Pereira de Barros tem sido um batalhador incansável e denodado às boas causas públicas desta região. Sem nunca ter sido político, aceitou, com imperativo de ordem, a sua candidatura ao cargo de Prefeito de Lençóis Paulista, não só para atender aos justos anseios deste povo como também para prestar a sua colaboração despretenciosa ao governo de seu irmão, o ilustre prefeito da Capital, Dr. Adhemar Pereira de Barros. Foi eleito pre-

feito de Lençóis Paulista no dia 19 de Novembro de 1947 e empossado dia 1.º de Janeiro de 1948.

De sua atuação à frente deste município, que era uma cidade estacionária, basta o testemunho das suas realizações. Entre estas citamos as seguintes: — Reforma do Grupo Escolar, construção e instalação do Hospital e Maternidade Nossa Senhora da Piedade, calçamento da cidade, abastecimento de água, instalação da Estação de Rádio, ligação telefônica e telegráfica desta cidade e Macatuba, criação e instalação em prédio próprio do Banco do Estado, instalação do Centro de Saúde e Casa da Lavoura, criação e construção do Posto de Puericultura, construção e instalação do Parque Infantil, construção de pontes e abertura de estradas de rodagem em todos os quadrantes do município. Culmina a sua atuação como administrador de Lençóis Paulista, com a criação e instalação em prédio próprio do Ginásio Estadual.

Tantos e tais foram os serviços prestados a este município, que os maiores partidos políticos da vizinha cidade de São Manuel, tais como o P. S. P. e a U. D. N. se coligaram a fim de lançar a candidatura deste ilustre paulista ao cargo de Prefeito da referida cidade, nas próximas eleições. Em virtude de ter aceito essa indicação, foi obrigado a renunciar ao chefe do executivo de Lençóis Paulista, para se descompatibilizar.

Candidato a Deputado Estadual a 3 de Outubro de 1954 o Sr. Geraldo de Barros eleger-se com elevado número de votos, obtidos em diversas cidades do interior.

Sr. Oswaldo Pereira de Barros, Prefeito Municipal de Lençóis Paulista

Nasceu aos 17 dias de setembro de 1903, no município de São Manuel, neste Estado. Filho legítimo do Sr. Antônio Emigdio de Barros e de D. Elisa Pereira de Barros. São seus avós paternos o Sr. José Emigdio de Barros e D. Sebastiana Leopoldina Emigdio de Barros. O Sr. José Pereira Pinto e D. Eva Modesto da Fonseca, foram seus avós maternos, naturais de Botucatu. Fêz seus estudos primários na vizinha cidade de São Manuel. Na Alemanha, cursou e estagiou numa escola de Agronomia. Foi Diretor do Departamento Nacional do Café, dentro do período governamental discricionário do Presidente Getúlio Vargas. Na época em que o Governador Dr. Adhemar de Barros, dirigia os destinos de São Paulo, foi Presidente do Banco do Estado de São Paulo S. A. e por duas vezes Secretário particular do Governador. Já foi representante do Governo de São Paulo, junto ao Governo Federal.

Em 1932, tomou parte ativa no movimento Constitucionalista, servindo na Força Pública de São Paulo, graduado no posto de Cabo observador do serviço aéreo.

É casado com D. Iracema Fabiani de Barros e tem os seguintes filhos: Luiz Antônio de Barros, D. Maria Elisa Mellão casada com o sr. José Mellão e Paulo Fabiani de Barros.

É grande industrial textil no Estado de São Paulo e adiantado fazendeiro de café. Está na conta dos grandes Comissários de café, na praça de Santos.

Em 1951, foi eleito Vereador à Câmara Municipal de Lençóis Paulista e Presidente da mesma. Trabalhou com devotamento pela criação da Comarca de Lençóis Paulista. Em 1955, foi eleito prefeito de Lençóis Paulista, cargo que ocupa nos nossos dias. O pleito foi disputadíssimo, era candidato pela legenda do PSP contra a coligação do PSD, PRP e PTR.

Na sua gestão foi levantado o aterro sobre o Rio das Posses, na Estrada Municipal que liga esta cidade ao vizinho Município de Santa Bárbara do Rio Pardo. É uma obra de grande vulto e de muita necessidade para o transporte que é feito por rodovia ao vizinho Estado do Paraná.

Construiu o Matadouro Municipal, obra moderna e de muita utilidade para Lençóis Paulista. Criou e providenciou junto ao Ministério da Educação e Cultura o reconhecimento da Escola Técnica de Comércio Municipal, que virá trazer muitos benefícios para a mocidade desta cidade.

Iniciou a Estação de tratamento e captação de água no Rio Lençóis, iniciativa de grande valor econômico, sendo considerada a maior obra pública já feita neste município. É um grande amigo das coisas do ensino. Criou e instalou as Escolas Mistas Municipais, nos afas-

tados bairros do Bouqueirão e Rio Claro. Instalou luz, água e rede de esgoto na Vila Mamedina.

Não nós será possível, neste momento de tanta emoção, recordar todos seus passos, nessa carreira que vem realizando à frente do município de Lençóis Paulista.

EXECUTIVO LENÇOÍENSE

Prefeito Municipal — Sr. Oswaldo Pereira de Barros.
Vice Prefeito — Sr. Archangelo Brega.

LEGISLATIVO LENÇOÍENSE

Presidente — Gino Augusto Antonio Bosi — P.S.P.
Vice Presidente — Giacomo Nicolau Paccola — P.S.P.
1.º Secretário — Francisco Garrido — P.S.P.
2.º Secretário — Dionisio Ceschini — P.S.P.
Mario Trecenti, Suplente em exercício — P.S.P.
Afonso Amilcare Andretto, Suplente em exercício — P.S.P.
Herminio Jacon, Suplente e mexercício — P.S.P.
Florindo Coneglian, Vereador eleito em licença — P.S.P.
Antonio Zillo, Vereador eleito em licença — P.S.P.
Vicente Martins, Vereador eleito em licença — P.S.P.
Manoel Lopes — P.S.P.
José Marques Prado — P.S.P.
Irineu Dutra — P.S.P.
Arlindo Torres da Silva — P.S.P.
Anibal Augusto do Carmo — P.S.P.
Tranquilo Momo — P.S.P.

FUNCIONÁRIOS DA PREFEITURA

Evaristo Canova — Secretário.
Enzo Giovanetti (Enio Giovanetti) — Tesoureiro.
Rogerio Giacomini — Lançador.
Antonio Carlos Nelli — Auxiliar de escrita.
Reginaldo Rossi — Auxiliar de Secretário da Câmara Municipal e Prefeitura.
José Giraldi — Contínuo.
Antonio Carvarsan — 1.º Fiscal.
Armando Verones — 2.º Fiscal.
Natal Coneglian, Auxiliar de Fiscalização.
Amadeu Lini, Zelador de Serviço de Água.

CORPO DA GUARDA NOTURNA

Cyro Pedro de Oliveira, chefe da Guarda; Manoel Pereira, José Barbosa, Manoel de Oliveira e Eufrosino da Silva.

RETIFICANDO

Na parte que tratamos da Assistência Social Brasileira, nesta cidade, dissemos que a primeira presidente daquela entidade fôra a Dona. Lina Bosi Canova, quando, ao invêz, foi Dona Maria Luiza Alves Tocci, seguindo-se, depois, aquela ordem.

RUA GERALDO DE BARROS

A atual rua Geraldo de Barros antigamente denominava-se rua do Comercio. Foi justamente aquela que, com a doação de terreno feita pelo Coronel Mamede de Oliveira Rocha, teve o seu prolongamento, ligando a estrada de Potucatu. Mas que, naquela época, não estava representada a força máxima do comercio de Lençóis Paulista.

— ooOoo —

Na parte em que relacionados as casas comerciais desta cidade, escapou-nos mencionar a firma Gislanne Campos Gorgônio, estabelecidos com o ramo de calçados.

OBELISCO

O obelisco que representa o progresso e desenvolvimento de Lençóis Paulista, é da autoria de Paulo Amaury Serralvo, que, por concurso, classificou-se em primeiro lugar.

PAGINA DOS DOADORES

Além dos doadores de terrenos que passaram a constituir o patrimônio da cidade, sendo êles: Elizeu Antunes Cardia, Fidelix Corrêa de Moraes, Antônio Martins Siqueira, Antonio Rodrigues de Souza, Ignacio Anselmo de Souza (1), Antonio Theodoro de Souza, Felipe José Mo-

(1) Ignacio Anselmo de Souza, que tem perpetuado o seu nome numa das vias públicas da cidade, foi esposo de Dona Leopoldina.

Leopoldina, como era conhecida, nos últimos anos de sua existência, entregava água, da "Biquinha", nas residências, a um mil reis à lata de 18 litros.

O nosso informante diz ainda que Leopoldina faleceu numa pobreza extrema, sendo sepultada como indigente.

reira e Lourenço Antonio de Souza, há outros que merecem figurar nesta página.

Barão Mello Oliveira, doador do terreno do Cemitério; Drs. Elias e Gabriel de Oliveira Rocha, doadores dos terrenos onde se edificaram o Hospital N. S. da Piedade e o prédio Jardim da Infância.

Sr. José Garrido Gil construiu o Pavilhão destinado às crianças, anexo ao Hospital N. S. da Piedade, que recebeu o nome de "Myriam", em memória a sua filha.

Sr. Oswaldo Pereira de Barros, doador do prédio Jardim da Infância: "Eliza de Barros".

Deputado Geraldo Pereira de Barros doou o terreno ao plano de Construção do "Clube Recreativo São Paulo".

LENÇÓIS PAULISTA

Como temos tido o ensejo de verificar, Lençóis Paulista passou, politicamente falando, por fases que retardaram o seu progresso. Mas, graças ao seu povo, forjado no trabalho e no constante sacrifício de vencer, ergueu-se como um gigante e, hoje, destaca-se em lugar de conceito no Estado Bandeirante.

A fase de renovação surgiu a Lençóis Paulista, com o ingresso patriótico no seio dos lençoenses, do sr. Geraldo de Barros, Deputado Estadual.

O município liga-se, internamente, por um excelente sistema rodoviário de 1.800 quilômetros. E externamente, pela estrada de rodagem São Paulo, Mato Grosso, Lençóis-Macatuba, Lençóis-Santa Barbara do Rio Pardo e a Capital, pela Estrada de Ferro Sorocabana.

A sede de Lençóis Paulista dista de Santa Cruz do Rio Pardo 36 quilômetros, de Macatuba, 16; Bauru, 49 e de São Manoel 32. Conta ainda com dois campos de aviação: Granja Santa Rita e Fazenda Irara. Campos de

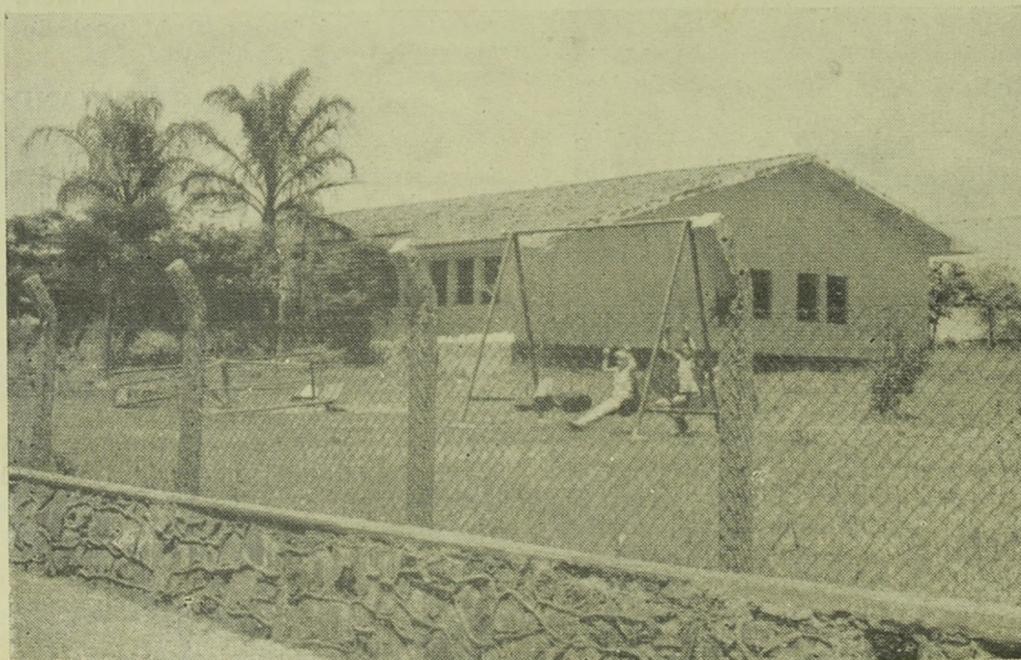
aterisagem, esses, que permitem o pouso a aviões de longo percurso.

A população de Lençóis Paulista é de 5.000 na cidade e 22.000 no município.

A cidade é traçada por magníficas e modernas vias públicas, sendo as principais: 15 de Novembro, Geraldo de Barros, Avenida 9 de Julho, 7 de Setembro, Anita Garibaldi, Floriano Peixoto, Marechal Deodoro, N. S. da Piedade, 25 de Janeiro, Av. Coronel Virgílio Rocha, Ignacio Anselmo, Tibiriçá e outras.

Conta ainda, Lençóis Paulista, com as seguintes Vilas: "Maestra Amelia", Contente, Mmedina, S. Judas Tadeu e Virgilio Capoani.

A cidade constitue-se de 1.300 prédios, sendo os principais: Ginásio Estadual, Matriz, Grupo Escolar, Hospital N. S. da Piedade, Cadeia Pública, Ubirama Tennis Clube, Estação Sorocabana, Banco do Estado, Brasul, Inco e outros de propriedade particular.



Modelar Jardim da Infancia "Eliza de Barros"

Deposito de Aguardente

PACCOLA

ALEXANDRE R. PACCOLA

Aguardentes:

Saipci - Guache

Velha 35

Paccola

Alcool

•

Rua Jorge

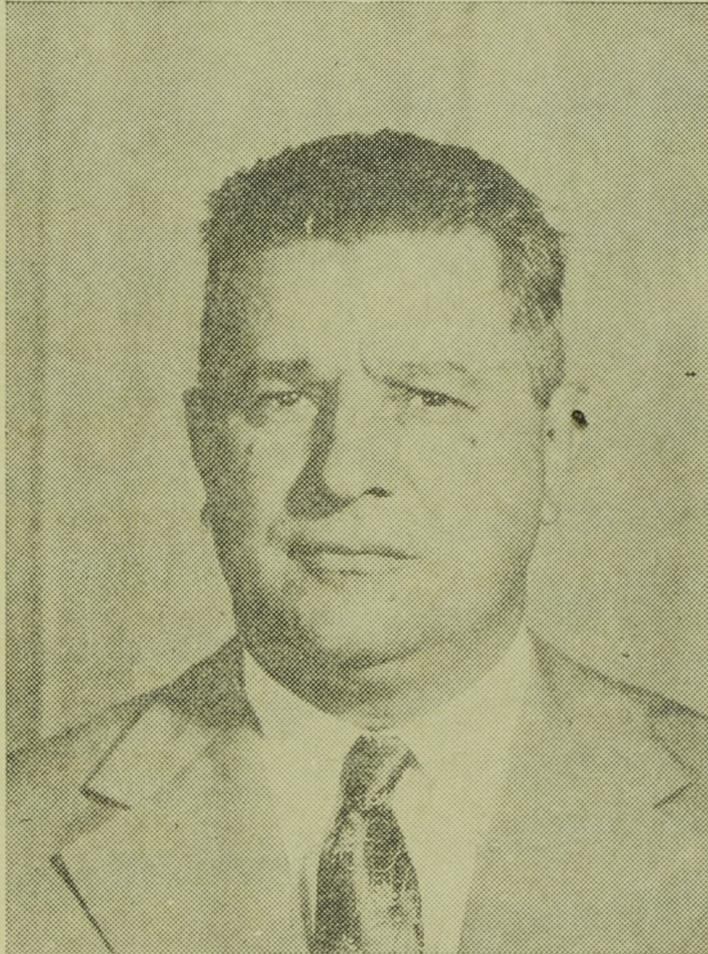
Tibiriçá, 535

Fone, 37 Escritório

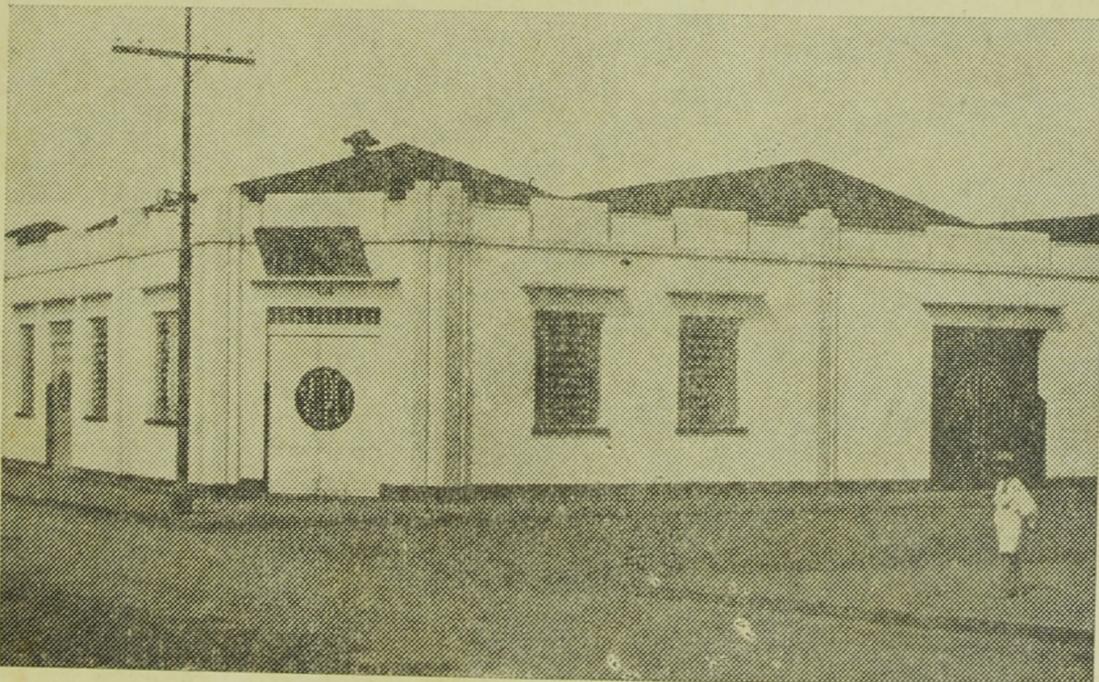
Fone, 42 Depósito

Caixa Postal 22

Lençóis Paulista



Sr. Alexandre B. Paccola



Homenagem da

Casa de Moveis

Moretto

A casa que mobiliou
o nosso Forum



**Dormitórios - Salas de
Jantar - Moveis para
Terraços - Copas -
Salas de Visitas —
Peças avulsas de
todos os tipos
Tapeçaria**



Irmãos Moretto L^{tda.}

R. 15 de Novembro, 634

Telefone 106

Automoveis, Caminhões, Tratores e Implementos Agrícolas



IRMÃOS CARANI LTDA.

revendedores dos produtos FORD

nesta cidade, regozija-se com as autoridades e o povo de Lençóis Paulista pela passagem de seu primeiro Centenário de Fundação.